



**Juliana Müller**

**A Mídia no Esporte de Base: o papel da  
comunicação na natação competitiva do Rio  
de Janeiro**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Comunicação Social da PUC-Rio como requisito  
parcial para obtenção do grau de Doutor em  
Comunicação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Claudia da Silva Pereira

Rio de Janeiro  
Agosto de 2022



**Juliana Müller**

**A Mídia no Esporte de Base: o papel da comunicação na natação competitiva do Rio de Janeiro**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof<sup>a</sup>. Claudia da Silva Pereira**

Orientadora

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

**Prof. Alexandre Augusto Freire Carauta**

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Angela Maria de Randolpho Paiva**

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

**Prof. Ronaldo George Helal**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Prof<sup>a</sup>. Renata Cristina de Oliveira Tomaz**

Universidade Federal Fluminense – UFF

Rio de Janeiro, 19 de agosto de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

## Juliana Müller

Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio (2018/2022). Doutorado sanduíche na Annenberg School for Communication and Journalism - The University of Southern Califórnia (USC), nos Estados Unidos (janeiro/abril 2022). Autora de capítulos de livros e artigos publicados no Brasil e no exterior, entre eles, “The Children of the Revolution, the Nation’s Future: Understanding the Multigenerational Audience of the Rock in Rio Music Festival”, publicado em 2020 no International Journal of Communication (IJoC). Mestre em Comunicação pela PUC-Rio (2016/2018). Integrante do Grupo de Pesquisa JuX - Juventudes cariocas, suas culturas e representações midiáticas, da PUC-Rio. Graduada em Comunicação Social pela PUC-Rio - bacharel em Jornalismo (1996/2000). Como profissional, atuou nas áreas de Comunicação Corporativa e Marketing de diversas empresas e organizações do terceiro setor.

## Ficha Catalográfica

Müller, Juliana

A mídia no esporte de base: o papel da comunicação na natação competitiva do Rio de Janeiro / Juliana Müller; orientadora: Cláudia da Silva Pereira. – 2022.

137 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2022.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Comunicação e esporte. 3. Estudos de mídia. 4. Esporte de base. 5. Natação. 6. juventude. I. Pereira, Claudia da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

*Ao Daniel e à Laura, com amor incondicional.*

## Agradecimentos

À Professora Cláudia da Silva Pereira, minha orientadora, pela relação de confiança, parceria e amizade que só o tempo e a convivência tornam capazes de construir. Muito mais do que em palavras, procuro demonstrar a minha admiração, e o meu agradecimento, nas pequenas ações do dia a dia.

Ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio, em especial, à Professora Tatiana Siciliano e ao Professor Arthur Ituassu, pela confiança e incentivo à realização desta pesquisa.

À CAPES<sup>1</sup> e à PUC-Rio, pelo auxílio financeiro concedido.

Ao Professor Ben Carrington, por ter acreditado no potencial da pesquisa e ter me recebido na *USC – Annenberg School for Communication and Journalism*, para o período de estudos que tanto enriqueceu o trabalho.

Às Professoras Claudia Brutt e Cristina Bravo, de quem me tornei colaboradora e amiga, pelas portas que me abriram.

À Marise Lira e a todos os funcionários do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, pela atenção, cuidado e carinho com que tratam as demandas do dia a dia.

Aos colegas do grupo de pesquisa JuX – Juventudes Cariocas, suas culturas e representações midiáticas, pelas trocas e risadas que tornam o trabalho mais prazeroso.

Aos meus mãe e pai, Ivonete e Beto, pelo apoio, participação e torcida de sempre.

Aos meus filhos, Daniel e Laura, pela parceria sem precedentes na trajetória desta pesquisa.

Às nadadoras e nadadores, seus familiares, às treinadoras e treinadores, pelas informações, apoio e incentivo. Este trabalho é sobre e para vocês.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

Müller, Juliana; Pereira, Claudia da Silva. **Mídia no Esporte de Base: o papel da comunicação na natação competitiva do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2022. 143p. Tese de Doutorado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese se propõe a refletir sobre o papel das mídias no acesso e no incentivo à prática de esportes competitivos por parte de jovens atletas no Brasil. Argumenta-se que, em períodos próximos à realização de cada edição dos Jogos Olímpicos, os meios de comunicação costumam exaltar a necessidade de obtenção de mais apoio ao esporte, desde os anos iniciais da prática, porém, não sustentam esta posição com ações efetivas durante os anos que os sucedem. A mídia (ou a visibilidade midiática) é observada no contexto da construção, da implementação e da manutenção de projetos políticos, culturais e sociais que, por sua vez, afetam projetos de indivíduos ou grupos específicos; ao fazer parte de ações coletivas junto a outros atores sociais, chama atenção o papel da visibilidade midiática na obtenção de resultados positivos em termos de reconhecimento institucional, financiamentos, incentivos e oportunidades em geral provenientes do poder público, da iniciativa privada e da sociedade como um todo. Representação midiática e representatividade social, portanto, são aqui considerados temas bastante interligados. O problema da pesquisa foi identificado a partir de um trabalho de campo preliminar, acompanhando o dia a dia de treinos e competições da natação de base do Rio de Janeiro, e, também, de uma análise realizada em mídias diversas, entre veículos de comunicação de massa, websites e redes sociais de instituições gestoras deste esporte, além de materiais de comunicação inerentes aos clubes esportivos locais – todos, explicitados ao longo do estudo, onde também se procura enfatizar: (a) sua fundamentação teórica em trabalhos sobre a construção social e midiática do conceito contemporâneo de juventude (Groppo, 2000; Pais, 2003; Rocha e Pereira, 2009), e no que é referenciado como a “política cultural do esporte” (Carrington, 2009), (b) sua possível contribuição no sentido de ampliar o campo das pesquisas brasileiras dedicadas às relações entre a comunicação e os esportes (Helal e Mostaro, 2020), e (c) seu potencial para colaborar, pelo viés dos estudos de mídia, com a construção de políticas públicas e privadas que incentivem e ampliem a prática de esportes competitivos - e da natação, em especial – por jovens atletas, no

Rio de Janeiro e no Brasil. A metodologia utilizada se inspira nas propostas de (auto)etnografia analisadas por Carrington (2008) e Pereira (2019), e na construção de questões de pesquisa a partir da noção de “artesanato intelectual” descrita por Mills (1975). A ideia de realizar uma pesquisa complementar nos Estados Unidos surgiu a partir do trabalho de campo preliminar no Brasil, quando este país foi unanimemente citado, em entrevistas e conversas informais com integrantes do meio da natação competitiva, como referência na formação de atletas de base. Os achados deste estudo apontam para a contribuição da mídia em três esferas principais: 1) facilitar o acesso de jovens à prática esportiva; 2) estimular a continuidade do atleta no esporte competitivo; e 3) divulgar e incrementar o ambiente de suas competições.

### **Palavras-chave**

Comunicação e esporte; estudos de mídia; esporte de base; natação; natação de base; juventude.

## Abstract

Müller, Juliana; Pereira, Claudia da Silva (Advisor). **Media Support in Youth Sports: the role of communication in Rio's competitive swimming**. Rio de Janeiro, 2022. 143p. Tese de Doutorado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research aims to reflect on the role of the media in facilitating access and encouraging the practice of youth sports in Brazil. When it comes the time for new editions of the Olympic Games, the Brazilian media tends to highlight the importance of supporting youth sports, however, it does not sustain this position with effective actions throughout the years that succeed them. I also argue that the media, or media visibility, has a very important role in major political, cultural and social projects that, consequently, affect specific projects of individuals or particular social groups; by taking part in collective actions that involve other social actors, media visibility is vital for building a favorable context for obtaining positive results in terms of institutional recognition, funding, incentives and opportunities in general coming from the public authorities, from the private sector, and from society as a whole; so, media representation and social representativeness are here considered as closely intertwined topics. The research problem was identified from a preliminary fieldwork carried out on daily basis in Rio de Janeiro's youth swim teams' practices and meets, besides an analysis of different types of media, among mass communication, websites and social media of swimming federations, and communication materials inherent to such teams - all will be described throughout this text, which also aims to emphasize: (a) its theoretical approaches considering youth studies and the mediatization of the concept of youth (Groppa, 2000; Pais, 2003; Rocha e Pereira, 2009), and also on what I refer to as the "cultural politics of sports" (Carrington, 2009), (b) its possible contributions in the task of expanding the Brazilian field of academic studies dedicated to the relations between communication and sports (Helal e Mostaro, 2020), and (c) its potential to collaborate, through media studies, with public and private policies meant to encourage and expand the practice of competitive sports - and swimming, in particular - by young athletes, in Rio de Janeiro and in Brazil as a whole. The methodology is inspired by the ideas of (auto)ethnography proposed by Carrington (2008) and Pereira (2019) and based on the notion of "intellectual craft" described



by Mills (1975). The idea of carrying out a complementary research in the United States arose from the aforementioned preliminary fieldwork, where the country was unanimously mentioned, in interviews and informal conversations with members of the Brazilian competitive swimming scene (coaches, athletes of all ages and their family members) as a reference when it comes to youth sports, and youth swimming in particular. The research findings point to the media's contribution in three main spheres: 1) to facilitate the access of young people to competitive sports practice; 2) to encourage young athletes to invest in the sport; and 3) to publicize and improve the environment of its meets and tournaments.

### **Keywords**

Communication and sports; media studies; youth sports; swimming; youth swimming; youth cultures.

## Sumário

1. Introdução: a base precisa entrar em pauta.....	12
1.1. Possíveis contribuições .....	29
2. “A gente abre o jornal e só vê futebol”: a vivência que originou a pesquisa .....	33
2.1. Filhas e filhos que se tornam atletas.....	33
2.2. Delimitando o objeto da pesquisa .....	38
2.3. Etapa preliminar: análise da mídia e trabalho de campo .....	43
3. A natação de base: sistemas classificatórios, a construção da juventude e a questão da invisibilidade .....	55
3.1. A construção social e midiática dos jovens contemporâneos.....	56
3.2. Quem são os jovens na natação competitiva .....	63
3.3. Reflexões sobre mídia e materialidade no esporte de base .....	69
3.4. Notas sobre estudos do esporte na Comunicação.....	76
4. Entre o Rio e a Califórnia: o que o campo ensinou.....	79
4.1. As competições da natação de base: comparativos entre as observações no Rio e na Califórnia .....	85
4.1.1. Sobre os sistemas de competições .....	85
4.1.2. A estrutura e o papel da mídia nas competições de base .....	92
5. A “Política Cultural do Esporte”: o cuidado necessário com os anos iniciais da prática.....	109
5.1. Os “prós” e os “contras” no esporte e a organização da base .....	110
5.2. Sobre as instituições gestoras do esporte de base .....	120
5.3. O legado olímpico na formação da base .....	126
6. Considerações Finais.....	132
7. Referências Bibliográficas.....	140

## Lista de figuras

Figura 1: Competições das categorias “Mirim” e “Petiz” acompanhadas em 2019 .....	46
Figura 2: Atletas brasileiros classificados para o Mundial Júnior de 2019, ao lado de alguns treinadores. ....	52
Figura 3: Primeira página da edição do Jornal O Globo em 14/5/1988. (Seletiva Olímpica de Natação) .....	71
Figura 4: website <a href="http://www.surtoolimpico.com.br">www.surtoolimpico.com.br</a> , em 11/6/2021 (Seletiva Olímpica de Natação). ....	72
Figura 5: Matéria sobre a seletiva olímpica de natação norte-americana publicada no jornal <i>The New York Times</i> (junho de 2021) nas versões impressa e digital. ....	73
Figura 6: Painel e mural de avisos de clube no Rio de Janeiro. ....	74
Figura 7: Murais com resultados de competições nos Estados Unidos. ....	75
Figura 8: Visibilidade midiática em caso da ginástica de base. ....	83
Figura 9: Índices da natação de base brasileira em 2022. ....	87
Figura 10: cenas do vídeo produzido por familiares de atletas sobre as medalhas das competições. ....	94
Figura 11: Imagens de competições da natação de base do Rio de Janeiro em 2021. ....	95
Figura 12: Publicações de familiares de atletas, nas redes sociais, sobre a estrutura de uma competição no primeiro semestre de 2022. ....	96
Figura 13: Tendas de clubes nas competições. ....	99
Figura 14: Painéis de avisos nas competições do Sul da Califórnia .....	100
Figura 15: Programas de provas – eliminatórias e finais. ....	101
Figura 16: Medalhas e flâmulas de premiação. ....	102
Figura 17: Premiações separadas por clube, a serem entregues aos treinadores .....	104
Figura 18: Camisas e moletons vendidos nos eventos. ....	105
Figura 19: Camisas e toucas de convocação. ....	107

## 1. Introdução: a base precisa entrar em pauta

A cada nova edição quadrienal dos Jogos Olímpicos de Verão – ou, simplesmente, das Olimpíadas, como o evento é mais conhecido popularmente – diversas mídias brasileiras costumam exaltar a necessidade de se destinar mais apoio e mais investimento ao esporte no país, pois disso dependeriam a descoberta de novos “talentos”, a popularização de modalidades esportivas quase desconhecidas do público e a geração de oportunidades de ascensão para inúmeros jovens atletas. Sendo que estas seriam as diretrizes capazes de transformar o Brasil em uma verdadeira “potência olímpica”. Mas, na prática, o que significa proporcionar “mais apoio” e “mais investimento” ao esporte brasileiro? E qual deve ser o papel da mídia nessa ação que ela mesma propõe?

Estas são as perguntas que norteiam este trabalho. E são objetivos centrais discutir modos pelos quais diferentes mídias podem contribuir com o desenvolvimento do esporte no Brasil, explorando possibilidades no âmbito midiático capazes de transformar a recorrente retórica quadrienal de “mais apoio” em soluções que proporcionem melhorias efetivas à cena esportiva no país.

Esta tese parte da premissa de que a visibilidade midiática precisa abranger os anos iniciais da prática esportiva, ou seja, o nomeado esporte de base, a causa à qual ela se dedica: com uma pesquisa sobre a natação de base do Rio de Janeiro, e um estudo complementar realizado no Sul da Califórnia, nos Estados Unidos, demonstra como diferentes formatos de mídia podem incentivar e melhorar o acesso ao esporte competitivo no Brasil. E, também, que existem inúmeras oportunidades nesse sentido, desde as nomeadas mídias de massa (a televisão, as revistas impressas e eletrônicas, os jornais de grande circulação), passando por soluções de mídia vinculadas às confederações e federações esportivas, até aquelas inerentes às estruturas de clubes, escolas, projetos sociais, iniciativas do poder público e do setor privado.

Primeiro, porque esporte de base muitas vezes já é sinônimo de esporte competitivo e de alto rendimento no país, ou seja, a vertente que forma os medalhistas olímpicos a quem a mídia periodicamente se refere. Vou explicitar esse ponto, começando já por esta introdução. Assim, se falta visibilidade para o esporte de base, faltam também acesso, estrutura e estímulo para a formação de novos

atletas competitivos e, conseqüentemente, faltam os que chegam aos níveis de preparo e de desempenho exigidos para a participação em uma Olimpíada. Segundo, porque o esporte de base é definitivamente o que abrange o maior número de atletas, e porque seus feitos vão muito além de participações e medalhas em Jogos Olímpicos - sendo que este, inclusive, pode até se tornar consequência, mas não é necessariamente o futuro almejado, uma meta de vida comum aos atletas, como revelam alguns depoimentos de nadadoras e nadadores de base colhidos para este estudo. Pretende-se mostrar, por exemplo, que no universo destes atletas existem outras diversas possibilidades de participação e premiação em competições, nacionais e internacionais, e o que falta, em muitos casos é, primeiro, o reconhecimento da sociedade pelas conquistas nestas competições; e segundo, seu entendimento sobre a dimensão que tomam na formação do atleta, o tempo de sua juventude a elas dedicado e o significado que o esporte de base acaba tendo no longo prazo, como definidor de seus estilos de vida (Haenfler, 2014). Nesse contexto falta, inclusive, informação mais acessível para quem já está inserido no meio da natação competitiva: a tese aponta, por exemplo, que mesmo os que já são atletas da natação, e suas famílias, carecem de fontes mais completas e unificadas de informação; e aqueles que buscam uma oportunidade como atletas precisam saber como ter acesso ao esporte competitivo, ou seja, saber por onde começar, quais são as equipes de natação existentes, onde acontecem os treinos e como se candidatar a uma vaga. Essas são algumas das razões pelas quais o estudo aponta que as representações do esporte competitivo na mídia não devem se limitar aos períodos olímpicos, nem aos poucos “heróis” que conquistam suas medalhas. É preciso contribuir, também, para melhorar as possibilidades de acesso ao esporte de base e reconhecer os feitos de seus atletas durante a trajetória percorrida até o pódio olímpico – e, sem dúvida, não se limitar a ele.

Os próximos parágrafos ilustram alguns argumentos que sustentam a tese a partir de um exemplo prático, extraído da nomeada mídia de massa; ao mesmo tempo, apresenta boa parte das questões que serão discutidas ao longo deste estudo que, em muitos casos, se encaminham para ações concretas, no sentido de aumentar a visibilidade midiática do esporte de base, no Rio de Janeiro e no Brasil.

Na sexta-feira, dia 13/8/2021, em sua primeira exibição<sup>2</sup> após o encerramento dos Jogos Olímpicos de Tóquio, ocorrido no domingo anterior, a pauta do programa de reportagens semanais *Globo Repórter*, veiculado nacionalmente e um dos mais tradicionais da TV aberta brasileira<sup>3</sup>, foi mostrar alguns projetos sociais que buscam proporcionar o acesso de jovens ao esporte, à música e ao teatro. Vou focar aqui nos dois projetos esportivos apresentados, ambos sediados em favelas da cidade do Rio de Janeiro. E, também, no comparativo com a realidade dos Estados Unidos apresentada pelo programa.

No bloco de abertura, as apresentadoras Sandra Annenberg e Gloria Maria se alternaram na seguinte locução:

Somos um país onde muitos jovens não encontram oportunidades para desenvolver aptidões e se aprimorar. Nas Olimpíadas, por exemplo, quantas medalhas a mais o Brasil poderia ter ganhado, se mais jovens tivessem recebido incentivo?

E o que aprender com os Estados Unidos, que estão sempre entre os primeiros na lista de medalhas dos Jogos Olímpicos?

Em comunidades pobres, conhecemos grupos dispostos a mudar o destino dos jovens. No teatro, na música, e até em esportes considerados de elite [aparece uma imagem de um rapaz jogando tênis]. Muitas vezes, basta um olhar atento, para quem tem um dom.

Dados apurados para este estudo apontaram que, muitas vezes, um olhar atento é o primeiro passo, para quem tem um dom; mas a formação de um atleta também exige um mínimo (Wacquant, 2002) – que não é pouco - de estrutura de treinamento adequada, de treinadores preparados, de disposição e disponibilidade familiar em termos logísticos e financeiros, de alguma integração entre os calendários escolar e esportivo, e de motivação e reconhecimento constantes por parte de diferentes atores sociais, para que o jovem atleta siga a sua rotina de treinamentos e de competições – entre eles, treinadoras e treinadores, clubes, famílias, federações e confederações esportivas, escolas, órgãos públicos, empresas privadas e, defendendo, também diferentes veículos midiáticos.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=abp6jgBCU4>. Acessado em 6/7/2022.

<sup>3</sup> Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/globo-reporter/>. Acessado em 7/7/2022.

O *Globo Repórter* apresenta, então, um projeto social de surfe sediado na favela da Rocinha, no bairro de São Conrado, começando pela descrição de possíveis “rótulos” fornecidos a esse esporte:

Esporte de malandro, esporte muito caro para um menino de comunidade. A prática do surfe recebe muitos rótulos, mas eles vão desaparecendo aos poucos, ali, no mar; o surfe agora é um esporte olímpico, e o Brasil fez bonito em Tóquio. Nos próximos jogos, quem vai nos representar? Serão eles, as meninas e os meninos da Rocinha, uma das maiores favelas do Brasil?

A imagem de fundo é a de um grupo de surfistas aparentando algo entre sete e quinze anos, chegando na praia com seu instrutor, que se descreve como fruto, também, de um projeto social, e menciona já ter gravado um programa de surfe no exterior para um canal de TV a cabo brasileiro. Depois disso, a matéria destaca a origem humilde do também surfista brasileiro Ítalo Oliveira, que teria começado a praticar em uma tampa de isopor e acabou vencedor de uma medalha de ouro para o Brasil nos Jogos de Tóquio 2020, onde o surfe foi incluído, pela primeira vez, entre os esportes olímpicos. Até aqui, a citação às Olimpíadas no programa é recorrente, como justificativa para o incentivo ao esporte, e como representação do sucesso que deve nortear as metas dos atletas; porém, o próprio atleta que é apresentado como destaque do projeto não menciona as Olimpíadas como um sonho, mas sim, sua vontade de vencer o Campeonato Mundial do esporte, título que pertence a um outro circuito de competições<sup>4</sup>.

Moisés, quinze anos, morador da favela da Rocinha, é apresentado pelo programa como “a grande aposta do projeto”, tendo começado a surfar dois anos antes; o menino diz que a primeira onda em que foi empurrado pelo treinador mudou a sua vida e este, por sua vez, assim descreve o seu atleta: “Hoje em dia o moleque *tá* voando aí, competindo tudo. Ele já *tá* em outro nível, ele não participa mais de escolinha, já é outro tipo de treinamento, de alto rendimento”. O jovem atleta fala sobre o que almeja: “Eu *tô* batalhando nesses dois anos, eu *tô* treinando bastante para ser um campeão, um campeão mundial”. O exemplo de Moisés é usado para ilustrar o perfil dos esportistas retratados neste trabalho, porém, que se encontram inseridos no universo da natação, ao invés do surfe: são as nadadoras e

<sup>4</sup> O Circuito Mundial de Surfe, que possui alguns brasileiros em sua lista de recentes campeões, conforme ilustrado em: <https://ge.globo.com/radicaais/surfe/mundial-de-surfe/noticia/confira-a-lista-dos-campeoes-do-circuito-mundial-de-surfe.ghtml>. Acessado em 27/5/2022.

nadadores que deixaram de ser *alunos de escolinha* para se tornarem *atletas de uma equipe* de natação competitiva, o que já pode acontecer – e, este trabalho vai mostrar que não é incomum – a partir dos sete ou oito anos de idade. No Rio de Janeiro, estas equipes geralmente pertencem a clubes sócio esportivos, entre eles, os maiores e mais conhecidos pelo futebol<sup>5</sup>; seus atletas costumam treinar entre cinco e sete vezes por semana e até duas vezes por dia, não mais com o objetivo de aprender a nadar, mas sim, de competir: as metas passam por aprimorar a técnica, ganhar volume de treino, coordenação motora e força muscular, em programas planejados a partir de um calendário de competições pré-determinado pelas federações e confederações a quem cabe a gestão da natação, respectivamente, nos níveis estadual e nacional.

Na continuação, a reportagem cita a participação do jovem surfista Moisés em um torneio no México, viabilizado financeiramente em uma semana, graças às arrecadações de uma “vaquinha virtual” organizada pela comunidade onde reside. O pai do menino explica: “Teve um morador que fez uma pizza sabor ‘Moisés’, para arrecadar cinco reais de cada pizza que fosse vendida”. E vem a fala de Moisés, sobre seu instrutor: “Meu parceiro, me incentiva pra caramba, pra mim, é o meu segundo pai; ele foi a minha inspiração”. E o atleta conclui: “Se eu conseguir ser campeão mundial, essa vitória não vai ser para mim, vai ser para a galera da favela, para eles também poderem chegar lá, onde eu cheguei”. Por último, a reportagem mostra uma sala de aula na Rocinha, montada com equipamentos doados, onde as crianças inscritas no projeto têm aulas de idiomas estrangeiros e de alfabetização. E afirma que o instrutor ainda não conseguiu patrocínio para o projeto, tirando seu próprio sustento da renda que consegue com aulas particulares de surfe. “A vida de um atleta é cara e no Brasil a gente não tem muito incentivo, nem pelo governo, nem pelas empresas”, diz o treinador. São depoimentos alinhados aos observados na natação competitiva do Rio, e este é um indício que permite acreditar que o estudo detalhado de um esporte de base local pode ajudar a melhorar muitos outros. Tais falas refletem a) o papel fundamental da família e da comunidade ao abraçar a causa dos atletas de base, seja no apoio logístico - por exemplo, alimentação

---

<sup>5</sup> Entre estes clubes estão alguns nominalmente mais reconhecidos, por parte do grande público, como formadores de atletas, ainda que não especificamente pela natação competitiva, tais como Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo; outros clubes de natação, talvez, sejam menos conhecidos, como é o caso do Marina Barra Clube e do Tijuca Tênis Clube.



adequada, deslocamentos para treinos e competições – ou no suporte financeiro, vendendo rifas ou pleiteando descontos em hotéis, quando as competições acontecem em outras cidades (ou em outros países); b) a relação de confiança entre atletas e treinadores que é estabelecida desde cedo; e c) a notada ausência, por parte de quem trabalha com o esporte de base, de programas de patrocínio e incentivo organizados pelos setores público e privado.

Aproveito este último ponto para introduzir outras reflexões do presente estudo: quantas empresas consideraram, recentemente, patrocinar o esporte de base carioca, e a natação, em particular? Se consideraram essa hipótese, será que estudaram possibilidades de exposição e retorno para suas marcas, de alinhamento com valores intrínsecos ao esporte de base, de fidelização de atletas jovens, que se tornam clientes e “embaixadores” a longo prazo – principalmente, nas redes sociais? E os clubes, federações e confederações, por sua vez, estruturam projetos para buscar esse tipo de patrocínio? Já mapearam possibilidades de incentivos menos complexos – como, até mesmo, de permuta em materiais - que poderiam, por exemplo, melhorar a logística das competições? E o que ainda pode ser desenvolvido em termos de políticas públicas que ultrapassam gestões temporárias? O esporte também é visto como alicerce na formação do jovem pelo movimento olímpico em âmbito internacional<sup>6</sup>: como se dá esse apoio no Rio de Janeiro, através da estrutura olímpica herdada dos jogos realizados em 2016?

A pesquisa que será apresentada nos próximos capítulos acaba por demonstrar que existe muito espaço para desenvolver ações de apoio ao esporte de base em todas essas esferas, como em outras que vão sendo mencionadas ao longo do estudo. Faz-se importante pontuar a notada demanda por tais ações por parte de treinadores, atletas e, especialmente, das famílias dos atletas que, os dados indicam, representam a principal fonte de suporte logístico e financeiro sem a qual a natação de base, possivelmente, não aconteceria – pelo menos, não no Rio de Janeiro. Há famílias de atletas de diferentes clubes em busca de reconhecimento e de apoio financeiro, principalmente, nas redes sociais, tanto nos perfis dos pais, nos dos próprios atletas (em posts que, por vezes, parecem escritos por adultos) ou, ainda, em perfis que parecem ter sido criados com o objetivo específico de comunicar os feitos e o dia a dia da natação. São divulgados os tempos e colocações, fotos a sós

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://olympics.com/ioc/olympic-values>. Acessado em 20/4/2022.

ou em equipe, menção aos próximos desafios, agradecimentos a treinadores, busca não necessariamente por um patrocínio contínuo e em dinheiro, mas, muitas vezes, pontual, como, por exemplo, o pedido de financiamento de uma viagem para um campeonato específico ou publicações de agradecimento por doações em materiais de treinamento e trajes de competição. Ao mesmo tempo, observou-se questionamentos sobre este tipo de atividade, tanto em conversas do dia a dia quanto nas próprias redes sociais: não seria muito prematuro atletas tão jovens buscarem patrocínios individuais? Durante a pesquisa exploratória, me deparei com alertas como o *Stories* para os mais de 290.000 seguidores no Instagram do nadador brasileiro Bruno Fratus, medalhista nos jogos Olímpicos de Tóquio, que há muitos anos reside e treina nos Estados Unidos:

Hoje vi algo aqui que me fez pensar (e não foi a primeira vez)

Criança de 11 anos com um perfil de IG [Instagram] administrado pelos pais, todo voltado para uma “carreira” na natação

Acompanhamento nutricional, análises de provas, biomecânicas, agradecimento a apoiadores... pacote completo!

Gente... papais e mães: CRIANÇA TEM QUE SER CRIANÇA!!

Parem de privar seus filhos de uma das experiências mais gostosas do esporte: BRINCAR DE COMPETIR

Entendo que a intenção é a melhor possível...mas o potencial para se criar um trauma é GIGANTE!!

(Visualizado em 28/6/2021)

Parece mais que legítimo o receio de se impor muita pressão aos atletas, desde muito cedo. Mas parece também necessário avaliar outros lados da questão. Por exemplo: será que também não há receio, por parte das famílias, de que o atleta perca uma oportunidade por falta de viabilidade financeira? E se a família de um nadador do Rio de Janeiro não tem como arcar com os custos de deslocamento, estadia e alimentação para participar das competições que acontecem em São Paulo, no Espírito Santo ou em Minas Gerais? Já é esperado, pelos clubes, que seus atletas entre oito e doze anos, por exemplo, participem das competições cujas sedes se alternam, duas vezes por ano, entre os quatro estados da Região Sudeste do Brasil, e são consideradas no meio da natação competitiva como um primeiro passo rumo aos Campeonatos Brasileiros, que já começam aos treze anos e requerem o que é chamado de índice: um tempo mínimo que o atleta precisa ter atingido em cada

prova, em competições oficiais anteriores, que o torna elegível a participar de tais torneios, organizados pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, gestora da natação a nível nacional.

Poucos meses após a referida publicação no Instagram, durante as entrevistas que sucederam a conquista da medalha de olímpica de bronze na prova mais rápida da natação – os 50 metros nado livre – o próprio Fratus declarou publicamente que se tornar um nadador olímpico foi uma decisão que tomou aos onze anos de idade, e que exigiu dedicação e sacrifícios desde então<sup>7</sup>. Ao levantar esse ponto, o objetivo não é fornecer uma resposta precisa, muito menos criticar qualquer posicionamento público de quem se dispõe a olhar para os cuidados necessários com os jovens atletas. A intenção é demonstrar que a questão precisa ser discutida e que diferentes meios de comunicação podem ajudar nesta tarefa. E, aqui, são expostas outras duas ideias contidas neste trabalho: a) que não são necessárias soluções complexas: websites dos clubes, federações e confederações, por exemplo, poderiam ser fontes mais completas de informação, e b) para o esporte de base, patrocínios em equipe talvez façam mais sentido do que individuais, pois reforçam o lado coletivo do esporte, e pertencer a um grupo é tão relevante para o jovem atleta como para as demais culturas juvenis (Pais, 1993; Pereira & Beleza, 2018); além disso, democratizam a verba de apoio, reduzem a pressão por resultados em um único atleta tão jovem e evitam a perda de talentos por falta de motivação ou disponibilidade financeira, já que “muita coisa pode mudar”, numa citação às falas de treinadoras e treinadores, acessados durante a pesquisa, quando se referem ao fato de que, não necessariamente, os atletas com os melhores tempos aos onze ou doze anos manterão essa condição em categorias etárias futuras.

O segundo projeto social exibido na referida edição do Programa *Globo Repórter* ensina crianças do Complexo de Favelas do Alemão, no Rio de Janeiro, a jogar tênis e aqui, como no exemplo do surfe, são citados apenas os pontos da reportagem inerentes ao contexto deste trabalho. O primeiro é que as aulas acontecem numa quadra “emprestada” e “improvisada” da Vila Olímpica, e as imagens que acompanham a locução mostram o que parece ser uma quadra

---

<sup>7</sup> Um exemplo pode ser encontrado em: <https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/fratus-celebra-sonho-realizado-e-deixa-recado-ao-brasil,f856c66c619a0e2e9124755ccaa7e1leg8yha739.html>. Acessado em: 22/7/2022.

poliesportiva, e não uma quadra de tênis. Tal exemplo aborda mais uma questão que atravessa este estudo: como tirar o máximo proveito da estrutura criada no Rio de Janeiro, nos últimos anos, para sediar dois dos maiores eventos internacionais multiesportivos – os Jogos Pan-Americanos de 2007 e as Olimpíadas de 2016? Como ela é – ou pode ser – usada para desenvolver o esporte de base? Na natação, pelos dados apurados, há uma estrutura já usada para treinamento dos atletas identificados como sendo os de potencial olímpico, onde talvez haja espaço beneficiar, também, atletas mais jovens e ainda em estágio de inicial de formação; a tese propõe uma discussão nesse sentido, em especial, de pensar se tal estrutura não poderia ser usada para abrigar pelo menos algumas das principais competições anuais da natação de base do Rio de Janeiro.

“A gente tem, sim, essa mensagem para as crianças, que elas podem ser o que elas quiserem; elas podem ser tenistas, ou qualquer outra profissão [...] falta incentivo, né; a gente não tem um apoio, um patrocínio”, diz um dos organizadores do projeto, que ressalta seu sonho de ainda ler a seguinte manchete nos jornais: “jovem do Morro do Alemão ganha um campeonato fora do país” (aqui, novamente, a referência de sucesso, não necessariamente, é a de uma medalha olímpica). A fala remete à noção de que o reconhecimento do atleta é alcançado por meio da mídia, de uma “manchete nos jornais”, o que diz algo sobre a importância da visibilidade midiática na obtenção de representatividade social e, portanto, sobre as consequências, também, de sua invisibilidade. E o repórter finaliza: “Todas as crianças com quem conversamos [alunos do projeto] pensam no esporte apenas como trampolim para uma vida melhor”.

Uma pergunta, nesse sentido, poderia ser: de fato, em que termos se daria a “vida melhor” a ser proporcionada a estes jovens através do esporte, no Rio de Janeiro e no Brasil?

O *Globo Repórter*, então, sugere que a ausência de integração entre os sistemas educacional e esportivo no Brasil impede a descoberta e o desenvolvimento de jovens atletas no país. Para fundamentar seu argumento, apresenta, primeiro, o depoimento de uma especialista brasileira em educação<sup>8</sup>:

---

<sup>8</sup> Claudia Costin, apresentada, na reportagem, como especialista em educação e ex-diretora de educação do Banco Mundial.

O Brasil precisa de mais políticas públicas para desenvolver seus talentos. Talentos, pouquíssimos são inatos, eles se desenvolvem quando há um ambiente fértil. Sem uma boa política educacional, que olhe tanto para a criança que está na escola quanto para seus pais, nós não conseguimos garantir que milhares de ‘Rebecas’, milhares de ‘Ítalos’ possam surgir e ter chance de desenvolver seus talentos, ou seus sonhos de futuro [a referência é à medalhista Rebecca Andrade e Ítalo Ferreira, vencedores de medalhas de ouro olímpicas para o Brasil, respectivamente, na ginástica artística e no surfe]”.

Em seguida, exibe dados sobre o funcionamento de tal integração nos Estados Unidos, tanto na locução do repórter quanto nas falas de alguns de seus entrevistados; estas chamam atenção, justamente, para o ponto que este trabalho mais pretende ressaltar – o fato de que a mídia é uma alavanca importante na formação destes atletas. Alguns trechos da reportagem se encontram reproduzidos abaixo:

Repórter:

Os Estados Unidos terminaram mais uma Olimpíada em primeiro lugar. Se a gente olhar a história dos jogos, eles têm agora mais de duas mil e quinhentas medalhas, o segundo lugar está mil medalhas atrás, e o caminho para essa esmagadora vantagem passou por pistas como essa daqui [o repórter está sobre uma pista de atletismo de uma escola]; é nas escolas e nas universidades que são criados os heróis do esporte americano [...] Só de basquete, são 350 times universitários nos Estados Unidos [...] Olheiros das universidades já saem em busca de atletas nas escolas [...] Os jovens atletas norte-americanos, tem rotinas de atletas profissionais, treinos diários, jogos semanais, competições nacionais. Mas como é possível manter uma estrutura dessas? Escolas e universidades bancam tudo?

Treinador escolar:

Tem o poder do dinheiro por trás disso. A empresa de tênis que nos patrocina permite que os garotos voem para qualquer lugar do país, e joguem todos os torneios; o retorno aparece nas mídias sociais, e os estímulos só aumentam.

Repórter:

As instituições de ensino investem no esporte como marketing; atraem estudantes e aumentam o interesse por sua marca [...] E ainda há um enorme campo de trabalho para quem pratica esportes na escola, mas não se torna um profissional.

Treinador universitário:

Temos 17 programas de esportes diferentes aqui [na universidade onde trabalha]. Mas há universidades com trinta, até quarenta.

Técnico escolar:

Eu joguei basquete a vida toda mas não cheguei à NBA [a liga de basquete profissional dos Estados Unidos]. Então, comecei a atuar como técnico, e adoro.

Atleta-bolsista universitária:

Eu escolhi este programa [numa referência à instituição escolhida] pois achei que ele tinha um bom equilíbrio entre a parte acadêmica e o treinamento esportivo.

Mãe de atleta escolar de 15 anos, já agraciado com uma bolsa universitária:

Meu filho pode ser atleta ou advogado. Eu só quero que ele saiba que as portas foram abertas graças ao esporte.

No que se refere ao escopo deste trabalho, três pontos desta reportagem podem ser destacados: primeiro, que não são somente os jovens atletas norte-americanos que “têm rotinas de atletas profissionais, treinos diários, jogos semanais, competições nacionais”. Se a reportagem chegasse à natação de base do Rio de Janeiro, que foi justamente a cidade-sede de boa parte de sua investigação jornalística, concluiria que esta afirmação se aplica perfeitamente a seus atletas, e já a partir dos oito ou nove anos de idade; e, aí, poderia ressaltar que essa vertente já se encontra estabelecida (mesmo que ainda possa ser expandida), e o que falta é o apoio estrutural, logístico, financeiro e midiático que a própria reportagem identificou nos Estados Unidos. Segundo, seria interessante que o programa evidenciasse que projetos sociais, como os dois apresentados, representam portas de entrada importantes para diferentes práticas esportivas no Brasil, assim como também o são escolinhas de academias e de clubes esportivos. Mas, a partir do momento em que se destaca na prática (o que depende, necessariamente, da observação de um treinador) o jovem precisará ser encaminhado para uma equipe que pertença a algum tipo de liga onde tenha a oportunidade de competir e continuar a desenvolver suas aptidões no longo prazo. Então, é necessário abrir caminhos entre as diferentes escolinhas e tais equipes, para a canalização desses atletas. Por último, ao abordar a integração entre as estruturas educacional e esportiva

identificada nos Estados Unidos, a reportagem poderia também mencionar o fato de que tal estrutura tem chamado atenção de muitos atletas de base brasileiros, e de suas famílias, que nela enxergam, entre outros benefícios, a oportunidade de conciliar a rotina acadêmica e os treinos diários, e de ganhar bolsas de estudo integral onde o bom desempenho no esporte é considerado como critério de admissão. Esse foi assunto unânime e recorrente durante as entrevistas conduzidas, e conversas presenciadas, no meio da natação competitiva. E também é fato que a pesquisa se deparou com muitos atletas que optaram por deixar o Brasil para estudar e treinar nos Estados Unidos, principalmente na transição entre o Ensino Médio e o início da vida universitária, ou seja, aos dezessete ou dezoito anos, faixa etária limitante do escopo da pesquisa, conforme será explicitado mais à frente.

Muito antes da exibição deste episódio do programa *Globo Repórter*, o projeto desta pesquisa já contemplava a realização de um período de estudos de um semestre nos Estados Unidos. Foi uma decisão tomada pela conjunção de vários fatores; o primeiro deles era a minha vivência prévia pessoal como estudante no país em meados dos anos 1990. Na escola pública onde concluí o Ensino Médio havia quadra coberta de basquete, campos de futebol, de futebol americano e de beisebol, todos com amplas arquibancadas, sala de lutas e pista de corrida que era aberta aos moradores da cidade fora do horário escolar. E, também, sala de troféus, fotos de competições importantes, hall da fama com registros de equipes de diferentes modalidades esportivas e homenagens a alunos-atletas que nelas se destacaram. Era lá que muitos adolescentes da comunidade (e eu me incluí entre eles) passavam também boa parte de seus fins de semana. Alguns porque tinham amigos nos times e eram fãs de esporte; outros, simplesmente, para socializar em grupo e passar o tempo, atividades das mais intrínsecas à rotina dos jovens (Pais, 2003). À época, lá não havia piscina; mas, anos depois, no Natal de 2019, durante uma de minhas visitas à família e amigos que lá deixei, e com o projeto desta pesquisa já em andamento, descobri que uma parceria entre a minha antiga escola e a piscina pública local havia viabilizado a formação de sua equipe de natação. Consegui entrevistar seu técnico durante o intervalo de um treino – sim, era feriado escolar de Natal, mas também era o meio da temporada e a equipe foi treinar. Recebi a primeira de muitas “aulas” sobre o sistema de natação de base norte-americano – que vou narrar com detalhes, mais à frente. E saí daquela conversa certa de que

seria uma peça importante do meu projeto estudar um sistema como aquele, onde o esporte parecia estar bem mais enraizado na cultura e nos projetos locais do que eu já vinha observando na realidade brasileira. E foi aí que planejei o trabalho de campo no país, que a pandemia Covid-19 só me permitiu realizar dois anos depois.

Nessa mesma época – a virada entre os anos 2019 e 2020 – tive um artigo publicado pela Escola de Comunicação e Jornalismo<sup>9</sup> da *University of Southern California* (Müller, 2020), e daí surgiu o segundo fator que estimulou a realização do estudo complementar nos Estados Unidos. Interessada em conhecer melhor o corpo docente daquela instituição, cheguei ao Professor Ben Carrington e sua pesquisa *Cultural Politics of Sports*, que se interessou pelo meu projeto e aceitou me receber como pesquisadora visitante. A pergunta de Carrington (2020) era tão direta quanto sua afirmação: “Os esportes são políticos? [...] Quando falamos sobre esportes, levantamos questões sobre acesso: quem pode jogar, quem financia o esporte, quem está apto a treinar. Então, fundamentalmente, embora gostemos de pensar em esporte e política como atividades distintas, as questões que envolvem acesso são, essencialmente, questões políticas”<sup>10</sup>. O estágio em que já se encontrava a minha pesquisa me permitiu concordar com o seu argumento, como também indagar o quanto decisões tomadas com base em aspectos políticos e culturais já impactam jovens atletas, desde os anos iniciais de sua formação em uma prática esportiva. E, particularmente no contexto da natação de base, proponho que a mídia auxilie no encaminhamento de pelo menos uma delas junto ao poder público, à iniciativa privada, às instituições gestoras do esporte e à sociedade como um todo: a melhoria do acesso a piscinas públicas e privadas para a realização de treinos e competições das equipes da natação de base. Ainda sobre este ponto, entendi, também, que a aproximação acadêmica com estudiosos de um país onde os esportes se encontram tão enraizados na cultura local, como é o caso dos Estados Unidos, poderia representar uma contribuição efetiva aos estudos dedicados à relação entre a Comunicação e os Esportes no Brasil, considerado, há não muito tempo, como um campo ainda em formação (Gastaldo, 2010; Helal, 2011), e que propicia espaço

---

<sup>9</sup> Annenberg School for Communication and Journalism.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VXtQ7TDPGwo>. Acessado em 5/1/2020. Tradução livre do original: *When we talk about sports, that raises questions about access: who gets to play, who pays for the sports, who gets to coach. So, in quite a fundamental way, even though we like to think about sports and politics being different, questions of access are, essentially, political questions.*



para evidenciar o ineditismo em uma série de abordagens – em especial, até onde esta pesquisa foi capaz de mapear, daquelas dedicadas a outras modalidades esportivas, que não o futebol.

O terceiro fator que apontou para a relevância de estudar o contexto da natação de base dos Estados Unidos foram os dados colhidos durante o trabalho de campo preliminar realizado no Brasil, e que ajudou a fundamentar o projeto desta pesquisa. Tanto em entrevistas programadas quanto nas interações do dia a dia com treinadoras e treinadores, atletas e seus familiares, os Estados Unidos foram unanimemente citados como referência, em comentários positivos, quando os assuntos eram o incentivo à natação de base, a qualidade dos clubes, a organização das competições, o acesso à estrutura de treinamento de primeira linha, o reconhecimento aos atletas e às oportunidades de futuro por eles alcançáveis através do esporte, em paralelo ao curso da educação fundamental, do Ensino Médio e do período universitário. Gosto de citar exemplos concretos nos quais fundamento algumas colocações, e por isso, já se encontram inseridos, neste momento introdutório, trechos de alguns destes depoimentos:

Abrangência. Essa é a palavra-chave. Aqui [nos Estados Unidos] tem mais piscina, tem mais clubes, tem mais universidades com atletas; então, a conta é simples: se tem mais gente treinando, com estrutura melhor, a probabilidade de encontrar um Michael Phelps, um [Cesar] Cielo, é maior. E se tem mais gente treinando, tem mais mercado, mais oportunidade para encontrar trabalho vinculado ao esporte”.

Foi o que me disse um ex-atleta formado na natação de base carioca, que cursou uma universidade nos Estados Unidos com bolsa integral, por ter sido selecionado para sua equipe de natação; fixou residência no país depois disso e lá se tornou treinador. Na época da entrevista, estava cursando o doutorado e integrava a comissão técnica de uma equipe universitária. O que ele e outros treinadores me contaram estava em linha com alguns dados colhidos durante uma pesquisa exploratória on-line; como, por exemplo, que a *USA Swimming*, instituição gestora da natação nos Estados Unidos, informava contar com 400.000 membros e 2.800 equipes, tendo como objetivo “[...] promover a cultura da natação, criando oportunidades para que nadadores e treinadores de todas as origens participem e

avancem no esporte por meio de equipes, eventos e educação”<sup>11</sup>. O site da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CDBA), por sua vez, exibia à época nomes e logomarcas dos clubes a ela vinculados, onde minha contagem manual indicou a existência de 338 clubes associados, alguns contando com menos de dez atletas federados<sup>12</sup>. Com isso, fez sentido afirmar que a escolha dos Estados Unidos para o trabalho de campo se deu não somente pelos resultados positivos obtidos por seus atletas de alto desempenho nas Olimpíadas e em outras competições internacionais; mas, principalmente, pela ampla estrutura que lá se encontra disponível para a difusão e a prática da natação competitiva. Na verdade, o primeiro indicador sempre me pareceu consequência do segundo, e esta também era a opinião do referido treinador brasileiro que atuava no país. Um dos meus objetivos, então, era usar o período que passaria nos Estados Unidos para validar essa hipótese em maior escala, entender qual era o papel da comunicação e da mídia, propriamente dita, nesta ampla estrutura que lá cerca o esporte de base, e a natação em particular, identificando soluções que poderiam ser adaptadas à realidade brasileira, dentro do objetivo de melhorar as condições do esporte de base no país.

Seguindo com os exemplos práticos, abaixo, um nadador e uma nadadora, ambos com dezenove anos, comentam por que haviam desistido do esporte competitivo recentemente, quando cursavam o último ano do Ensino Médio e se preparavam para o Enem<sup>13</sup>:

Não tem escolha. No Brasil, ou você é jogador de futebol, ou você estuda. É quase isso, assim. Porque você não vê futuro como nadador, a não ser que você seja o Cesar Cielo, você não vê futuro como remador, como jogador de basquete. Como jogador de vôlei, ainda um pouquinho. E, assim, parece que qualquer esporte é inimigo da escola. Quando, na verdade, lá nos Estados Unidos, pelo que eu sei, as coisas andam juntas, sabe. É completamente

<sup>11</sup> Fonte: <https://www.usaswimming.org/Home/about/usa-swimming>. Acessado em 30/7/2019. Tradução livre do original: “[...] promotes the culture of swimming by creating opportunities for swimmers and coaches of all backgrounds to participate and advance in the sport through teams, events and education”.

<sup>12</sup> Fonte:

<https://novo.cbda.org.br/clubes/index?filtro=natacao&tipo=&federacao=&descricao=&page=1&per-page=100>. Acessado em 3/8/2019 e revisado em 21/12/2020.

<sup>13</sup> O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi instituído em 1998 pelo Governo Federal Brasileiro, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica, sendo que a nota de um aluno em tal exame é usada como critério de admissão em muitas universidades brasileiras. Fonte: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>. Acessado em 5/7/2022.

diferente, essa relação de aluno com o esporte. E aqui uma coisa é inimiga da outra.

E aí, para eles [treinadores] era uma coisa do tipo ‘nossa, por que você está faltando ao treino para estudar?’. E aí, na escola, é ‘por que é que você não foi bem na prova? Porque você estava nadando, é isso mesmo?’ Então eles não conversam, não se batem. [...] A natação vira um obstáculo para você estudar.

Por último, um nadador de base do Rio sugere um caminho para incrementar o meio do qual estava se despedindo, pois em poucos meses ingressaria no curso de Engenharia de uma universidade nos Estados Unidos, onde havia conquistado uma bolsa de estudos integral por meio de sua equipe de natação, pela qual passaria a competir a liga universitária do país:

Não precisa de muita coisa, de nada complicado. A gente tem modelos em outros lugares do mundo que dão certo. É basicamente copiar esses modelos. Nos Estados Unidos, por exemplo, eles fazem tudo para [qualquer competição] ser um evento grandioso. E aí você olha para uma seletiva americana, um evento de natação americano e fala ‘caraca, tudo deles é grandioso’. [...] E dava para fazer isso no Rio também.

No Sul da Califórnia, o estudo em solo norte-americano foi conduzido, tive a oportunidade de observar o funcionamento de tais modelos inserida no dia a dia da natação de base, assim como já vinha fazendo no Rio de Janeiro. Esse foi o quarto – e último – motivador que cito para concretizar a temporada no país. Meu filho e minha filha, respectivamente, então com onze e oito anos de idade, foram aceitos para integrar uma equipe competitiva de natação norte-americana. Lá, treinaram, competiram, socializaram e fizeram amigos através da natação, como já vinham fazendo no Rio, o que me permitiu acompanhar, nos dois países, a rotina do esporte de perto e partir da mesma condição – a de pesquisadora-mãe de atleta, ou *insider*, para usar a nomenclatura local.

O capítulo inicial, “*A gente abre o jornal e só vê futebol: a vivência que originou a pesquisa*”, explica justamente o fato de que a ideia para o estudo surgiu depois que meu filho mais velho se tornou um nadador federado no Rio de Janeiro, no início de 2019, aos oito anos de idade – caminho que a mais nova também seguiu, dois anos depois; procura, também, demarcar seu recorte e a metodologia utilizada, a fim de elucidar sua proposta, seu foco, seus objetivos e suas possíveis contribuições.

Na sequência, em *“A natação de base competitiva: sistemas classificatórios, a construção da juventude e a questão da invisibilidade”*, a ideia de juventude é apresentada como um conceito social e midiaticamente construído que não é determinado por uma única faixa etária, onde diversos atores sociais fazem uso de tal volatilidade - entre eles, a própria mídia. O conceito é usado para reforçar o recorte etário proposto nesta pesquisa, de considerar atletas a partir de oito anos como sendo os jovens no meio da natação competitiva. Num plano mais abrangente, pretende-se instigar discussões sobre quem são, de fato, os jovens que atualmente despertam a atenção das mídias brasileiras; possivelmente, propondo novas formas de enxergá-los, e novos espaços para representá-los.

O título do capítulo seguinte já o resume: *“Entre o Rio e o Sul da Califórnia: o que o campo ensinou”* é o espaço que apresenta a maior parte dos achados do trabalho de campo conduzido entre o Rio de Janeiro e a citada região. É aqui que reforço o argumento de que existem soluções nem tão complexas, nos âmbitos da comunicação e da mídia, capazes de incrementar a cena do esporte de base no Rio de Janeiro – e da natação, em especial. E que estas despertam, sim, a atenção do jovem. Num momento em que as preferências dos jovens são normalmente representadas pela associação à tecnologia e ao meio digital, a pesquisa demonstra, com base nas observações do campo, que ainda há interesse (e muito) por “coisas”, intrínsecas à materialidade dos objetos, sendo que muitas contribuem para a sensação de pertencimento do jovem a um grupo, (Pereira & Beleza, 2018) e o reconhecimento à sua condição de atleta.

Por fim, *“A ‘Política Cultural do Esporte’: o cuidado necessário com os anos iniciais da prática”* revela formas pelas quais aspectos políticos e culturais intrínsecos aos esportes – e à natação de base, em particular – acabam por interferir já nos primeiros anos de sua prática. Argumenta que, no âmbito do desenvolvimento do esporte de base (e, como sempre, da natação, em especial), parecem não faltar instituições dedicadas à causa, mas sim, um planejamento articulado e consolidado entre elas; o que inclui fontes de informação sobre suas atividades e as oportunidades que já oferece àqueles que podem se tornar, ou já se encontram, na condição de jovens atletas. Por último, propõe-se um olhar para questões de acesso às piscinas, públicas e privadas, já existentes na cidade do Rio de Janeiro, que poderiam ser usadas não só para treinamentos e competições dos

jovens atletas, como também para ampliar o número de nadadoras e nadadores de base na cidade.

As “Considerações Finais”, por sua vez, apontam para possíveis caminhos pelos quais é possível refletir sobre formas de contribuição efetiva da mídia no desenvolvimento do esporte e, particularmente, da natação de base; para isso, são considerados três eixos principais: a facilitação do acesso de jovens atletas às práticas esportiva; 2) o estímulo da continuidade do atleta no esporte competitivo; e 3) a divulgação e melhoria do ambiente de suas competições.

### **1.1. Possíveis contribuições**

Conforme já mencionado, destaco a possibilidade deste estudo contribuir com a expansão e a diversificação das pesquisas sobre as relações entre Comunicação e Esportes no Brasil, argumentando que a demanda por uma ampliação do campo de estudos sobre os esportes não só faz sentido, como se faz ainda mais necessária no contexto de uma cidade como o Rio de Janeiro, onde uma estrutura física foi criada, nos últimos anos, para sediar pelo menos dois dos maiores eventos internacionais multiesportivos – os Jogos Pan-Americanos de 2007 e as Olimpíadas de 2016. A ideia é que novas pesquisas nessa área possam contribuir com a concepção de planos de utilização destas estruturas para a formação de jovens atletas.

Entendo que estudos nesse campo apresentam potencial, inclusive, no sentido de identificar soluções para que tal estrutura possa ser revertida em benefícios para a população, de modo geral – que poderia, por exemplo, utilizá-la para entretenimento e interação com diferentes modalidades esportivas, ao presenciar suas competições. Por essas razões, almejo que esta tese possa contribuir, de forma prática e efetiva, com a construção de políticas públicas e privadas capazes de incentivar a prática de esportes, especialmente por parte de jovens atletas locais, e da população, por sua vez, em prestar-lhes audiência. A tese poderá funcionar, também, como incentivo e futura referência, para trabalhos de outros pesquisadores que venham a se interessar pela relação entre esportes e juventude, e sua interação com o campo da comunicação.

Considerando a abrangência, ou ambiguidade (Sodré, 2014) dos estudos acadêmicos na área da comunicação, apresento, em um exercício de sistematização, as principais questões a serem abordadas pela pesquisa:

- (1) A ausência de cobertura significativa de veículos de comunicação de massa para as competições e demais atividades relacionadas à rotina da natação competitiva de jovens atletas do Rio de Janeiro.
- (2) A escassez de informações institucionais sobre a natação de base nos websites, redes sociais e demais meios de comunicação das instituições gestoras da referida atividade a níveis estadual e nacional, e de seus clubes filiados.
- (3) Possibilidades de (re)criação de programas de patrocínio para estes atletas e de financiamento para participação em torneios estaduais, nacionais e internacionais, que possibilitem seu acesso a competições de grande porte, independente da condição financeira de suas famílias.
- (4) Possibilidades de revisão das políticas de acesso a espaços públicos com piscinas olímpicas e semiolímpicas no Rio de Janeiro, para que permitam a realização de treinamentos e/ou competições destes atletas. Tais competições têm potencial para se tornarem opções de entretenimento para moradores e visitantes da cidade, além de despertarem o interesse do público e, conseqüentemente, maior audiência para o esporte.

Entendo que tais questões identificam o papel da mídia dentro de um conjunto de atores sociais que, envolvidos em todo o processo, conduzem a conquistas e resultados positivos (Becker, 1977). O argumento, portanto, é que a visibilidade nestas diferentes mídias poderia proporcionar uma série de benefícios aos atletas, já nos anos iniciais da natação competitiva. E, também, o reconhecimento social que poderia incentivá-los a procurar oportunidades para estruturar futuras carreiras em torno do esporte, não apenas como atletas de alto rendimento ou “promessas olímpicas”, mas também como treinadores, gestores de

instituições, desenvolvedores de tecnologias e outras atribuições conectadas à natação competitiva.

Para além da construção de atletas de nível olímpico, a esta pesquisa interessam a organização institucional da natação competitiva no Estado do Rio de Janeiro e a sua inserção na vida dos atletas, a partir dos anos iniciais da prática; o dia a dia de treinamentos, os objetivos das competições e a reunião destes atletas em equipes; a natação competitiva como atividade definidora da rotina dos jovens atletas e do planejamento de suas famílias; e as diversas formas de socialização tão fundamentais às culturas juvenis (Pais, 2003) por ela proporcionadas. Aqui, evidencio o alinhamento entre o tema escolhido para a tese e a linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio ao qual me encontro vinculada desde o mestrado: “Comunicação e Representação - Representações midiáticas das juventudes”, cujo objetivo principal é analisar as representações das juventudes nos meios de comunicação<sup>14</sup>.

Pretendo demonstrar, através do estudo de caso específico destes jovens nadadoras e nadadores, que há uma série de grupos, reunidos em torno de práticas esportivas, que talvez não recebam a devida atenção por parte da mídia. E, por consequência, seu modo de vida, suas conquistas, seus anseios, dificuldades, sonhos e ambições não ganham a visibilidade que poderia proporcionar tanto o reconhecimento geral da sociedade, como também benefícios e incentivos por meio de instituições públicas e privadas. E, assim, entendo que uma análise como esta, aqui proposta, de uma dimensão *micro*, como é o caso da natação competitiva, pode contribuir para uma reflexão sobre o contexto *macro* (Goffman, 1982) das atuais representações das juventudes atualmente privilegiadas pela mídia; em outras palavras, pretendo que desta pesquisa possam surgir questionamentos que extrapolam o universo analisado, como, por exemplo: se jovens como os nadadores federados não contam com o apoio da mídia, há outros que o conquistam? Se sim, quem são eles? E como são representados?

Almejo, assim, que as conclusões desta pesquisa tenham potencial para colaborar também, de forma estruturada e crítica, com a fundamentação de

---

<sup>14</sup> Disponível em: [http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/progcom-projetos\\_pesq.html](http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/progcom-projetos_pesq.html). Acessado em 8/7/2020.

discussões em torno das representações de jovens que atualmente encontram espaço nas mídias brasileiras.



## **2. “A gente abre o jornal e só vê futebol”: a vivência que originou a pesquisa**

Este primeiro capítulo se propõe a explicar como surgiu a ideia de realizar o presente estudo, o trabalho de campo preliminar que o fundamentou e a justificativa para desenvolvê-lo, em especial, levando em conta o contexto particular da cidade do Rio de Janeiro como sede recente de dois dos maiores eventos multiesportivos do mundo – os Jogos Pan Americanos de 2007 e as Olimpíadas de 2016; especifica, também, as referências metodológicas em que se inspirou durante a apuração dos dados e sua posterior sistematização, originando as questões a serem apresentadas e discutidas nos capítulos seguintes.

### **2.1. Filhas e filhos que se tornam atletas**

Descrevo, aqui, a vivência pessoal que originou a pesquisa: em janeiro de 2019, meu filho mais velho, à época com oito anos de idade, foi convidado a integrar a equipe de natação competitiva<sup>15</sup> de um dos clubes sócio esportivos da cidade do Rio de Janeiro; não foi o único: tivemos conhecimento que receberam o mesmo convite, naquele momento, pelo menos outros seis nadadores e nadadoras com idades similares. Ele já tinha aulas na escolinha de natação deste mesmo clube, duas vezes por semana, onde o intuito primário era, simplesmente, aprender a nadar. Ao final de 2018, assim como em anos anteriores, houve um festival de natação da referida escolinha, evento onde alunas e alunos de diferentes turmas se apresentam de forma amistosa, nadando em diferentes estilos. Em ocasiões como essa, desfilam uniformizados, cantam o hino nacional com o público, as bandeiras do Brasil e do Rio de Janeiro são hasteadas, e há ainda fotos oficiais, discursos de professores de natação, entrega de medalhas por participação<sup>16</sup> e lanche oferecido aos participantes.

O convite surgiu após sua participação no referido festival, e não envolveu formalidades; foi feito de forma verbal, diretamente por aquele que passaria a ser o

---

<sup>15</sup> Em muitos momentos do texto, vou me referir apenas à “equipe”, como ocorre no meio da natação: o termo já subentende o fato de que se trata do grupo competitivo (e, em quase todos os casos, federado, conforme explicarei mais à frente).

<sup>16</sup> Em eventos das escolinhas de natação, geralmente não são ainda contados tempos ou colocações das alunas e alunos.

seu treinador: primeiro, uma rápida conversa comigo (naquele dia, era eu a responsável presente no clube), certificando-se de que não me oporia; na sequência, um bate-papo somente entre ele e meu filho que, sorriso aberto, me disse que “topou” na hora. Ele sabia que podia contar com a família, pois já havia manifestado este desejo e ela, o de apoiá-lo. No decorrer da pesquisa, conversei com mães e pais que tiveram filhas e filhos convidados para outras equipes, e narraram um processo de ingresso bastante similar.

Foi assim que meu filho e outros colegas deixaram de ser *alunos da escolinha* para se tornarem *atletas da equipe*. Passaram a ter *treinos* (e não mais, *aulas*) com até duas horas de duração, de segunda a sexta-feira<sup>17</sup> e, geralmente, em períodos próximos às competições mais importantes, também nos fins de semana e em alguns feriados. Começaram, então, a treinar não somente para *aprender a nadar*, como também, para *aprender a competir*, a partir de um planejamento estruturado por cada treinadora ou treinador, que costuma levar em conta o calendário anual de torneios determinado pela FARJ e pela CBDA<sup>18</sup>, proporcionando períodos de recesso entre uma e duas semanas nos meses de julho, e outras três durante as festas de fim de ano. Ganham de suas famílias, sob a orientação dos técnicos, materiais de treinamento próprios usados de forma individual – pés de pato, *snorkel*, prancha, óculos profissionais de natação - e ganharam também a responsabilidade de os organizar à beira da piscina, no início dos treinos, e de guardá-los de volta em suas sacolas, ao seu final. Receberam uniformes com a marca do clube, muitos deles, financiados pelas famílias<sup>19</sup>, incluindo itens que possuem a inscrição individual do nome próprio ou do apelido de cada atleta, tais como a touca usada em competições e a parca que os aquece após a saída da piscina. Passaram a integrar, assim, um grupo composto por nadadoras e nadadores com idades similares, de ambos os sexos, que estudam em escolas diversas mas que, mesmo assim, se encontram quase todos os dias durante

---

<sup>17</sup> Ao longo da pesquisa, identifiquei que os outros clubes do Rio possuem rotinas de treinos muito similares, assim como nos Estados Unidos, cujos achados serão descritos no capítulo 3.

<sup>18</sup> Siglas, respectivamente, da Federação Aquática do Estado do Rio de Janeiro e da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, entidades gestoras da natação e dos demais esportes aquáticos competitivos (polo aquático, nado sincronizado, saltos ornamentais e maratonas aquáticas), nos níveis estadual e nacional.

<sup>19</sup> Apurou-se que há clubes que providenciam alguns itens do uniforme sem custo para as famílias, em especial, aqueles que garantem a visibilidade de suas marcas no pódio de premiações, tais como camisa, bermuda ou calça, e o casaco.

boa parte do ano e possuem objetivos em comum, e que ainda viajam juntos, vez por outra, para competirem sob a bandeira do mesmo clube; nessas circunstâncias, acabam por se tornar amigos para além da natação: frequentam as casas uns dos outros, participam de suas comemorações de aniversário, se desentendem, também, de vez em quando. Dividem experiências sobre jogos de aplicativos e criam seus grupos próprios no *WhatsApp*, saem juntos para o cinema, entre inúmeras outras formas de socialização reconhecidamente próprias às culturas juvenis (Pais, 1993). A aproximação entre os atletas, por sua vez, resulta também na aproximação de suas famílias, e, conseqüentemente, no revezamento das caronas para os treinos, nas torcidas conjuntas durante as competições, na organização logística das viagens necessárias e da agenda de eventos de confraternização. Foi a inserção neste contexto que me despertou para as questões que originaram esta pesquisa.

Dois anos mais tarde, em fevereiro de 2021, foi a vez de minha filha mais nova seguir o mesmo caminho, seis meses antes de completar oito anos de idade. Hoje, portanto, tenho filha e filho que são atletas de base da natação em categorias etárias distintas; como ainda se encontram na faixa que vai até os doze anos, costumam participar das mesmas competições, restritas à Região Sudeste do Brasil, porém, em horários diferentes – geralmente, mais novos no turno da manhã, iniciando o aquecimento às sete horas; e mais velhos à tarde, tendo início às 13 ou 14h, podendo estender até à noite nos dias de disputas de provas de longa distância. Na prática, isso significa que é conveniente ter dois adultos disponíveis em dias de torneio, alternando-se com os atletas, pois é cansativo permanecerem durante dois ou três dias inteiros em um clube, acompanhando os irmãos, e ainda competirem, com períodos muito limitados de descanso. Em alguns dos locais que abrigam tais eventos, isso é possível, pois fornecem estrutura, por exemplo, para banho e alimentação, mas, mesmo assim, não representam a condição ideal. Com isso, integrantes de uma mesma família se organizam para fornecer este suporte, ou famílias distintas se apoiam nesse sentido. Em 2023, se desejar permanecer na condição de atleta, meu filho passará a integrar a categoria a partir de 13 anos, o que implicará em um calendário de competições diferente, que já engloba todo o país. E aí a necessidade de apoio logístico se intensifica, pois seus torneios serão disputados em dias e locais diferentes daqueles de sua irmã mais nova. Percebi, no

campo, que há muitas outras famílias com mais de um nadador ou nadadora, e que passam pela mesma situação.

Estamos, agora, em meados de 2022. Depois da recente temporada de quatro meses nos Estados Unidos, encerrada em abril deste ano, onde ambos integraram uma equipe de natação local, meus filhos passaram a treinar com um novo grupo, também, em nosso retorno ao Rio. O mais velho acaba de completar doze anos, e já dá sinais de “[...] estar em algum lugar entre a infância e a idade adulta”, que é como Rocha e Pereira (2009, p.21) se referem à adolescência. Mudaram de equipe, mas mantiveram muitos amigos, fizeram novos e, na medida em que estão crescendo, a natação parece ocupar um espaço cada vez maior em suas vidas, para além das interações na borda da piscina. E aqui cito um achado do campo a ser ressaltado: me parece interessante que a natação de base seja considerada como esporte coletivo, apesar de sua natureza notadamente individual. As medalhas e conquistas<sup>20</sup> individuais em torneios representam, sem dúvida, motivadores importantes para os atletas; mas elas são consequência, em grande parte, de um ambiente favorável que os jovens encontram em suas equipes para manter a rotina de treinamentos, e que não se limitam ao tempo dentro da piscina ou aos treinos físicos – englobam, também, as conversas durante os deslocamentos (as caronas, como mencionei, podem se tornar constantes), as brincadeiras nos intervalos, a combinação de programações pós-treino, os planos para a viagem do próximo campeonato fora da cidade; em outras palavras, a sensação de pertencimento ao grupo é aqui tão fundamental quanto em outras culturas juvenis (Pais, 1993; Pereira & Beleza, 2018). Voltarei a este ponto mais à frente, quando proponho uma reflexão, por exemplo, sobre a possibilidade de se pensar em patrocínios coletivos para as equipes nos anos iniciais da natação de base, em vez de contemplar somente os atletas que apresentam melhor desempenho durante uma temporada.

Ao explicitar a origem da ideia, procurei também fornecer uma descrição detalhada do processo de ascensão à condição de nadador de base, por ter considerado importante ressaltar a dimensão que toma na vida dos jovens atletas, e

---

<sup>20</sup> Uma conquista importante é a redução do tempo do atleta em cada prova que compete. Atletas das categorias etárias mais jovens da base já são ensinados sobre o objetivo de reduzir seus tempos, ao máximo, a cada competição. Em um exemplo bastante genérico: se uma atleta de dez anos nada a prova de 50 metros livre em 39 segundos no Campeonato Estadual de Inverno, que acontece sempre no mês de julho, é esperado que ela reduza este tempo, em pelo menos alguns centésimos, na competição seguinte.

de suas famílias. É uma realidade similar à que Messner (2009) já havia observado, quando seus filhos integravam equipes de futebol e baseball na Califórnia - e que, possivelmente, se aplica ainda a outras modalidades esportivas, em diferentes contextos culturais. Expor tal dimensão, portanto, me pareceu um dado importante para o entendimento do que esta tese se propõe, no sentido de considerar a mídia como um ator social relevante ao desenvolvimento do esporte de base no Brasil.

Autores que referencio também citam vivências pessoais como inspiração, ou como parte integrante da própria construção de seus objetos de estudo. Para citar alguns, (a) Wacquant (2002), que ao se matricular em uma academia de boxe de Chicago, acabou por realizar um amplo estudo sobre a realidade daquele esporte para os praticantes que lá conheceu, majoritariamente negros e de baixa renda; (b) Pereira (2019), que se apoia, principalmente, na obra de Ellis (1999) para identificar a autoetnografia como caminho metodológico para as narrativas de suas próprias pesquisas, a partir do momento em que identificou suas filhas como potenciais informantes, mediante um determinado objeto de investigação; e (c) Peirano (2014), quando afirma que:

“[...] a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem” (Peirano, 2014, p.379).

Durante o percurso, também me deparei com autores que fazem uso de suas próprias experiências em estudos profundamente conectados ao tema que me propus a investigar. Entre eles, (1) Morgan (2006), que encontrou nas trocas de ideias com seus estudantes universitários um motivador para escrever sobre as considerações morais que julga necessárias às práticas esportivas (em especial, às práticas esportivas competitivas); (2) Messner (2009) e sua dupla condição de pesquisador e pai de jovens jogadores de baseball e futebol (*soccer*), usada para, entre outras questões, enfatizar as formas pelas quais a prática de esportes competitivos acaba por gerir boa parte das rotinas das famílias dos jovens atletas; e (3) Wiltse (2007) que deixa para as últimas linhas de seu trabalho a menção à sua relação pessoal, e memória afetiva, relativas às piscinas públicas norte-americanas que tornou objeto de estudo.

Vivências pessoais já haviam atravessado trabalhos anteriores (Müller, 2020; Beleza, Müller & Pereira, 2019) e foram determinantes para o desenho deste estudo, mas entendo que estão longe de defini-lo por completo. Procuo, então, refleti-las ao longo da pesquisa, ao situar os momentos de narrativa autobiográfica – ou, (auto)etnográfica<sup>21</sup> – dentro do contexto mais amplo que os justificam (Carrington, 2008); em outras palavras, em diversos momentos do texto, faço uso da primeira pessoa para demonstrar as formas pelas quais a minha inserção pessoal no meio pesquisado se tornou fundamental para o levantamento de dados, e a consequente formulação das questões e reflexões apresentadas. O processo de elaboração de tais questões é inspirado na noção do “artesanato intelectual” descrito por Mills (1965, p.211), onde o autor generosamente expõe o seu próprio processo de trabalho, desde o entrelace entre suas muitas notas e os aprendizados extraídos dos livros, lembrando ao leitor sobre a opção feita por muitos cientistas sociais de não separarem “[...] seu trabalho de suas vidas. Encaram a ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra”.

## 2.2. Delimitando o objeto da pesquisa

No Rio de Janeiro, a liga da natação competitiva onde se inserem os atletas contemplados neste estudo se encontra sob a gestão da Federação Aquática do Rio de Janeiro – FARJ, filiada à Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), instituição responsável pela gestão do esporte a nível nacional que, por sua vez, é vinculada à FINA - a Federação Internacional de Natação, entidade reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional como administradora das competições internacionais nos desportos aquáticos. Existem, no Rio, competições geridas por outras instituições<sup>22</sup> mas que, até onde este estudo mapeou, representam eventos pontuais e sazonais, e que não necessariamente englobam exclusivamente a natação – tais como os Jogos da Juventude, promovidos pelo Comitê Olímpico

---

<sup>21</sup> Os parênteses parecem ter sido usados no intuito de explicitar a ideia central do trabalho (Carrington, 2008), no que se refere ao uso tanto da etnografia quanto da autoetnografia: ambos os métodos fazem sentido quando usados para descrever aspectos inerentes a um contexto de pesquisa mais amplo como, por exemplo, o mapeamento de um contexto histórico, ou a criação de identidades e de pertencimentos.

<sup>22</sup> O capítulo “A Política Cultural do Esporte” traz mais informações sobre tais eventos, em especial, sobre os JEB’s.

Brasileiro (COB) ou os Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's), retomados em 2021 pelo Governo Federal, após dezessete anos sem uma nova edição.

Alguns destes eventos foram observados durante a pesquisa, o que permitiu concluir que muitos dos nadadores e nadadoras que deles participam já fazem parte deste grupo de atletas federados abordados na pesquisa – ponto este que será retomado mais à frente.

Uma federação esportiva é uma organização não governamental que agrega todos os envolvidos em determinada modalidade, como atletas, árbitros, ligas profissionais e outras entidades. Ela representa os afiliados em instâncias superiores, como organizações desportivas nacionais e internacionais. Um atleta federado é aquele que se filiou a federação do esporte que pratica, pagando uma taxa para manter-se associado. Somente assim, ele está apto a participar de competições profissionais. Como em todas as profissões, que possuem seu conselho de classe, o atleta tem a federação para se apoiar e para buscar melhorias de condições e oportunidades. No Brasil, cada estado possui a sua federação em determinado esporte. A nível nacional, a organização passa a ser feita por confederações. São as federações que articulam os interesses dos seus filiados junto às confederações. A cada ano é necessário renovar a filiação e, assim, manter o status de atleta federado. [...] Qualquer atleta, seja ele com uma longa carreira ou recém-iniciado no mundo esportivo, tem inúmeros benefícios ao se filiar a uma federação. A partir dali ele é reconhecido como profissional e tem sua classe oficialmente reconhecida<sup>23</sup>.

Em linhas gerais, tornar-se um nadador federado no Rio de Janeiro significa inscrever-se formalmente na FARJ. Para isso, é preciso que o atleta seja selecionado por um treinador para integrar a equipe de natação de um dos clubes a ela vinculados<sup>24</sup>.

O processo de federação tem início mediante envio de documentação do atleta e pagamento de uma taxa de manutenção anual<sup>25</sup>. Os próprios clubes

---

<sup>23</sup> Fonte: <https://atletasnow.com/confira-as-vantagens-de-se-tornar-um-atleta-federado/>. Acessado em 18/12/2020. Julguei a inserção deste texto necessária e elucidativa, no sentido de explicitar o que significa ser um atleta federado, e assim facilitar o entendimento do objeto de estudo desta pesquisa.

<sup>24</sup> Como foi mencionado na Introdução, entre estes clubes estão alguns nominalmente mais reconhecidos, por parte do grande público, como formadores de atletas, ainda que não especificamente pela prática da natação competitiva, tais como Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo; outros clubes são menos conhecidos, possivelmente, por não possuírem equipes esportivas profissionais, como é o caso do Marina Barra Clube, do Tijuca Tênis Clube. Em julho de 2022, o site da CBDA informava a existência de catorze clubes federados no Estado no Rio de Janeiro, e não foram encontrados dados no site da FARJ.

<sup>25</sup> Em março de 2021, o valor desta taxa foi de cerca de R\$280,00.

costumam se encarregar dos aspectos logísticos junto à federação, mas os financeiros, em grande parte, ficam a cargo das famílias dos atletas, tais como o pagamento da referida taxa, e outros custos existentes ao longo de cada temporada: por exemplo, as taxas de inscrição das provas competidas<sup>26</sup>, os deslocamentos para campeonatos estaduais e interestaduais, hospedagem, alimentação, uniformes e materiais de treinamento. A maior parte dos atletas se torna federada a partir dos oito anos de idade<sup>27</sup> e, desde então, é dividida em diferentes categorias a partir de seus respectivos anos de nascimento, tanto para fins de treinamento quanto de competições.

No Brasil, há uma nomenclatura específica que divide os atletas por categorias, e ainda por subdivisões nestas categorias, em função do ano de seu nascimento (por exemplo, as subdivisões “Petiz 1” e “Petiz 2”, na categoria “Petiz”). Cito estas nomenclaturas em alguns momentos dos próximos capítulos, principalmente, durante as narrativas etnográficas. O texto mais didático e elucidativo encontrado durante a pesquisa, sobre tais divisões, constava de um website<sup>28</sup> editado por um simpatizante da natação competitiva:

Como em todo o mundo, os nadadores são agrupados por faixa etária. Essa divisão vem desde 1993, quando a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos alterou as terminologias e faixas de idade para se aproximar do formato europeu. A idade que é informada significa que o atleta terá esta idade até o dia 31/12 do ano corrente. Ou seja, é muito natural encontrar nadadores com 11 e 12 anos nadando a mesma prova num determinado dia, porque o atleta de 11 anos ainda não comemorou seu aniversário naquele ano.

PRÉ-MIRIM: até 8 anos

MIRIM 1: 9 anos

MIRIM 2: 10 anos

PETIZ 1: 11 anos

<sup>26</sup> A FARJ cobra uma taxa de atuais R\$28,00 por cada prova que um atleta disputa em uma competição. Cada atleta, geralmente, chega a competir entre seis e oito provas, em cada uma das competições previstas no calendário anual: dois torneios estaduais, dois da Região Sudeste, e entre quatro e seis locais. Caso a família não possa arcar com o custo de todas as provas indicadas pelo treinador, pode solicitar a ele/ela uma redução no número de provas competidas e, assim, reduzir o custo de inscrição. Alguns clubes possuem a política de pagar as provas de revezamento competidas por seus atletas, que podem representar entre uma e quatro das provas, a cada competição.

<sup>27</sup> Durante o trabalho de campo que será descrito, percebi que havia atletas com idade inferior a oito anos em alguns torneios, competindo algumas provas específicas (talvez, já a nível preparatório). Este ponto ainda será investigado, mas, em termos quantitativos, não parece representativo para o estudo proposto.

<sup>28</sup> <http://www.regrasdenatacao.com.br/as-categorias-no-brasil/>. Acessado em 22/7/2019 e revisitado em 3/11/2020.



PETIZ 2: 12 anos  
 INFANTIL 1: 13 anos  
 INFANTIL 2: 14 anos  
 JUVENIL 1: 15 anos  
 JUVENIL 2: 16 anos  
 JUNIOR 1: 17 anos  
 JUNIOR 2: 18 e 19 anos  
 SÊNIOR: 20 anos em diante

Nos “comentários” desta fonte, encontravam-se listadas uma série de dúvidas de leitores sobre como “profissionalizar” filhos na natação, e como introduzi-los nos campeonatos destinados a essas faixas etárias; os leitores também relatam a dificuldade em conseguir informações nesse sentido e pedem dicas sobre clubes onde deveriam inscrever seus filhos, para dar-lhes a chance de competir pelo esporte.

Para citar um exemplo, no intuito de quantificar este grupo: no Campeonato Estadual de Verão de 2019<sup>29</sup>, somente nas categorias denominadas “Mirim 1 e 2”, que contemplam os atletas entre oito e dez anos de idade, foi anunciada a presença de oitocentos participantes<sup>30</sup>, competindo em cinquenta diferentes tipos de provas, incluindo as diversas metragens, estilos e revezamentos. O site da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos<sup>31</sup>, por sua vez, menciona a existência de quatorze clubes federados no Estado do Rio de Janeiro, sendo doze deles, na capital. Não foram encontrados dados sobre o número de clubes ou atletas federados no site da Federação Estadual.

As informações sobre as divisões por faixa etária na natação norte-americana foram encontradas no website da *USA Swimming*, gestora da referida modalidade esportiva a nível nacional<sup>32</sup>; faziam parte de um glossário com terminologias sobre a natação local que acabou sendo consultado em diversos momentos desta pesquisa, tornando-se útil, também, à condição de mãe de atleta que logo se integraria ao meio da natação daquele país e que, portanto, precisava se

<sup>29</sup> Os Campeonatos Estaduais ocorrem duas vezes por ano: os de inverno (julho) e os de verão (dezembro). São tidos como eventos bastante relevantes no calendário de competições, por englobar atletas de todo o Estado do Rio de Janeiro.

<sup>30</sup> Este foi o número de atletas inscritos mencionado por um dos gestores da FARJ em um rápido discurso, realizado durante a competição. Não encontrei tal número divulgado oficialmente, porém, minhas observações durante o acompanhamento presencial do evento, indicam que, de fato, havia muitos participantes, que pode ter chegado a oitocentos atletas.

<sup>31</sup> <https://cbda.org.br/clubes/natacao?uf=19>. Acessado em 19/12/2020 e revisado em 22/7/2022.

<sup>32</sup> Fonte: <https://www.teamunify.com/capast/UserFiles/File/Terminology.pdf>. Acessado em: 10/8/2021.

familiarizar com seus termos e siglas. E que imaginou, ainda, que a existência de um documento similar, relativo ao contexto brasileiro, poderia beneficiar atletas e familiares que ingressam no esporte<sup>33</sup>.

As categorias etárias na natação norte-americana, ou *age groups*, na denominação local, seguem uma divisão diferente daquelas existentes no Brasil. A nível nacional, os grupos são os seguintes: Até 10 anos (*10-under*); 11-12, 13-14, 15-16, e 17-18 anos de idade. As principais diferenças encontradas em relação ao modelo brasileiro são, primeiro, o fato das categorias etárias, nos Estados Unidos, serem mais amplas: na prática, há atletas que acabaram de completar onze anos, por exemplo, que competem junto com outros que completarão treze no dia seguinte ao fim do torneio – enquanto, no modelo brasileiro, competem entre si apenas atletas nascidos em um mesmo ano (por exemplo, a categoria Petiz II engloba os atletas com doze anos de idade, significando que, no ano de 2022, correspondia somente àqueles nascidos em 2010). A segunda diferença fundamental encontrada entre as categorias etárias nos dois países é o fato de que, nos Estados Unidos, as gestoras locais<sup>34</sup> da natação – tais como a *Southern California Swimming*, na região pesquisada – têm a liberdade de dividi-las de outras formas, que considerem mais conveniente, de acordo com os diferentes contextos de suas competições locais. Tais aspectos serão explicitados no capítulo “Entre o Rio e o Sul da Califórnia: o que o campo ensinou”, que narra mais detalhadamente o trabalho de campo realizado no acompanhamento de competições no Brasil e nos Estados Unidos. Por ora, as faixas etárias dos atletas são citadas no intuito de delimitar o objeto de estudos da pesquisa: nos dois países, foram contemplados os atletas da natação de base, desde a sua entrada nas equipes competitivas – o que ocorre geralmente, a partir dos oito anos no Brasil, e dos seis ou sete nos Estados Unidos – até os dezessete ou dezoito anos, quando geralmente optam por ingressar, ou não, no ciclo universitário, refletindo sobre a participação da natação neste processo.

---

<sup>33</sup> Durante a trajetória da pesquisa, era comum surgirem ideias inerentes à sua premissa de contribuição da comunicação e da mídia com o fomento e o acesso à natação de base. Algumas ideias, como esta, acabaram sendo mencionadas como reflexões, ao longo do texto, junto a outros dados apurados.

<sup>34</sup> São as divisões administrativas de nível local da natação, com responsabilidades de supervisão dentro de certos limites geográficos. A pesquisa entendeu serem equivalentes às Federações Estaduais no Brasil, como é o caso da FARJ, no Rio de Janeiro. A diferença estaria no fato de que alguns Estados norte-americanos terem a gestão da natação ainda subdividida em diferentes regiões. Este é o caso de *Southern California Swimming*, gestora da modalidade no Sul do nomeado Estado.

### 2.3. Etapa preliminar: análise da mídia e trabalho de campo

Comecei a notar a escassez de visibilidade midiática sobre a natação competitiva em âmbitos e circunstâncias diversas, que passo agora a explicitar. Em primeiro lugar, me pareceu uma tarefa difícil encontrar informações institucionais sobre a natação competitiva, em especial, a natação de base, no Rio de Janeiro e no Brasil. Por exemplo: com que idade um nadador deve começar a competir? E como fazê-lo? Quais são os custos com os quais a família precisa arcar? E como esses jovens devem lidar com a pressão das competições? Como suas famílias podem ajudar? Precisam de acompanhamento nutricional? E de que forma estes atletas podem conciliar a natação competitiva com a educação escolar, e o início da vida universitária, uma vez que tal prática esportiva não faz parte dos currículos escolar ou universitário brasileiros, mas sim, é gerida por clubes sócio esportivos? Foram dúvidas que me ocorreram, na condição de recente mãe de atleta, e me chamou atenção não conseguir respondê-las com informações disponíveis, por exemplo, nos websites e redes sociais das instituições gestoras dos esportes aquáticos, ou dos clubes que abrigam as equipes competitivas. Mesmo nas redes sociais dedicadas aos esportes, ou mesmo de simpatizantes que costumam reunir informações sobre a natação competitiva (por exemplo, treinadores e ex-nadadores), não localizei informações sistematizadas que respondessem às minhas questões.

Também realizei um trabalho de campo ao longo do ano de 2019, tendo estado presente em competições de atletas de diferentes categorias etárias. A maioria foi realizada no Rio de Janeiro, sendo que duas aconteceram em outros estados, porém, com a participação de atletas fluminenses. Algumas contaram com a participação de jovens nadadoras e nadadores que já começavam a ser convocados para eventos internacionais e, de outras, participaram até mesmo aspirantes a vagas para os Jogos Olímpicos que se realizariam em Tóquio, Japão, no ano seguinte<sup>35</sup>.

Ao mesmo tempo em que presenciei tais competições, procurei por suas aparições em diversos veículos de comunicação, em especial, acompanhei as matérias jornalísticas e anúncios publicitários que compõem o caderno de esportes do Jornal *O Globo*. Escolhi este veículo por entender que faria sentido começar com o principal jornal do Rio de Janeiro, tendo sido, ainda, anunciado à época como o

---

<sup>35</sup> Evento adiado para o ano de 2021, em função da pandemia causada pelo vírus Covid-19.

jornal com maior circulação total (digital e impressa) do Brasil<sup>36</sup>. Não encontrei nenhum tipo de divulgação sobre estas competições; localizei, apenas, uma menção a uma delas, em matéria publicada quando já havia sido encerrada, e sobre a qual questionarei, mais à frente, a pertinência do enfoque fornecido.

Cada evento presenciado me fazia levantar novas questões para as quais não encontrava respostas prontas, e que por essa razão ajudam a compor este estudo. Por exemplo: se são escassas as informações disponíveis sobre a natação competitiva no Rio de Janeiro, quem, de fato, tem acesso à sua prática? Jovens que possuem ex-nadadores em suas famílias e que, por isso, possuem contato prévio com o esporte? Sócios dos clubes privados que contam com equipes competitivas? Sobre as instituições gestoras do esporte, qual é a sua missão enquanto atores sociais? Os espaços públicos com piscinas olímpicas e semiolímpicas na cidade, incluindo legados dos Jogos Pan-Americanos (2007) e dos Jogos Olímpicos (2016), eram usados para a formação de atletas de base? Por que não abrigavam suas competições mais importantes, se era notória a falta de locais adequados para realizá-las?

Foram estas as principais competições que acompanhei presencialmente, durante o ano de 2019<sup>37</sup>, no sentido de fundamentar este estudo:

- Primeira Etapa do Circuito Celebridade “Mirim e Petiz”, realizada nos dias 30 e 31 de março, no Olaria Atlético Clube, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.
- Campeonato Sudeste “Mirim e Petiz” de Natação, realizado entre os dias 3 e 5 de maio, no Minas Tênis Clube, na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, MG.
- Terceira Etapa do Circuito Carioca / Celebridades “Mirim e Petiz” de Natação, realizada nos dias 25 e 26 de maio, no Clube Vasco da Gama, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

<sup>36</sup> Matéria publicada em 23/01/2020: *O Globo termina 2019 como líder do país*.

<sup>37</sup> O calendário completo de competições de todas as categorias, previstas pela FARJ (Federação Aquática do Rio de Janeiro) está disponível em: <http://www.aquatica.org.br/event/1a-etapa-do-circuito-celebridade-mirim-e-petiz/>. Acessado em 23/7/2019.

- Campeonato Estadual “Mirim e Petiz” de Inverno de Natação, realizado entre os dias 5 e 7 de julho, no Marina Barra Clube, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.
- Campeonato Brasileiro Absoluto de Natação 2019 - Troféu Brasil Maria Lenk, realizado entre 16 e 21 de abril, no Parque Aquático Maria Lenk, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.
- Campeonato Brasileiro Interclubes “Júnior” de Verão – Troféu Julio de Lamare, realizado entre 4 e 8 de novembro, no Clube de Regatas do Flamengo, bairro da Lagoa, cidade do Rio de Janeiro, RJ.

Sintetizo, primeiramente, as notas a respeito das quatro competições listadas que se referem às categorias “Mirim” e “Petiz”. Na sequência, tratarei das duas competições que frequentei somente como observadora, fora da condição de mãe de atleta.

Desde a ida à primeira destas competições – a que foi realizada no Olaria Atlético Clube em março de 2019 – me chamou atenção a grande quantidade de atletas, de faixa etária entre oito e doze anos, reunidos em torno do objetivo comum de competir pela natação. Por orientação de famílias mais experientes, eu já havia impresso o documento nomeado como “balizamento”<sup>38</sup>, que fica disponível no site da FARJ às vésperas da realização de cada competição, onde constam a ordem das provas e os nomes e tempos prévios (quando há) dos atletas nelas inscritos. Assim, já imaginava encontrar, por exemplo, um grupo de cerca de 150 atletas das categorias “Mirim 1” e “Mirim 2” competindo em mais de 100 provas distintas<sup>39</sup>, junto às equipes técnicas de seus clubes, com alguma torcida de integrantes de suas respectivas famílias; mas uma coisa é ver seus nomes listados em um documento; outra, bem diferente, é acompanhá-los presencialmente e em ação, aquecendo na piscina, recebendo orientações de seus técnicos, reunindo-se em pequenos grupos para jogar algo enquanto aguardam seu momento de competir; notar seus sorrisos

---

<sup>38</sup> Os balizamentos das competições que acompanhei estavam sempre disponíveis no site da FARJ, com alguns dias de antecedência. O da referida competição, especificamente, encontrava-se disponível no link:

<http://www.aquatica.org.br/event/1a-etapa-do-circuito-celebridade-mirim-e-petiz/>  
Acessado em 29/3/2019.

<sup>39</sup> Geralmente, pelo regulamento da FARJ, um atleta pode competir em até seis provas diferentes, durante uma competição.

por irem ao pódio, ou por melhorarem seus próprios tempos em uma prova, na corrida do nadador contra ele próprio, que objetiva baixar seus próprios tempos, para além da colocação final em uma prova. Eram rostos felizes pelas conquistas, em meio a outras de decepção, daqueles que não atingiram seus objetivos.

Há árbitros uniformizados, representantes das federações, bancos de controle, painéis eletrônicos (que, fui notando, com o passar do tempo, nem sempre funcionam), tempos cronometrados, algumas desclassificações no caso de descumprimento (por vezes, o que um leigo considera como pequenos deslizes) das regras do esporte. Mesmo que cercada por alguns imprevistos – a meu ver, as cerimônias de premiação, por exemplo, carecem de melhor organização – tal estilo de competição pode saltar aos olhos de quem as assiste pela primeira vez, em especial, pela postura firme de atletas tão jovens. As imagens abaixo (Figura 1) são registros da primeira observação no campo a fim de “materializar” a dimensão encontrada nestas quatro competições destinadas às categorias “Mirim” e “Petiz”.

Figura 1: Competições das categorias “Mirim” e “Petiz” acompanhadas em 2019.







Fonte: acervo pessoal da autora.

Uma destas competições foi organizada a nível interestadual - realizada no Minas Tênis Clube – algo que, nas referidas categorias, costuma ocorrer duas vezes por ano, reunindo os atletas originários dos clubes federados dos quatro Estados que compõem a Região Sudeste do Brasil<sup>40</sup>. Estavam lá, competindo pela natação, 678 garotos e garotas das categorias “Mirim” e “Petiz”, filiados a 27 diferentes clubes originários dos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo<sup>41</sup>.

<sup>40</sup> Os locais de realização procuram contemplar os quatro Estados de forma alternada: em um determinado ano, acontecem no Espírito Santo e em Minas Gerais; no ano seguinte, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

<sup>41</sup> Fonte: <https://www.minastenisclub.com.br/noticias/sudeste-2-5-19>. Acessado em 3/8/2019.

Nesse sentido, ressaltar, de forma positiva, o fato desses atletas (muitos recém chegados aos seus clubes), já encontrarem uma oportunidade para competir fora de seus Estados de origem; por outro lado, imaginei se não há atletas que deixam de passar por tal experiência por falta de recursos próprios, uma vez que, pelo que foi apurado, muitas das despesas de viagem, bem como as taxas de inscrição das competições, costumam ser custeadas pelas próprias famílias— custos, esses, que envolvem ainda a ida de pelo menos um adulto, por eles responsável. Nas primeiras impressões, inclusive, além do importantíssimo papel desempenhado pelos técnicos, a figura da família, no que diz respeito ao desempenho e oportunidades fornecidas a esses nadadores e nadadoras, despontou como fundamental: não só pelo custeio dos treinos<sup>42</sup> e das competições, como também (em funções tão ou mais importantes), no apoio logístico (alimentação, cuidados com o corpo, deslocamento das competições) e emocional aos atletas.

Em suma, me surpreendeu o porte, a estrutura e a quantidade de atletas envolvidos em tais competições - e, assim, me causou estranheza, também, a escassez de sua divulgação, que parece restrita a *blogs* de simpatizantes do esporte, *websites* e poucas e eventuais postagens de alguns dos clubes participantes<sup>43</sup> ; ao olhar para aqueles grupos de atletas, me perguntei se não seria o caso de tais eventos fazerem parte, por exemplo, dos noticiários locais de canais da TV aberta, ou de (mesmo que) breves chamadas nos canais de TV a cabo, tanto os de notícias gerais quanto os focados nas práticas esportivas; se sua programação não deveria constar dos cadernos de esportes de jornais de grande circulação, seja nas versões impressa ou digital. Durante conversas informais – e já com o projeto aqui apresentado em mente - ouvi de dois ex-atletas, hoje na faixa dos quarenta anos de idade, que tais competições já contaram com maior visibilidade nos meios de comunicação, sendo que havia, ainda, oportunidades de patrocínio para tais faixas etárias, por meio de iniciativas estruturadas de empresas e instituições dos setores público e privado.

---

<sup>42</sup> Há clubes onde os treinos destas equipes federadas são realizados mediante pagamento de mensalidade, por parte das famílias de cada atleta, e parece que há outros onde seriam gratuitos sendo que, em ambas as situações, os atletas são convidados a participar de tais equipes após um processo prévio de seleção. Esse é uma, entre as várias questões que ainda precisarão ser melhor entendidas e profundadas ao longo da pesquisa.

<sup>43</sup> Um exemplo ilustrativo, nesse sentido, pode ser encontrado em: <https://www.flamengo.com.br/noticias/natacao/rubro-negros-participam-do-festival-sudeste-mirim-e-petiz-de-natacao>. Acessado em 24/7/2019.



Voltando às notas sobre as competições presenciadas: o torneio realizado no Marina Barra Clube reuniu, especificamente, atletas de diferentes localidades do Estado do Rio de Janeiro. Choveu muito, ventou e fez frio durante boa parte de seus três dias de duração. A água da piscina era aquecida, porém o local era praticamente todo aberto, assim como eram os dos três eventos anteriores. O andamento das provas foi mantido, porém, houve decepção por parte de alguns atletas, uma vez que as cerimônias de premiação foram parcialmente canceladas e, em outros momentos, muito aceleradas, fazendo com que as medalhas fossem entregues sem nenhum tipo de formalidade.

É certo que estes são atletas acostumados a uma rotina que envolve entre uma e duas horas de treinos realizados em piscinas de locais abertos. De qualquer forma, a minha experiência ao acompanhar especificamente esta competição fez suscitar a questão de por que eventos como esse, de nível estadual, não são realizados em espaços públicos cuja estrutura de piscinas é tão mais propícia (áreas cobertas, arquibancadas), como é o caso, por exemplo, do Parque Aquático Maria Lenk, legado dos Jogos Pan-Americanos realizados na cidade do Rio de Janeiro, em 2007, e também utilizado durante os Jogos Olímpicos de 2016, ou no Parque Aquático Julio de Lamare que, conforme noticiado<sup>44</sup>, após quase virar um estacionamento, foi devolvido à gestão do Estado? Pesquisas exploratórias indicaram que o primeiro foi cedido pela Prefeitura da cidade ao Comitê Olímpico Brasileiro<sup>45</sup>, e o segundo, pertencente ao Governo do Estado, havia sido noticiado pela “retomada do espaço enquanto celeiro de equipes federadas e sede de competições”<sup>46</sup>, algo que parece não ter se concretizado nos anos seguintes, pelo que esta pesquisa pôde apurar.

---

<sup>44</sup> Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/julio-de-lamare-retoma-rotina-com-atividades-abertas-comunidade-23709302>. Acessado em 28/7/2019.

<sup>45</sup> Informação disponível no website da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smf/exibeconteudo?id=7195604>. Acessado em 28/7/2019. No intuito de reunir informações para elaborar este projeto de pesquisa, acompanhei comentários de alguns especialistas da natação, ao longo do primeiro semestre de 2019, a partir dos quais se pode entender que muitos dos atletas brasileiros que competem pelo esporte, a nível olímpico, possuem suas bases de treinamento fora do Rio de Janeiro, ou até mesmo fora do Brasil. Mesmo que as equipes olímpicas de outros esportes aquáticos (por exemplo, saltos ornamentais e polo aquático) realizem todos os treinos a na cidade do Rio de Janeiro, entendo que tal questionamento se faz pertinente: há necessidade de ceder um espaço público, de tal dimensão, integralmente ao Comitê Olímpico Brasileiro?

<sup>46</sup> Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/julio-de-lamare-retoma-rotina-com-atividades-abertas-comunidade-23709302>. Acessado em 28/7/2019.

Passo, agora, à descrição do Campeonato Brasileiro Absoluto de Natação 2019, realizado, justamente, no referido Parque Aquático Maria Lenk.

Estive presente em três dos seis dias de realização desta competição, que está entre as mais importantes da natação a nível nacional; participaram atletas das categorias Juvenil e Junior (quinze a dezoito anos) de todo o Brasil, ao lado de outros que já foram medalhistas em nível mundial, incluindo Jogos Olímpicos, tais como Bruno Fratus, Etienne

Medeiros e João Gomes Júnior<sup>47</sup>; também era possível avistá-los, em suas horas vagas, sentados nas arquibancadas, misturados à restrita plateia ou, por vezes, rodeados por alguns dos poucos espectadores daquele evento, que pediam para tirar fotos ao seu lado, ou para terem suas toucas de natação por eles autografadas (notei, claramente, que entre aqueles poucos espectadores estavam atletas que presenciei participando das competições das categorias Mirim e Petiz).

Tal competição é realizada anualmente e, como foi dito, figura entre os principais eventos da natação brasileira; em 2019, sua realização, entre os dias 16 e 21 de abril (terça-feira a domingo), coincidiu com o feriado da Semana Santa, data importante não somente para o turismo da cidade do Rio de Janeiro, como também por ser um período em que a população local procura por atividades de lazer. Há um amplo estacionamento no parque aquático, que estava fechado para os poucos espectadores do evento<sup>48</sup>; ainda, o acesso ao local via transporte público é bastante facilitado pela presença de uma estação do BRT bem em frente, e de uma grande rodoviária central a menos de dez minutos dali; não havia cobrança de entrada, sendo as arquibancadas suficientes para abrigar um público de 7.000 espectadores<sup>49</sup>, além de estrutura de banheiros e de alimentação em funcionamento.

Um evento esportivo de tal relevância, com entrada gratuita, agendado para um período de feriado nacional, realizado em um local com estrutura suficiente para receber um grande público, e que contou com a presença de importantes nomes do

---

<sup>47</sup> Cito tais atletas por terem sido os que avistei presencialmente, durante as minhas três idas ao referido evento.

<sup>48</sup> Um fato para o qual pretendo também buscar uma explicação. Havia a opção de utilizar um estacionamento privado próximo, pelo valor de R\$15,00, ou deixar o carro em uma rua lateral ao estádio, que carecia de iluminação pública e onde, na verdade, não havia sinalização adequada sobre se era um local de estacionamento permitido.

<sup>49</sup> Fonte: [http://lsfgarquitetos.com.br/portfolio\\_page/parque-aquatico-maria-lenk/](http://lsfgarquitetos.com.br/portfolio_page/parque-aquatico-maria-lenk/). Acessado em 28/7/2019.

esporte brasileiro – por que não divulgar? Mesmo já inserida no meio da nataação, só tomei conhecimento de tal evento já após o primeiro dia de sua realização, por meio de uma rápida conversa com outra mãe de atleta.

Quando menciono a falta de visibilidade por parte da mídia, me refiro não somente à minha busca pessoal por informações sobre o citado campeonato (programação, provas competidas, horários, possibilidades de acesso, onde estacionar); mas, também, ao acompanhamento diário que realizei sobre sua divulgação: no Jornal *O Globo*, por exemplo, encontrei apenas uma matéria, de cerca de um quarto de página em sua versão impressa, publicada *a posteriori*, cujo foco era apresentar o resultado obtido, particularmente, por alguns poucos atletas da Seleção Brasileira de Nataação, e informar sobre a crise financeira atravessada pela CBDA em função de denúncias de desvio de dinheiro público por parte de sua gestão anterior<sup>50</sup>. Deixou-se de fora, por exemplo, a informação de que, na referida competição, foram apresentados formalmente, e aplaudidos, pelo pequeno público que os prestigiava, os jovens atletas brasileiros (Figura 2) classificados para participar do Campeonato Mundial Júnior, realizado em Budapeste, na Hungria, poucos meses depois (em agosto de 2019)<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> *Revezamento é aposta para o Mundial da Coreia*. Jornal *O Globo*, 22.4.2019, Caderno de Esportes, pág.5.

<sup>51</sup> Informações adicionais disponíveis no site da CBDA: <https://www.cbda.org.br/cbda/natacao/noticias/19032/selecao-brasileira-e-definida-para-o-campeonato-mundial-junior>. Acessado em 28/7/2019.

Figura 2: Atletas brasileiros classificados para o Mundial Júnior de 2019, ao lado de alguns treinadores.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Para finalizar, incluo algumas de minhas notas sobre a ida ao Campeonato Brasileiro Interclubes “Júnior” de Verão – Troféu Julio de Lamare, realizado entre 4 e 8 de novembro de 2019, no Clube de Regatas do Flamengo, que contou com atletas do Rio de Janeiro competindo com os de equipes de diferentes locais do Brasil.

O complexo de piscinas me pareceu muito semelhante ao do Minas Tênis Clube, que havia visitado alguns meses antes, por ser capaz de abrigar provas de 50 ou 25 metros (olímpicas e semiolímpicas). Ouvi dizer que as piscinas do Flamengo haviam sido reformadas com a ajuda de recursos de um país estrangeiro, que as utilizou para treinos de sua equipe durante as Olimpíadas realizadas no Rio, em 2016, mas não fui adiante na pesquisa sobre esta informação. A plateia parecia composta, basicamente, por atletas que assistiam seus colegas de equipe competindo e que torciam muito, mais alguns técnicos e familiares, sendo que somente este público já ocupava a maior parte da pequena arquibancada disponível em uma das laterais da piscina. Concluí, assim, que aquela estrutura física, por si só, não permitia um convite aberto ao público; apesar do bom estado de conservação, nem sempre observado em outros locais de competição, as dimensões da arquibancada, estrutura de banheiros e cantina não comportariam muito mais

pessoas do que aquele pequeno público ali presente. Tal fato só instigou ainda mais a minha curiosidade sobre por que não realizar um evento como esse em locais como os Parques Aquáticos Júlio de Lamare ou Maria Lenk. O nome desta competição, inclusive, era justamente “Troféu Júlio de Lamare”. O website da CBDA (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos) informava, timidamente, sobre a possibilidade de cadastramento e cobertura da imprensa, porém, não notei nenhuma movimentação, no local, nesse sentido.

Ainda que em menor número do que nas competições dos mais jovens, das categorias Mirim e Petiz, era visível ali a presença de membros das famílias dos atletas. Talvez esse menor número se justifique pelo fato da faixa etária Júnior necessitar de menos apoio logístico por parte das famílias, e/ou, também, pelo fato de estarem lá muitos atletas de fora do Rio de Janeiro, o que pode ter impossibilitado o deslocamento até a competição. De qualquer forma, o grito: “Vai, Filho (a)!” era uma constante, sendo esse e outros incentivos ouvidos em diferentes sotaques, que me pareceram, de fato, representar um público formado por pessoas de diversas localidades do Brasil. Também eram visíveis as equipes de atletas uniformizados, sentados juntos na arquibancada, em forma de torcida, cantando seus gritos de guerra e incentivando os colegas que competiam naquele momento.

Por último, notei poucas sinalizações de patrocínio nos uniformes dos atletas; lembrando, esses são os nadadores e nadadoras entre dezesseis e dezoito anos, a faixa etária mais avançada a ser contemplada nesta pesquisa. Pensei que já contariam com mais apoio, por exemplo, de empresas do setor privado; e assim me surgiram dúvidas, tais como se os materiais para competições, os uniformes, e os deslocamentos para competir, a essa altura, ainda precisam ser financiados pelas famílias, ou se já ficam a cargo dos clubes, de eventuais patrocinadores e das instituições gestoras da natação competitiva.

Antes de iniciar o projeto formalmente, perguntei ao meu filho o que ele achava da ideia. Procurei descrevê-la de modo que se tornasse, para ele, uma “experiência próxima”<sup>52</sup>, no alto de seus recém completos nove anos de idade;

---

<sup>52</sup> Para esta conversa, foi muito oportuno lembrar dos conceitos da “experiência próxima” e da “experiência distante” retomados por Geertz (1997, p.87): “Um conceito de ‘experiência próxima’ é, mais ou menos, aquele que alguém – um paciente, um sujeito, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam etc. E que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira.

assim, no lugar de “visibilidade midiática da natação de base”, comentei que estava pensando em começar uma nova pesquisa, sobre o pessoal da natação da idade dele e dos que são um pouco mais velhos, mais ou menos até a “galera” do Juvenil e do Júnior<sup>53</sup>; que eu queria pensar em algumas formas deles aparecerem nas páginas de esportes do jornal, da TV local mostrar um pouco das competições, do caderno do jornal do nosso bairro publicar a foto da única equipe federada daquela localidade, do site da FARJ explicar o que é preciso para se tornar um nadador federado, e das redes sociais do clube avisarem sobre as competições e, de repente, convidarem mais gente para vê-los nadando. Fiz isso porque me ocorreu a preocupação de mãe que não queria invadir o espaço do filho, caso ele se importasse com o fato de que eu conversaria com treinadores, atletas e famílias com quem convivíamos; e, também, porque aquela poderia ser uma questão sem nenhuma relevância em sua visão, ou, até mesmo, ele poderia ter uma interpretação negativa se considerasse, por exemplo, que seria constrangedor competir na frente de um público maior. A resposta: “Eu gostei da sua ideia. Porque a gente abre o jornal e só vê futebol. Mas você também pode me entrevistar? Porque eu vou querer falar”. Três afirmações e uma indagação elucidativas, a meu ver; porque aos nove anos, e competindo há seis meses como atleta federado à época, ele já notara a escassez de notícias sobre o esporte que pratica, no jornal disponível em casa que era motivado, pelos adultos de sua família, a abrir de vez em quando, para adquirir o hábito da leitura de notícias sobre o dia a dia. Reservei as entrevistas para atletas de base com idades um pouco mais avançadas e preferi fazer uso da “participação-observante” de Wacquant (2002, p.23) para colher dados entre os atletas de sua faixa-etária, sempre tendo em mente a orientação da revista *Nature*, que será explorada no próximo capítulo: quando se trata de estruturar atividades destinadas aos jovens, é fundamental ouvir a sua opinião.

---

Um conceito de ‘experiência distante’ é aquele que especialistas de qualquer tipo – um analista, um pesquisador, um etnógrafo, ou até um padre ou um ideologista – utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos.” No ponto de vista de meu filho, assim como de outras pessoas que eu venha a abordar sobre a pesquisa, falar em “visibilidade midiática” será uma “experiência distante”, enquanto utilizar expressões como “aparecer na televisão, no jornal do bairro ou no Instagram do clube”, certamente terão mais chances de caracterizar uma “experiência próxima”.

<sup>53</sup> Categorias da natação competitiva que englobam atletas entre quinze e dezoito anos de idade.

### 3. A natação de base: sistemas classificatórios, a construção da juventude e a questão da invisibilidade

ju.ven.tu.de [Lat. *juventute*.] *sf.* 1. Idade moça; mocidade, juvenilidade.

2. A gente moça; mocidade.<sup>54</sup>

*Juventudes* é o plural de juventude. O mesmo que: adolescências, juvenilidades, mocidades, puberdades<sup>55</sup>.

O capítulo se inicia pela apresentação da noção contemporânea de *juventude* como um conceito social e midiaticamente construído, não determinado por uma faixa etária única e específica, referenciando os aportes teóricos que fundamentam esta ideia. Procura enfatizar, também, através da exposição de exemplos práticos, o uso volátil do conceito de juventude por parte dos próprios veículos midiáticos, entre os diversos atores sociais que dele se apropriam e que, de muitas formas, acabam por enquadrá-lo em seus próprios interesses e convenções.

O objetivo não é proporcionar uma extensa revisão literária sobre o tema, mas sim, fazer uso de referências consideradas chave para esta pesquisa, no intuito de explicitar que tais convenções se aplicam, também, ao contexto esportivo e ao da natação de base em particular. Soma-se o embasamento teórico formulado, a dados colhidos no trabalho de campo, para reforçar o recorte etário proposto por esta pesquisa, que considera nadadoras e nadadores a partir dos oito anos de idade como sendo jovens atletas no meio da natação competitiva; e que faz uso, também de informações originárias do campo, para propor formas diversas de enxergá-los e representá-los, para além de recorrentes abordagens atuais que associam seus principais interesses a ferramentas e soluções tecnológicas.

Por fim, o capítulo faz uso de um levantamento sobre estudos do esporte na Comunicação, para demonstrar que há um aspecto de ineditismo a ser considerado neste trabalho, uma vez que a relação entre os jovens, a mídia e os esportes de base parecem representar um campo ainda pouco explorado nas pesquisas acadêmicas brasileiras; e que sua ampliação, possivelmente, pode contribuir para a identificação de novas formas de representá-los na mídia e, conseqüentemente, de alcançarem maior representatividade social.

---

<sup>54</sup> Ferreira, A.B. de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010.

<sup>55</sup> Dicionário Online de Português. <https://www.dicio.com.br/juventudes/>. Acessado em 26/10/2020.

### 3.1. A construção social e midiática dos jovens contemporâneos

A abordagem aqui apresentada expõe o conceito contemporâneo de juventude como uma construção social e midiática, e também explicita o que aqui é nomeado como sendo o caráter volátil que o envolve: a noção de juventude, na forma como hoje a conhecemos, pode ser associada a faixas etárias diversas, configuradas a partir de circunstâncias específicas, inerentes aos diferentes contextos onde se pretende que seja inserida. O argumento, nesse sentido, é que diferentes atores sociais, entre eles, a mídia, se apropriam da ideia do que é *ser jovem* de maneiras distintas, a partir de critérios definidos por seus próprios valores, interesses e convenções.

Um segundo argumento: quando nos referimos aos jovens contemporâneos, ambos os termos, *juventude* e *juventudes*, fazem sentido e são passíveis de utilização; a opção pelo uso no plural ou no singular pode sugerir não mais do que subliminares diferenciações, tais como a ideia de que *juventudes*, no plural, acaba por ressaltar o caráter diverso dos grupos de jovens contemporâneos, quando são levadas em conta não somente divisões como a classe social, a raça ou o gênero, mas também (e, acredito, principalmente) seus interesses, suas metas e suas aspirações. Um título como *As juventudes do Rio de Janeiro* demonstraria, por exemplo, que a autora ou o autor do trabalho observou a existência de grupos de jovens bastante diversos na cidade, e vai tratar de expor, pelo menos, algumas das notadas diferenciações. Um grupo de jovens atletas, por exemplo, poderia representar uma entre muitas juventudes mapeadas em uma pesquisa como essa.

O termo *juventude*, por sua vez, quando usado no singular, evidencia mais explicitamente o fato de que há um ou mais elementos capazes de conectar diferentes jovens em torno de um objetivo comum, e de um determinado contexto, seja ele temporal, geográfico, cultural ou, no caso desta pesquisa, em torno de um contexto esportivo. Dessa forma, a utilização do termo no singular também não deixaria de fazer sentido neste estudo, na medida em os dados nele apurados apontam para o fato de que, por mais que possam existir diferenças sociais, econômicas, de raça ou de gênero entre tais atletas, por mais que morem e treinem em locais geograficamente diversos da cidade, as observações no campo levam a crer que a natação competitiva representa um elo que une estes jovens em torno de interesses, socializações, objetivos e aprendizados comuns e particularmente



inerentes à vivência neste esporte. Esta pesquisa, portanto, focou esforços na observação das experiências que unem estes jovens, muito mais do que aquelas que os separam. Outros recortes podem ser pensados em futuros trabalhos, inclusive, por parte também de outros pesquisadores, já numa menção, aqui, ao tema da última seção deste capítulo, ou seja, da lacuna que ainda possibilita a concepção de pesquisas inéditas envolvendo abordagens que entrelacem a comunicação, os jovens e o esporte competitivo nos estudos acadêmicos das Ciências Sociais brasileiras, e da Comunicação, em particular.

A argumentação acima aponta, portanto, para a ideia de juventude como “só uma palavra” (Bourdieu, 1983, p.151), e a idade como

[...] um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o facto de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação (BOURDIEU, 1983, p.153).

Percepção que, possivelmente, embasa o uso do termo também no plural, por parte do autor, em determinados momentos de sua argumentação.

Groppi (2000, p.20) também ressalta que a própria configuração de faixas-etárias específicas já representaria, por si só, uma ferramenta socialmente construída, e “[...] jamais um dado puro e simples da natureza”. Em uma publicação mais recente sobre a construção sociológica da juventude (Groppi, 2017), o autor também faz uso do termo no plural, no intuito, justamente, de demonstrar a diversidade de classes, gostos, hábitos e interesses que impossibilitariam a inserção dos jovens em um único grupo social. Simultaneamente, o autor não deixa de evidenciar – assim como também o faz Bourdieu (1983) – a existência de um repertório comum de experiências sociais, históricas, temporais e culturais, composto tanto por fatos excepcionais quanto por costumes do dia a dia, que se tornam capazes de marcar significativamente as trajetórias de vida de diferentes indivíduos com idades biológicas similares - algo que ocorreria, especialmente, entre os mais jovens; ao analisar a obra de Mannheim ([1952]1998), Groppi (2000, p.21) insere tal ideia no conceito de “unidades de geração”.

Pais (2003, p.126-127), por sua vez, aponta para a existência do que define como sendo os dois principais tipos de signos que estariam atrelados à ideia de

juventude: os geracionais e os grupais. O primeiro tipo, denominado *signos juvenis geracionais*, afirmaria a existência de símbolos capazes de reunir uma geração de jovens em torno de uma identidade coletiva, em detrimento de contextos particulares ou interesses específicos de seus diferentes grupos; o autor ilustra a existência destes *signos juvenis geracionais*, por exemplo, a partir de gêneros musicais associados a diferentes gerações de jovens ao longo do tempo, tais como o *rock* em suas diversas vertentes<sup>56</sup>. Trazendo tal conceito para o contexto desta pesquisa, seriam estes os *signos* comuns aos jovens nadadores e a outros grupos de culturas juvenis de sua geração, podendo-se pensar, como breves exemplos, em outros gêneros musicais inerentes à sua contemporaneidade, tais como os desdobramentos mais recentes da música eletrônica, ou os jogos por aplicativos que são próprios à sua geração.

O segundo tipo de signo descrito Pais (1993, p.126) são os nomeados *signos juvenis grupais*; segundo o autor, são aqueles capazes de reunir um determinado grupo, em sua juventude, em torno de um ou mais interesses comuns. “Os signos que denomino *juvenis grupais* são apropriados, criados e exibidos por grupos específicos de jovens, acabando esses signos por ajudar a manter uma identidade e solidariedade grupal [...]” (Pais, 2003, p.126). A pesquisa considera, assim, a *natação de base* como sendo um *signo juvenil grupal* capaz de reunir seus jovens praticantes em torno de todas as vivências que envolvem a sua condição de atletas competitivos e, ainda, de outras atividades de socialização próprias às culturas juvenis, realizadas em momentos para além daqueles dedicados aos treinos e às competições.

Ao fazer uso de referências datadas desde o fim do século XIX, Savage (2008)<sup>57</sup> reporta o que denomina como a “pré-história da adolescência”; para além da *construção social* da ideia de juventude – e em linha com autores como Grossberg (1992) e Haenfler (2014) – ressalta a natureza de sua *construção midiática*, observada, essencialmente, a partir dos anos que sucederam o fim da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945): uma série de fatores sociais e econômicos

---

<sup>56</sup> Fiz uso deste conceito em um trabalho anterior (Müller, 2020) onde o festival de música *Rock in Rio* foi considerado como um signo juvenil geracional, com a observada particularidade de ter se tornado um signo relevante para várias gerações de jovens no Brasil, desde a sua primeira edição, ocorrida em 1985.

<sup>57</sup> Tal obra ganhou uma versão adaptada para a língua portuguesa (Savage, 2009).

observados no então contexto dos Estados Unidos, em especial, da expansão na produção de bens de consumo ao otimismo e esperança na criação do que passaria a ser um novo mundo no contexto pós-guerra, os mais jovens teriam sido identificados, pela primeira vez, como um público-alvo em potencial, possuidor de demandas, comportamentos e gostos específicos; tornaram-se, então, referência central na concepção de novas estratégias de marketing e de publicidade:

Esta foi a primeira geração de jovens isolados pelos negócios (e especialmente pelas agências de publicidade e marketing) como um mercado identificável; apesar das diferenças sociológicas dentro da geração e da diversidade cultural de seus gostos e estilos, as estratégias econômicas foram surpreendentemente bem-sucedidas na construção de uma identidade geracional bastante coerente e de um segmento de marketing singular<sup>58</sup> (GROSSBERG, 1992, p. 173).

Neste ponto, é importante ressaltar que esta pesquisa toma como base o trabalho de Rocha e Pereira (2009, p.21) para considerar os termos “adolescência” e “juventude” como sinônimos, no já mencionado sentido de que ambos “[...] se estendem a todos aqueles que vivenciam a experiência de estar em algum lugar entre a infância e a vida adulta”. Reforça-se, aqui, a ideia de que parece não haver consenso sobre a faixa etária que ocuparia tal “lugar”, numa referência à faixa etária que corresponde à adolescência: por exemplo, a lei brasileira considera como adolescentes as pessoas entre os doze e os dezoito anos de idade<sup>59</sup>; a definição do dicionário os insere entre os doze e os vinte anos<sup>60</sup>; e um recente estudo científico multidisciplinar, publicado na Revista *Nature*<sup>61</sup>, sugere que a adolescência compreende a faixa etária que vai dos dez aos vinte e quatro anos de idade.

Uma breve pesquisa sobre a questão legal permite afirmar que a prática de esportes é um direito assegurado às crianças e adolescentes do Brasil. O texto de

<sup>58</sup> Tradução livre do original: *This was the first generation of children isolated by business (and especially by advertising and marketing agencies) as an identifiable market; despite the sociological differences within the generation, and the cultural diversity of its tastes and styles, the economic strategies were surprisingly successful in constructing a rather coherent generational identity and a singular marketing cluster.*

<sup>59</sup> *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Livro I, Parte Geral, Título I, Das Disposições Preliminares, Art. 2. Página 15. Encontrado em versão online: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>

Acessada em 27/10/2020.

<sup>60</sup> Ferreira, A.B. de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010. Definição encontrada para o termo “adolescência”, página 18.

<sup>61</sup> *Nature*, 22 de fevereiro de 2018, 554, 399-564.

cento e dezoito páginas que corresponde ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) o evidencia em pelo menos seis de seus artigos, em capítulos que discorrem sobre temas como proteção, desenvolvimento humano e direito à liberdade dos cidadãos brasileiros que se encontram nestas respectivas fases da vida. Em vigor no Brasil desde a década de 1990, a Lei 8.069, intitulada ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, corresponde ao instrumento jurídico que estabelece os direitos e critérios de proteção às crianças e aos adolescentes do país, diretrizes a serem seguidas pelo poder público, pelas instituições privadas, não governamentais, e pela sociedade como um todo; nele, são consideradas como crianças os indivíduos até doze anos de idade incompletos e, adolescentes, aqueles entre os doze e os dezoito anos de idade. Há algumas exceções, expressas em lei, onde se pode considerar ainda, como adolescente, aqueles entre os doze e os vinte e um anos de idade. O ECA entrou em vigor após o Brasil ter se tornado, em 1989, signatário da Confederação dos Direitos da Criança (CDC), marco internacional da compreensão contemporânea da infância que passou a estabelecer direitos universais em termos de proteção, provisão e participação à indivíduos até os dezoito anos de idade (Tomaz, 2016).

É certa a necessidade de o poder público fazer valer as diretrizes contidas no estatuto; mas este, por sua vez, aponta também, em seu texto introdutório, para a necessidade do que denomina como uma mudança cultural, para que o referido estatuto possa ser seguido em sua plenitude: a recomendação é de que a sociedade, como um todo, precisa lançar um novo olhar sobre a infância e a adolescência, assumindo também a responsabilidade de protegê-los e formá-los como cidadãos, em parceria com o poder público. O presente estudo entende que um passo fundamental para que isso aconteça é o amplo conhecimento sobre o seu conteúdo, algo que, certamente, é um aspecto no qual diferentes veículos midiáticos teriam muito a contribuir, ao divulgar os direitos legais reservados a crianças e adolescentes, assim como o nosso dever também, como sociedade, de estarmos à frente de sua formação. Uma reflexão, nesse contexto, é a de que poderia ser interessante propiciar às próprias crianças e adolescentes acesso ao conteúdo do estatuto, em uma linguagem que seja de seu entendimento, levando em conta a já mencionada noção de “experiência próxima” narrada por Geertz (1997, p.87). Tal

ação poderia resultar que crianças e adolescente adquiram, desde cedo, a noção de sociedade e dela já se sintam parte.

Antes de tratar do estudo da *Revista Nature*, mapeado como mais um referencial na determinação de faixas etárias que correspondem à adolescência, cita-se um exemplo capaz de ilustrar uma das formas pelas quais a ausência de critérios etários uniformes, na definição da fase de vida tida como juventude ou adolescência<sup>62</sup>, reverbera, atualmente, também na mídia.

Em matéria de capa intitulada “Líderes da próxima geração: de uma boxeadora refugiada a um prolífico *youtuber*, conheça 10 jovens que buscam novos caminhos na política, na música e muito mais”<sup>63</sup>, com extensão de doze páginas internas<sup>64</sup> e fruto do projeto homônimo criado em 2015 em parceria com uma empresa do setor privado<sup>65</sup>, a revista norte-americana *Time* (Maio, 2019) descreve os perfis de dez “jovens”, de diferentes partes do mundo, por ela apresentados como “[...] uma seleção bianual de estrelas ascendentes na política, cultura, ciência, esportes e negócios”<sup>66</sup>. Na chamada para a matéria principal, uma das editoras responsáveis pelo projeto declara que “O melhor de conceber tal lista é proporcionar destaque a jovens que estão assumindo riscos para criar mudanças”<sup>67</sup>. Os dez agraciados na referida lista, no ano de 2019, possuem idades tão variadas quanto os dezesseis e os trinta e cinco anos<sup>68</sup>. A análise de uma matéria como esta parece tornar legítimo o levantamento da seguinte questão: em que circunstâncias pessoas

<sup>62</sup> Trabalhos como o de Rocha e Pereira (2009, p.21) tratam os termos “adolescência” e “juventude” como sinônimos, no sentido de que ambos “[...] se estendem a todos aqueles que vivenciam a experiência de estar em algum lugar entre a infância e a vida adulta”.

<sup>63</sup> Tradução livre do original: *Next Generation Leaders: from a refugee boxer to a prolific youtuber, meet 10 young people forging new paths in politics, music and more.*

<sup>64</sup> Revista *Time*, 27 de maio de 2019, p. 32-43.

<sup>65</sup> A fabricante de relógios Rolex.

<sup>66</sup> Tradução livre do original: [...] *a biannual selection of rising stars in politics, culture, science, sports and business.* Fonte: Revista *Time*, 27 de maio de 2019, p.4. O site institucional da seleção *Next Generation Leaders*, no entanto, exibe listas anuais de agraciados pelo título desde 2015, quando foi criado. Entende-se, assim, que a periodicidade bianual passará a ocorrer somente a partir desta citada edição (2019). Vale ressaltar, ainda, que não foram encontradas informações sobre os critérios de escolha dos agraciados. Disponível em: <https://time.com/collection/next-generation-leaders/2019/>. Acessado em 8/7/2019.

<sup>67</sup> Tradução livre do original: *The great thing about shaping this list is highlighting young people who are taking risks to create change.* Fonte: Revista *Time*, 27 de maio de 2019, p.4.

<sup>68</sup> Apenas como curiosidade, há um brasileiro entre os dez agraciados na lista de 2019: David Miranda, lá citado como deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, com trinta e quatro anos de idade à época da publicação. Fonte: Revista *Time*, 27 de maio de 2019, p.37. Uma outra brasileira integrou a lista no ano de 2014: Bel Pesce, apresentada como empreendedora da área de educação, à época com vinte e seis anos. Disponível em: <https://time.com/collection/next-generation-leaders/ngl-2014/>. Acessado em 8/7/2019.

na faixa entre trinta e trinta e cinco anos acabam por ser consideradas “jovens”? Trata-se de uma noção de juventude que não se aplica à maior parte dos esportes competitivos, entre eles, a natação<sup>69</sup>.

Por último, vale mencionar que a mesma edição da Revista *Time* traz um anúncio de página dupla, em localização considerada das mais nobres em uma revista impressa (segunda capa e primeira página interna), assinado pelas marcas *Time* e *Rolex* (a empresa parceira no projeto “Líderes da próxima geração”), onde ambas são institucionalmente associadas à referida seleção. A ocupação de um espaço midiático tão nobre, com um anúncio assinado pela marca da própria revista, talvez diga algo sobre a importância da associação entre marcas e projetos ligados à ideia de juventude.

Voltando à coletânea publicada pela Revista *Nature* (Fevereiro, 2018)<sup>70</sup>, onde foram reunidas reportagens e artigos científicos originários de diversas áreas do conhecimento, focados no tema ali apresentado como “ciência da adolescência”: seu texto de apresentação procura demonstrar que a adolescência vem se firmando como um campo de estudos constituído por abordagens interdisciplinares, envolvendo áreas como Medicina, Biologia, Psicologia, Estudos de Comunicação e Mídia, Sociologia e Antropologia; destaca, ainda, que os limites para a fase de vida que se entende por adolescência vem se ampliando gradativamente, em grande parte, devido a mudanças em suas definições no meio social<sup>71</sup>. Seu editorial<sup>72</sup> sugere por adolescência a faixa entre dez e vinte e quatro anos de idade, chamando atenção para o fato de que tais indivíduos atualmente correspondem a vinte e cinco por cento da população global. Em linhas gerais, o editorial busca ainda (a) atentar para a perspectiva que considera errônea sobre a adolescência, que teria sido convencionada não só pelo senso comum, como também pelos mais diversos

<sup>69</sup> Na natação brasileira, um atleta já pode competir na categoria dos tidos como “veteranos”, denominada Categoria Master, a partir dos 25 anos de idade.

<sup>70</sup> *Coming of age - a special issue explores the maturing science of adolescence*. Em uma tradução livre do original: *Passagem à maioridade - uma edição especial explora a ciência da adolescência em maturação*. Revista *Nature*, vol.554, Fevereiro, 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-018-02168-x>. Acessado em 8/7/2019.

<sup>71</sup> Ledford, Heidi. *The shifting Boundaries of Adolescence*. Revista *Nature*, vol 554, Fevereiro, 2018. Outras reportagens e artigos científicos desta mesma coletânea serão avaliados e, possivelmente, também usados como referenciais teóricos e informativos ao longo da pesquisa aqui proposta.

<sup>72</sup> *Adolescence research must grow up*. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-018-02185-w>. Acessado em 9/7/2019.

campos da pesquisa científica: “Muitas pessoas nas ciências e na medicina compartilham da atitude indiferente da sociedade: a de que a adolescência é uma fase a ser tolerada e superada o mais rápido possível. Isso está errado. [...] A comunidade desenvolvimentista internacional nunca priorizou suficientemente a adolescência”<sup>73</sup>; e (b) propor maior foco nesta fase da vida, considerada como adolescência, por parte de instituições de porte internacional (tais como a ONU), de estudos científicos e de projetos que envolvam disciplinas diversas, “da medicina e das ciências sociais à educação e neurociência”:

Em seguida, a sociedade precisa ser inteligente sobre intervenções e programas para jovens. Abordagens mais informadas e ponderadas se fazem necessárias para estudar e endereçar as mudanças cognitivas e sociais que acontecem durante a adolescência, e para nelas projetar intervenções efetivas. A contribuição dos próprios adolescentes é aqui crucial: nenhum programa científico deve ser iniciado sem falar com as pessoas que se pretende alcançar<sup>74</sup>. (Revista *Nature*, vol. 554, 2018).

A característica denominada, neste estudo, como a *volatilidade* inerente aos conceitos de juventude e de adolescência, ajuda a embasar a escolha das nadadoras e nadadores de base a partir dos oito anos de idade como sendo o foco de atenção desta pesquisa; uma faixa etária que não é tão distante da definição legal brasileira, ou da proposta científica publicada na revista *Nature* e, ao mesmo tempo, em linha com as citadas particularidades observadas durante o trabalho de campo realizado no meio da natação competitiva.

### 3.2. Quem são os jovens na nata o competitiva

“Quando escrevo ‘esportes juvenis’ neste livro, não estou me referindo aos esportes praticados nas escolas, mas sim aos esportes com base na comunidade voltados para jovens (geralmente entre os cinco anos de idade e meados da

<sup>73</sup> Tradução livre do original: *Too many people in science and medicine share society's indifferent attitude: adolescence is a phase to be endured and moved on from as quickly as possible. That is wrong. [...] The international-development community has never sufficiently prioritized adolescence.*

<sup>74</sup> Tradução livre do original: *Next, society needs to be intelligent about interventions and programmes for young people. More-informed and thoughtful approaches are needed to study and address cognitive and social changes that happen during adolescence, and to design effective interventions. The input of adolescents themselves is crucial here: no scientific programme should be launched without talking to the people it aims to reach.*

adolescência) que estão vinculados a organizações nacionais”<sup>75</sup>. Assim Messner (2009, p.222) define o esporte “juvenil”, ou “para jovens” (*youth sports*, no original) no estudo sociológico sobre os anos iniciais da prática de baseball e futebol (*soccer*) que realizou no Sul da Califórnia, região onde vive, nos Estados Unidos, e que teve origem na observação destas atividades esportivas por parte de seus próprios filhos-atletas. Um trabalho descoberto durante pesquisas exploratórias por referências bibliográficas produzidas no país onde, à época, já se encontrava planejada a pesquisa complementar sobre o meio da natação competitiva inerente a este estudo.

A pesquisa nos Estados Unidos havia sido agendada para o primeiro semestre de 2021, plano que precisou ser revisto, em função da pandemia Covid-19. E que permaneceu em aberto, na verdade, até um momento bem próximo ao prazo de conclusão desta pesquisa – havia a iminência das fronteiras internacionais se abrirem em 8/11/2021, mas os planos de viajar para o país se mantiveram incertos até que tal abertura, de fato, se concretizasse. A alternativa prevista era realizar a pesquisa complementar em um outro estado brasileiro onde a natação de base parecia contar com mais apoio midiático, notadamente, São Paulo ou Minas Gerais. Mas as razões expostas no texto introdutório deste trabalho – em especial, o fato de que treinadores, atletas brasileiros e suas famílias consideravam unanimemente os Estados Unidos como referência para a prática – apontavam para o fato de que uma pesquisa lá realizada traria contribuições efetivas à tese, em seu argumento proposto; até para o caso de, também, desmistificar afirmações ouvidas em entrevistas e conversas com os referidos treinadores, famílias e atletas, uma vez que vislumbrou-se a hipótese de terem traduzido representações do imaginário social sobre a prática esportiva nos Estados Unidos que, de fato, não refletiriam a realidade de seu dia a dia no país.

A definição usada por Messner (2009) para o termo *youth sports* parece traduzir essencialmente a forma como já é entendido no contexto local. Assim, possivelmente, optou por evidenciá-la mais como método, ou como garantia para evitar a incompreensão por parte de alguns poucos leitores. Nos meses em que

---

<sup>75</sup> Tradução livre do original: *When I say “youth sports” in this book, I am referring not to school-based sports, but to community-based sports for kids (usually from ages 5 through the mid-teens) that are linked to national organizations.*



passei no país<sup>76</sup>, notei que as pessoas, em geral, fazem uso da expressão *youth sports* para se referir justamente à prática de esportes competitivos organizados por clubes que, por sua vez, são vinculados a instituições gestoras de cada modalidade a níveis local e nacional. E cuja prática, de fato, começa aos cinco ou seis anos de idade em algumas modalidades esportivas, como é o caso do futebol e do baseball analisados pelo autor. Os esportes nas escolas são também popularmente citados como *school sports* e os universitários, *college sports*. Existem, ainda, os *recreational sports*, destinados aos praticantes de uma modalidade esportiva que não necessariamente competem por ela – como é o caso, por exemplo, das aulas de natação para aqueles que ainda não atingiram a idade mínima de seis a oito anos de idade, que os qualifica a serem inseridos nas categorias etárias iniciais das competições, ou, ainda, nadadores de diferentes idades que não apresentam interesse em se tornarem atletas competitivos.

Este trabalho, portanto, considera o nomeado *esporte de base* no Brasil como equivalente aos *youth sports* nos Estados Unidos, por entender que ambos se referem a modalidades esportivas praticadas de forma organizada e competitiva por crianças e adolescentes - a quem optei por me referir, aqui, como *jovens atletas* – organizadas por instituições vinculadas às máximas entidades gestoras do esporte internacional, e que, portanto, não se enquadram conceitualmente em outras atividades consideradas pela Sociologia do Esporte, tais como a brincadeira espontânea, ou o jogo que não se prende a regras oficiais (Helal, 1990). Seria possível até argumentar que tais atividades acabam por se fazer presentes na cena do esporte de base, por se mostrarem tão intrinsecamente conectadas às já mencionadas atividades de socialização inerentes às culturas juvenis da qual fazem parte seus praticantes. As observações do campo permitem afirmar que, de fato, há brincadeiras inseridas no dia a dia de treinamentos, em especial, das categorias iniciais da natação de base; porém, se mostraram restritas a momentos bastante específicos (como, por exemplo, o fim do treino de um feriado ou o primeiro após uma competição importante), e que dependem da iniciativa individual da treinadora ou treinador para que aconteçam. Por isso, entende-se assim que não refletem a brincadeira espontânea, ou os jogos com regras criadas a partir da imaginação de

---

<sup>76</sup> De janeiro a abril de 2022.

seus próprios participantes, aos quais se referem as mencionadas categorias sociológicas.

Cabe, aqui, colocar que foram observadas rotinas de treinos e de competições muito similares nas duas regiões pesquisadas – o Rio e o Sul da Califórnia - em termos de modelo, duração e frequência como, também, de inserção de brincadeiras e jogos espontâneos em seu contexto, seja pelos próprios treinadores em ocasiões esporádicas, seja pelos próprios atletas, em momentos pós-treino ou em intervalos das competições.

Nesse sentido, as principais diferenças notadas entre as localidades foram, primeiro, melhores estruturas de piscinas destinadas à prática, quando comparadas à realidade brasileira: todas as piscinas de treinos e competições visitadas durante a estadia no Sul da Califórnia possuíam medidas olímpicas, e, por vezes, contemplavam ainda uma segunda unidade, menor, para soltura; havia blocos posicionados em diferentes lados da piscina, o que permitia a realização de provas nadadas tanto em cinquenta metros quanto em vinte e cinco jardas (especificidade que, no Rio de Janeiro, só foi avistada, durante esta pesquisa, em um dos clubes esportivos). Todas as piscinas também possuíam placas eletrônicas próprias. Por último, inerente ao viés da comunicação que norteia esta pesquisa, muitas contavam com peças de comunicação em diferentes pontos do ambiente, destinadas a contar a história do local, a estimular o senso de equipe (tais como faixas com os dizeres *Home of...* seguidos do nome da equipe) ou a motivar os atletas durante os treinos – por exemplo, um grande cronômetro pelo qual os atletas se guiavam durante os treinos, e que além da contagem do tempo exibiam, também, frases motivacionais.

A segunda não é uma diferença observada, essencialmente, entre as rotinas de treinos e competições das localidades pesquisadas, mas sim, correspondem à forma pela qual ela é explicada e formalizada para atletas e familiares<sup>77</sup> - e que se encontra inerente ao campo da comunicação: muitos clubes possuem websites com vastas informações disponíveis sobre horários dos treinos, o número de faltas admitidas, as divisões por categorias etárias (e, ainda, subdivisões em diferentes grupos dentro destas categorias), a experiência e currículo de treinadoras e treinadores, os desafios e habilidades esperados dos atletas pertencentes a cada

---

<sup>77</sup> Como são eles os responsáveis pelos deslocamentos dos atletas, é importante que estejam engajados no cumprimento das regras estabelecidas.

grupo ou faixa etária, a lista de materiais de treinamento solicitada, as peças de uniforme usadas em treinos e competições e as formas de adquiri-los no modo *on line* ou em lojas físicas. Assim, na prática, torna-se mais fácil para os familiares, por exemplo, compreenderem com que idade, e em que grupo, é esperado que sua filha ou filho já tenha desenvolvido técnicas nos quatro estilos de nado, ou então, passe a ter volumes de treino intensificados; ou, ainda, estarem cientes do número de faltas ou atrasos tolerados, e o alerta para que se organizem e evitem ausências em treinos mais próximos das competições tidas como principais. O calendário de tais competições, por sua vez, fica disponível tanto no website do clube, quanto em aplicativo vinculado à *USA Swimming*, e através dele também é possível realizar a inscrição do atleta, e dos familiares que irão participar das atividades de voluntariado inerentes à sua logística – ponto que será detalhado no próximo capítulo. Em suma, as informações sobre as rotinas se encontram descritas e sistematizadas em veículos de comunicação próprios dos clubes e das instituições gestoras da modalidade esportiva, o que automaticamente esclarece uma série de dúvidas de atletas e familiares e facilita processos de admissão nos treinos, e de inscrição em competições. Na realidade observada no Rio, tais processos acabam, muitas vezes, estabelecidos somente de modo verbal, entre famílias e treinadores, ou são trocadas mensagens em grupos de *WhatsApp*, cujo conteúdo nem sempre é capaz de fornecer a informação desejada ou esclarecer as dúvidas colocadas, em sua totalidade.

Em um país como os Estados Unidos, onde o contexto esportivo já desponta como parte tão integrante da cultura - o que se reflete na existência e de uma série de projetos locais e nacionais que incluem entidades gestoras, clubes especializados, voluntariado das famílias, escolas públicas e universidades - o termo *youth sports* parece tão naturalizado ao ponto de não serem necessárias explicações sobre o início de sua prática em idades próximas aos cinco anos de idade; por essa razão, possivelmente, uma pesquisa que trate de práticas esportivas competitivas estruturadas, voltadas para atletas a partir dos oito anos, já faça imediato sentido em seu contexto local.

No Brasil, onde abordagens sobre os esportes por parte das diversas Ciências Sociais constituem um campo de estudos em formação, e no qual o esporte de base representa apenas uma de suas muitas vertentes, pareceu importante

justificar a faixa etária dos atletas aqui tornados objeto de estudo. Por isso, volta-se à definição de Rocha e Pereira (2009, p.21) para evidenciar por que os atletas de base, observados tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, já se encontram em algum lugar entre a infância e a idade adulta quando se trata de sua inserção no meio da natação competitiva: brincam juntos, e há treinadores que fazem questão de estimular brincadeiras e atividades lúdicas em momentos específicos dos treinos, mas, ao mesmo tempo, são demandados por concentração e atenção aos mínimos detalhes técnicos que envolvem movimentos nos quatro estilos de nado, na saída do bloco e nas viradas na borda da piscina, aspectos que influenciam diretamente em sua performance durante as competições; jogam em aplicativos, vão ao cinema e brincam ao ar livre, mas não raro precisam abrir mão de festas de aniversário, e de outras formas de convivência com os colegas da escola, não-nadadores, em função dos horários dos treinos e do calendário de competições; a maioria já sabe de cor seus tempos em cada prova, já possuem a compreensão do que precisam aprimorar para melhorá-los, e muitas vezes têm que ter paciência e perseverança, pois a melhora não surge de imediato, mesmo com atenção e esforço durante os treinos; aprendem, desde o início da vida de atleta, a superar perdas, que às vezes acontecem por milésimos de um segundo, e refletem, em conjunto com seu treinador, sobre o que é preciso fazer para mudar o cenário na próxima competição. Não foram notados, no campo, questionamentos significativos sobre se a rotina de vida estabelecida aos jovens atletas analisados poderia representar uma ameaça à sua infância, como já foi observado em outros discursos que procuraram definir o que seriam, ou não, práticas apropriadas para a criança (Tomaz, 2016); ao contrário, tal rotina pareceu um aspecto já inserido e naturalizado na ordem da cultura que, como pontua a autora, determina as formas pelas quais este período da vida será conduzido. A esta pesquisa, por sua vez, cabe ressaltar a necessidade de um olhar atento e contínuo à prática, por parte dos diversos atores sociais responsáveis, até mesmo, do ponto de vista legal, pela proteção e formação destes atletas – para listar mais uma das possibilidades de contribuição da mídia mapeadas durante o estudo.

Como é aqui explicitado, o fato de se nomear alguém como *jovem* permite diferentes recortes e, em qualquer contexto, passa por diferentes interpretações. Deixo esta, portanto, sobre quem são os nomeados jovens atletas, levando em conta

as práticas competitivas que se tornam oficiais a partir de seus primeiros anos da vida.

### 3.3. Reflexões sobre mídia e materialidade no esporte de base

O Rio de Janeiro já foi referência na natação. Quem ganhasse o [Campeonato] Estadual era praticamente campeão brasileiro. Ser campeão carioca era uma coisa bizarra. Hoje em dia tem gente que é campeão carioca e nem liga, porque não consegue nem [entrar na] pegar a final do [Campeonato] Brasileiro. O nível de natação no Rio caiu muito. [...] Virou monopólio e não tem competitividade, e a natação daqui não melhora.

O depoimento acima é de um dos atletas de base cariocas entrevistados durante a pesquisa; tinha dezessete anos à época e se preparava para ingressar em uma universidade norte-americana no semestre seguinte, onde foi agraciado com uma bolsa acadêmica integral, em uma oportunidade de candidatura que surgiu após de ter sido considerado, por treinadores da instituição, como um potencial integrante de sua equipe de natação. Assim como ocorre com inúmeras modalidades esportivas, entre elas, a natação, os Estados Unidos possuem diferentes ligas universitárias competitivas que representam portas de entrada para o ingresso de estudantes-atletas nas referidas instituições. A maior e mais conhecida – e que foi citada na maior parte das entrevistas – é a *National Collegiate Athletic Association*, ou NCAA<sup>78</sup>, com suas divisões um, dois e três que representam o *ranking* das equipes universitárias em cada uma das modalidades disputadas (sendo a natação apenas uma delas). E o trabalho de campo no país indicou a presença de outras, com menor número de universidades mas que, nem por isso, deixam de contar com calendários estruturados de competições, patrocínios e estruturas para a prática nos campi universitários; são elas, por exemplo, a *National Association of Intercollegiate Athletics - NAIA*<sup>79</sup> e a *National Junior College Athletic Association - NJCAA*<sup>80</sup>. Assim como outros entrevistados, este me explicou que (a) o desempenho na natação não foi o único critério avaliado – precisou, também, entre outros documentos, apresentar seu histórico escolar e teve as notas avaliadas. Mas que o fato de ter sido selecionado para a equipe de natação foi o diferencial que

<sup>78</sup> <https://www.ncaa.com>. Acessado em 20/12/2021.

<sup>79</sup> <https://www.naia.org>. Acessado em 30/3/2022.

<sup>80</sup> <https://www.njcaa.org>. Acessado em 30/3/2022.

facilitou a conquista não somente da vaga universitária como da bolsa acadêmica – que incluía, também, o alojamento e a alimentação no campus; e (b) que enxergava, na transição para os Estados Unidos, a possibilidade ideal de conciliar a formação universitária com o desenvolvimento como atleta.

O trecho do depoimento aqui evidenciado, porém, trata de um outro tema - o atual cenário da natação do Rio de Janeiro - e se encontra em linha com o que ouvi em muitas conversas informais, na maior parte das vezes, com ex-nadadoras e nadadores que atualmente são mães e pais de atletas de base, ou treinadoras e treinadores de suas equipes, que vivenciaram a mesma condição em que se encontram seus filhos ou atletas algumas décadas atrás. Nelas, era recorrente a menção à existência de um cenário mais favorável ao desenvolvimento da natação de base no Rio de Janeiro: mais clubes e, conseqüentemente, mais atletas, maior público, possibilidades de ajudas de custo por parte de iniciativas públicas e privadas, fotos das equipes veiculadas em jornais de bairro, melhor estrutura das competições, em especial, as realizadas nas piscinas do Parque Aquático Julio de Lamare – local de importantes torneios internacionais, que também era utilizado para as competições mais importantes da natação de base.

Tais relatos podem levar à proposta de uma reflexão sobre como a mídia poderia contribuir para retomar tal cenário, em pelo menos alguns aspectos. Por exemplo, se atualmente, não parece relevante tornar-se campeão carioca em uma prova de natação, o que poderia ser feito para mudar essa realidade?

Fugiria ao foco deste trabalho o aprofundamento nos registros da memória coletiva (Halbwachs, 2006) relativa à cena da natação competitiva do Rio de Janeiro de algumas décadas atrás. Entretanto, os dados dos citados depoimentos motivaram uma breve pesquisa exploratória on-line, onde foram encontradas as matérias ilustradas nas Figuras 3 e 4, relativas a dois períodos pré-olímpicos distintos, em 1988 (Seul) e 2021 (Tóquio). A partir destas referências, surgiu a reflexão proposta abaixo.

Figura 3: Primeira página da edição do Jornal O Globo em 14/5/1988. (Seletiva Olímpica de Natação)



Fonte: Arquivo pessoal de ex-atleta, cedido à pesquisa.

Figura 4: website [www.surtoolimpico.com.br](http://www.surtoolimpico.com.br), em 11/6/2021 (Seletiva Olímpica de Natação).



O Parque Aquático Maria Lenk teve uma prova emocionante com a final dos **1500m livre feminino** da Seletiva Olímpica de Natação do Brasil. **Beatriz Dizotti, Ana Marcela Cunha e Betina Lorscheitter** terminaram nas três primeiras posições e fizeram os **primeiros índices olímpicos da natação feminina** nessa seletiva. Confira, abaixo, os resultados das finais desta quinta-feira (22).

Fonte: [www.surtoolimpico.com.br](http://www.surtoolimpico.com.br). Acessado em 11/6/2021.

As figuras 3 e 4 ilustram matérias sobre fatos similares, a respeito da natação competitiva, ocorridos em um intervalo de vinte e três anos: nadadoras brasileiras que alcançaram índice técnico para participar dos Jogos Olímpicos. Em 1988, foi matéria de capa do principal jornal da cidade. Em 2021, foi publicada apenas em websites especializados, até onde esta pesquisa foi capaz de mapear. Nesse sentido propõe-se a reflexão sobre se:

- (a) os sites especializados já não se destinam ao público que conhece o tema e, por isso, se a ideia proposta pela própria mídia é a de que o esporte precisa de mais apoio, fatos como esse não deveriam receber visibilidade midiática mais ampla como, por exemplo, nos nomeados meios de comunicação de massa; cabe, aqui, a ideia levantada pelo Professor Rosental Calmon Alvez em aula inaugural<sup>81</sup> ministrada no

<sup>81</sup> Aula ministrada através da plataforma Zoom, em 15/9/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aRoE4vP16hY>. Acessado em 15/1/2022.



Departamento de Comunicação da PUC-Rio: ao invés de “meios de massa”, temos hoje uma “massa de meios” e mesmo assim, não necessariamente, estamos bem informados sobre o que acontece a nossa volta.

- (b) Não seria interessante se os veículos de comunicação de massa brasileiros utilizassem mais abordagens coletivas ao tratar dos esportes – em especial, dos que possuem mais de um atleta a ser contemplado dentro de uma determinada pauta. Usando o exemplo do site especializado acima (Figura 4), foram três as nadadoras que conquistaram índice olímpico naquele dia. A imagem de uma matéria na mídia de massa poderia, dessa forma, exibir as três nadadoras que realizaram a conquista. Um exemplo que materializa a noção da coletividade na natação é a reportagem publicada no jornal norte-americano *The New York Times* (Figura 5) a respeito do evento de mesmo propósito – a seletiva olímpica – realizado em período similar ao da seletiva brasileira:

Figura 5: Matéria sobre a seletiva olímpica de natação norte-americana publicada no jornal *The New York Times* (junho de 2021) nas versões impressa e digital.

## The New York Times

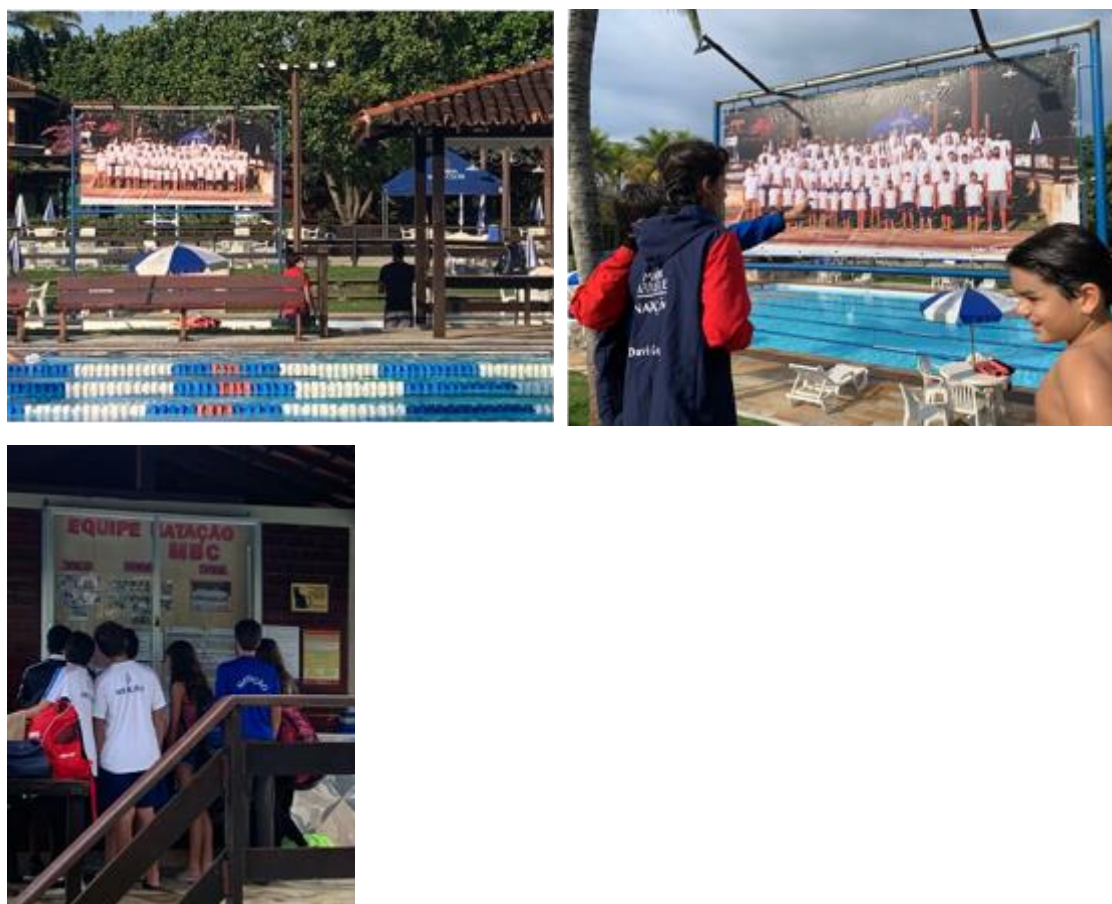


Fontes: acervo pessoal de atleta (impresso) e aplicativo do jornal (digital), acessado em 30/6/2021.

A matéria (Figura 5) se torna pertinente ao contexto deste trabalho não só pela abordagem coletiva, como também pelo enfoque proposto em seu título, que ressalta o fato de que, naquela imagem em equipe, existem onze adolescentes entre as nadadoras e nadadores que representariam os Estados Unidos nas Olimpíadas de Tóquio.

Por último, dou início a discussões que serão desdobradas no próximos capítulo: primeiro, o fato de existir uma série soluções de mídia que, possivelmente, podem ser usados para incrementar o meio da natação competitiva, e de outros esportes de base locais, que não necessariamente incluem os veículos de comunicação de massa; segundo, que alguns desses veículos podem se traduzir em espaços existentes dentro dos próprios clubes esportivos que se encontram subutilizados (Figuras 6 e 7), além de representarem uma noção de materialidade (Figuras 6, 7 e 8) que ainda é capaz de atrair os jovens (Pereira e Beleza, 2018), embora a maior parte das representações atuais os conecte a ferramentas tecnológicas.

Figura 6: Painel e mural de avisos de clube no Rio de Janeiro.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 7: Murais com resultados de competições nos Estados Unidos.



Fonte: acervo pessoal da autora.

A Figura 6 ilustra sugestões fornecidas, em conjunto com outras famílias, a um clube de sócio esportivo do Rio de Janeiro. Em frente à piscina onde treinavam as equipes de base, havia um outdoor e um quadro de avisos que não era usado para comunicações sobre o dia a dia da natação, nem de outros esportes oferecidos pelo clube. Aproveitamos a realização de uma competição interna para tirar uma foto de todos os atletas e treinadores da equipe, e o clube concordou fazer dela um outdoor, onde os atletas se reconheciam. Uma ideia similar foi aplicada ao mural de avisos: famílias de atletas arcaram com o custo de impressões de fotos de competições recentes e de planilhas coloridas com os índices que precisavam ser alcançados nos Campeonatos Brasileiros daquele ano, e os atletas passaram a consultar o quadro com frequência, muitas vezes, em conjunto, apesar de todas as informações estarem, também, disponíveis no modo *on line*.

A Figura 7, por sua vez, mostra exemplos dos quadros onde costumam ficar disponíveis os resultados das provas das competições frequentadas nos Estados Unidos – tais informações são disponibilizadas por aplicativo, o que não impede que muitas pessoas consultem os quadros impressos para legitimá-los – entre estas, inúmeros jovens competidores, ou outros de suas famílias.

Os achados do trabalho de campo realizado no Rio de Janeiro e no Sul da Califórnia serão o foco do capítulo a seguir.

### 3.4. Notas sobre estudos do esporte na Comunicação

Até onde esta pesquisa foi capaz de alcançar, os estudos acadêmicos que tratam da relação entre Esporte e Comunicação no Brasil se referem, majoritariamente, a abordagens relativas ao futebol. Helal (2020) entende que o campo acadêmico dos estudos sobre o futebol no Brasil já está consolidado, ao mesmo tempo em que questionam se a sua representação como o “país do futebol”, que teria sido uma construção orquestrada pelos meios acadêmico, político e midiático, ainda possui a mesma relevância de décadas passadas na formação de uma identidade nacional.

Se compararmos a situação atual com a forte carga emocional expressa na derrota na Copa de 1950, por exemplo, ou no tricampeonato em 1970, podemos mesmo especular sobre o fato de estarmos assistindo a um declínio do interesse pelo futebol. Hoje, portanto, ao contrário de décadas atrás, seria lícito perguntar, afinal, se o Brasil está deixando de ser o país do futebol e se a seleção seria a pátria de chuteiras nos termos colocados por Nelson Rodrigues no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. (Helal, 2020, p. 33)

Seria interessante avaliar se o mencionado desinteresse pelo futebol implica em um processo de descentralização, onde diferentes modalidades esportivas passam a chamar a atenção do público e, em caso positivo, se tais modalidades são aquelas que tem recebido um pouco mais de atenção por parte da mídia por terem, por exemplo, passado a ingressar recentemente a lista de esportes olímpicos. Mas o fato é que tal perspectiva evidencia ainda mais a oportunidade de se desenvolver pesquisas acadêmicas no Brasil direcionadas a outros esportes, que não o futebol.

Na busca por trabalhos anteriores que refletissem a triangulação entre esporte de base, mídia e juventude, foram encontrados os que abordam amplas questões sobre as relações entre mídia, esporte e sociedade, tais como a identificação de formas pelas quais a primeira poderia contribuir para incentivar a prática de esportes visando a melhoria da qualidade de vida e da saúde, partindo da premissa de que “apenas 1,2% da população brasileira pratica atividades físicas com regularidade” (Hatje, 2003, p.3). No âmbito da prática de esportes durante a infância e a juventude, uma coletânea de artigos (Gaya, Marques & Tani, 2004) propõe um olhar cuidadoso para o tema, destacando sua relevância na formação da

cidadania, a partir de perspectivas que englobam os campos da Psicologia, da Educação Física e das Ciências do Esporte.

A consulta ao Banco de Teses e Dissertações da Capes, a partir do uso da “natação” como palavra-chave usada nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, indicou oito teses de doutorado e trinta e seis dissertações de mestrado, destacando-se, entre as possibilidades de diálogo com o presente estudo, a perspectiva da Psicologia sobre a representação da natação para atletas adolescentes (Albuquerque, 2008).

Sobre a natação de base, em especial, deparou-se com esforços iniciais, especialmente no campo da Educação Física, no sentido de mapear as principais motivações de atletas brasileiros de diferentes idades para permanecer no esporte, incluindo alguns das categorias de base, em um cenário onde estudos sobre motivação no meio da natação ainda são tidos como escassos (Bastos, Marquez e Salgueiro, 2006); ou, ainda, de identificar possíveis situações geradoras de stress em nadadores de base a partir de atitudes de familiares e técnicos durante treinamentos e competições (Barros & De Rose, 2006).

A análise deste contexto permite apontar para um certo ineditismo relativo à pesquisa que aqui se apresenta, sendo esta, por sua vez, capaz de (a) prestar uma contribuição para o campo dos estudos sobre Esporte e Comunicação no Brasil, em especial, no que diz respeito à sua extensão para diferentes modalidades esportivas (b) estabelecer diálogo com trabalhos de diferentes áreas do conhecimento debruçados sobre questões relativas às práticas esportivas e, em especial, às práticas competitivas de jovens atletas, (c) dialogar com pesquisas de outros campos de estudo para, assim, lançar um olhar sobre o tema a partir de perspectivas multidisciplinares, semelhante à orientação fornecida pela *Revista Nature* para o desenvolvimento de novos estudos sobre Juventude.

Entende-se que é possível demonstrar, através do estudo de caso específico destes jovens nadadores, que há uma série de grupos, reunidos em torno de práticas positivas, como é o caso do esporte, que talvez não recebam a devida atenção por parte da mídia. E, por consequência, seu modo de vida, suas conquistas, seus anseios, dificuldades, sonhos e ambições não ganham a visibilidade que poderia proporcionar tanto o reconhecimento geral da sociedade, como também benefícios

e incentivos por meio de instituições públicas e privadas. E, assim, uma análise como essa aqui proposta, de uma dimensão *micro*, como é o caso da natação, pode contribuir para uma reflexão sobre o contexto *macro* (Goffman, 1982) das atuais representações das juventudes atualmente privilegiadas pela mídia; em outras palavras, pretendo que desta pesquisa possam surgir questionamentos que extrapolam o universo analisado, por exemplo: se jovens como os nadadores federados não contam com o apoio da mídia, há outros jovens que o conseguem? Se sim, quem são eles? E como são representados?

Almejo, assim, que as conclusões desta pesquisa tenham potencial para colaborar, de forma estruturada e crítica, com a fundamentação de discussões em torno das representações de jovens que atualmente encontram espaço nas mídias brasileiras.

#### 4. Entre o Rio e a Califórnia: o que o campo ensinou

Eu tenho uma gratidão pelo esporte. O esporte me ensinou não só o aspecto de resiliência, de determinação. Ele elevou a minha autoestima, muitas vezes. Pessoas com autoestima bacana são pessoas felizes, e vivem bem umas com as outras. O esporte teve esse lugar na minha vida. E por isso eu me sinto, também, na obrigação de me entregar a esse trabalho voluntário, durante um tempo determinado.

[...]

Atleta gosta de medalha, de competição, de realização. Competição é aquele momento em que o atleta se realiza. Então, o atleta gosta de competição bonita, de chuva de papel picado no pódio, gosta daquele momento, daquele espetáculo. Por exemplo, a medalha, tem que ter uma empresa que apoia, que põe o nome dela na medalha, e aí o nome dela fica imortalizado na medalha que vai para o quadro do atleta.

As falas de abertura deste capítulo são de Bruno Chateaubriand, Presidente da Federação Estadual de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (sendo este o trabalho voluntário ao qual se refere), que também foi atleta competitivo da modalidade esportiva; foram transcritas de uma *live*<sup>82</sup> promovida pelo jornal O Globo, em parceria com o Sesc RJ. O intuito foi discutir o que seu título resumiu como *A importância de clubes e federações na formação de atletas*, parte de uma série de debates inerentes ao projeto de ambas as instituições nomeado *Interolímpico*, que tiveram como objetivo discutir caminhos para o futuro do esporte no Rio de Janeiro. E representa uma das iniciativas mais ilustrativas que esta pesquisa mapeou, no sentido do apoio da mídia de massa ao desenvolvimento do esporte de base local. Com uma hora e quarenta e sete minutos de duração, trouxe um rico debate sobre o tema e, de fato, se traduziu em uma fonte de dados importante para este trabalho. O ponto ressaltado é que, possivelmente, a iniciativa poderia ter sido mais divulgada pelas próprias instituições que a promoveram<sup>83</sup>: em 25/10/2021, cerca de um mês após a sua transmissão ao vivo, a *live* contava com 459 visualizações no canal do Youtube do referido jornal que, por sua vez, possui 946.000 inscritos. Em 29/7/2022, véspera do fechamento deste estudo, contava com

<sup>82</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ft1bS3MBUjc&t=18s>. Acessado em 25/10/2021.

<sup>83</sup> Poucas notas foram encontradas sobre a realização da *live* e suas implicações, no sentido de melhorar o esporte de base no Rio. Por exemplo: <https://oglobo.globo.com/esportes/intercolegial/noticia/2021/09/importancia-de-clubes-federacoes-na-formacao-de-atletas-tema-de-live-25217651.ghtml>. Acessado em 25/10/2021.

551 visualizações. Reflexões da pesquisa, no sentido de ampliar o alcance deste conteúdo, apontam para possibilidades como a de trabalhar em uma edição deste extenso material e disponibilizá-la no canal e, a partir dela, promover também debates com representantes de federações de outras modalidades esportivas e divulgar seus resultados nas próprias versões impressa e digital do jornal; ou, ainda, utilizar o material como parte da produção de um documentário sobre o esporte de base no Rio de Janeiro, ou de uma nova edição do Programa *Globo Repórter*, como aquele mencionado na Introdução deste trabalho. Poderiam ser formas de sustentar o tema, e, talvez, alcançar resultados práticos para a melhoria do esporte de base, ressaltando a sua relevância em períodos para além daqueles em que se realizam as edições dos Jogos Olímpicos.

Outros objetivos que partem do uso das citações que abrem o capítulo: primeiro, o de evidenciar a ideia já exposta de que diferentes modalidades esportivas possuem pontos de atenção comuns no que diz respeito ao seu desenvolvimento nos anos iniciais da prática e, dessa forma, o estudo aprofundado de uma delas pode contribuir com o contexto de muitas outras, e com o esporte de base, de forma geral; segundo, o de introduzir alguns dos principais temas discutidos no capítulo, tais como (a) o papel social do esporte de base na formação de seus atletas, desde os anos iniciais de suas vidas, como também de sua organização familiar; e (b) o papel das competições, e da mídia na sua divulgação, no desempenho e permanência dos atletas no esporte de base, levando a uma consequente legitimação da atividade.

Faz-se uso dos dados colhidos no trabalho de campo realizado entre o Rio de Janeiro e o Sul da Califórnia para discutir tais questões. A menção ao Rio de Janeiro faz referência, basicamente, à sua capital, onde estão localizados doze dos catorze clubes do Estado vinculados à FARJ e, conseqüentemente, à CBDA<sup>84</sup>. Na Califórnia, por sua vez, a gestão da natação é segmentada por região, e por isso menciona-se especificamente aquela que possui esta função no Sul do estado norte-americano, onde, de fato, o trabalho foi realizado: o website da *Southern California Swimming* indica a presença de 168 clubes associados na região, sendo que sua

---

<sup>84</sup> Refere-se, aqui, diretamente aos dados disponíveis no website da confederação nacional pelo fato de não terem sido localizados dados no website ou redes sociais da FARJ, a gestora dos clubes a nível estadual. <https://cbda.org.br/clubes/natacao?uf=19>. Acessado em 22/7/2022.



ferramenta de buscas<sup>85</sup> por clubes próximos, através da informação de um cep (*zip code*) local, indicou a existência de catorze clubes em um raio de somente dez milhas do bairro onde morei – em um comparativo sobre abrangência, esta é a mesma quantidade de clubes associados de todo o Estado do Rio de Janeiro. Foi em um desses clubes que minha filha e meu filho treinaram e competiram durante o período em que lá residimos.

Neste capítulo, o papel do esporte de base é evidenciado em temas caros a diversos campos das Ciências Sociais, tais como as noções de família, educação, gênero e comunidade, porém, privilegiando em sua análise o viés da comunicação e dos estudos de mídia que se traduzem no foco deste trabalho. O termo “Comunicação” é aqui interpretado como a “Ciência do Comum” (Sodré, 2014): o ato de se relacionar e de criar vínculos a partir de uma realidade e de um dia a dia compartilhados por um grupo social, seja ele uma família, colegas de trabalho, amigos, ou, nesse caso, uma ou mais equipes esportivas. A premissa é a de que os seres humanos não se comunicam apenas porque falam, mas também porque se relacionam e se organizam através de trocas simbólicas: gestos, atitudes, o tom da voz, as expressões corporais, os escritos, e quaisquer outras mensagens subliminares, inerentes aos diferentes contextos sociais onde cada sujeito se encontra inserido. Falar em Comunicação, portanto, é tratar das “práticas contemporâneas que se estendem desde as trocas de palavras até a transmissão tecnologicamente avançada de sinais e mensagens” (Sodré, 2014). Sendo assim, a noção de *comunicação* aplicada a este estudo considera, além dos discursos verbal e escrito, as expressões corporais dos atletas, os sorrisos, as interações gestuais com treinadores e companheiros de equipe e os olhares atentos às placas eletrônicas ao fim de cada uma das provas disputadas, para conferir os tempos conquistados em cada uma delas.

O conceito de “mídia”, por sua vez, engloba a diversidade de dispositivos que organizam e categorizam tais práticas (Sodré, 2014); que as transformam em informação e as transmitem a um público que pode ser bastante heterogêneo, como é o caso das chamadas mídias de massa, ou altamente segmentado como, por exemplo, as famílias dos nadadores e nadadoras de base. Sobre estes dispositivos midiáticos, destacam-se dois aspectos: primeiro, os constantes avanços

<sup>85</sup> <https://www.socalswim.org/contact/find-swim-team>. Acessado em 10/11/2021.

tecnológicos que todos os dias criam soluções inovadoras, e que ainda as transformam e atualizam em altíssima velocidade, trazendo consequências sociais relevantes que tanto os estudos de mercado quanto os acadêmicos vêm tentando dar conta de mapear e interpretar, mas que, não necessariamente, representam os únicos canais eficientes de comunicação com os jovens. Uma possível consequência desta realidade é a existência atual não de *meios de massa*, mas sim, de uma *massa de meios* que não necessariamente nos deixam mais informados, criativos ou trazem novas ideias para incrementar nossas rotinas, conforme a ideia já abordada no capítulo anterior. O segundo aspecto é a capacidade da mídia de alterar a forma como pensamos (Lang, 2013), a definição de nossas necessidades e prioridades, do que valorizamos, de controlar os assuntos sobre os quais seremos ou não informados e o ângulo pelo qual a informação nos é transmitida. É nesse sentido que esta pesquisa considera visibilidade midiática e representatividade social como temas intrinsicamente entrelaçados: *estar na mídia* torna-se cada vez mais vital para a obtenção de reconhecimento institucional, de patrocínios e de quaisquer oportunidades que possam ser obtidas por meio do setor público, da iniciativa privada, e da sociedade como um todo.

Um acontecimento capaz de ilustrar possibilidades deste tipo de legitimação por parte da mídia, e da consequente geração de reconhecimento social para o esporte de base, deriva da própria ginástica, modalidade esportiva abordada na abertura deste capítulo. Em janeiro de 2022, o vídeo<sup>86</sup> de Ana Luisa Anjo dos Santos, doze anos de idade à época, praticando movimentos de ginástica artística na laje de sua residência, em uma favela do Rio de Janeiro, foi postado em uma rede social e viralizou. Em poucos dias, Ana Luisa obteve propostas para treinar em equipes de ginástica de três diferentes clubes da cidade, sendo um deles a sede de treinamentos de Rebeca Andrade, atleta que poucos meses antes havia conquistado a primeira medalha de ouro olímpica na modalidade para o Brasil – e a quem se refere a especialista em educação consultada pelo programa *Globo Repórter*, citado na Introdução deste trabalho, ao mencionar que muitas “Rebecas” poderiam surgir se o Brasil investisse em mais políticas públicas de apoio ao esporte. Veículos de comunicação de massa noticiaram amplamente tais convites, em especial, aquele feito pela equipe do Clube de Regatas do Flamengo, onde treinava Rebeca. Gestores

---

<sup>86</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kLV9YQiU1k>. Acessado em 15/1/2022.

da instituição pousaram em fotos ao lado de Ana Luisa e Rebeca, durante a visita que a primeira foi convidada a realizar na sede do clube, e que foi coberta pela mídia de massa, sob o anúncio de que a ginasta que praticava na laje de sua casa na favela passaria, então, a treinar no clube que contribuiu para formar aquela que era a única medalhista de ouro olímpica brasileira na modalidade. A Figura 8 ilustra exemplos da visibilidade alcançada.

Figura 8: Visibilidade midiática em caso da ginástica de base.



Fonte: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/ginasta-do-borel-ganha-oportunidade-no-flamengo-apos-viralizar-nas-redes-sociais-18012022>. Acessado em 20/1/2022.

No dia seguinte à veiculação, uma pesquisa no Google sobre o assunto indicava outros aspectos, e ainda um desfecho diferente para a história: (a) que Ana Luisa, mesmo sem pedir, havia sido contemplada com uma bolsa de estudos em uma escola particular da região onde reside; e (b) que, na verdade, não tinha

aceitado o convite para treinar no Flamengo<sup>87</sup>, pois, segundo declaração de sua mãe, o clube era muito distante de sua casa, e a ida aos treinos implicaria em um deslocamento de mais de três horas diárias em um ônibus, o que representava uma rotina inviável de ser conciliada, por exemplo, com o horário escolar. “Nem sempre o que é bom para o adulto é bom para a criança”<sup>88</sup>, declarou a mãe da ginasta. Entendia-se que este era o desfecho final por ter sido – por questão de horas - mais recente disponível para leitura. De fato, as informações encontradas, de forma segmentada, em diferentes notícias encontradas, permitiram mapear o seguinte cenário: (1) um *influencer* avistou Ana Luisa treinando na laje, filmou a cena, entendeu que era um conteúdo interessante para ser compartilhado com seus seguidores, e então o publicou; o vídeo despertou interesse do público, e viralizou; (2) tal visibilidade motivou gestores de três clubes a convidarem a ginasta para integrar suas equipes, e originou a geração de uma visibilidade ainda mais ampla, na mídia de massa; (3) um destes clubes organizou uma visita da jovem à sua sede, que foi coberta pela mídia de massa, sob o anúncio de que aquele seria o seu novo local de treinamento; (4) logo na sequência, a mãe da ginasta fez a correção de que ela não treinaria naquele clube, mas sim, em um outro, com estrutura mais limitada, porém, mais próximo da região onde reside e, por isso, mais viável em termos logísticos e financeiros; e (5) em função da visibilidade que a história conquistou, Ana Luisa ganhou uma bolsa de estudos de uma escola particular. Parte de situações como essa a reflexão sobre o fato de que, para se entender uma história publicada atualmente, torna-se muitas vezes necessário acessar diferentes veículos de comunicação da nomeada *massa de meios* e, possivelmente, realizar ainda uma pesquisa mais ampla, para se certificar sobre seu desfecho.

O caso da ginasta de base ilustra, portanto, que a mídia (ou a visibilidade midiática) leva ao reconhecimento social: Ana Luisa conseguiu integrar uma equipe de ginástica após seu vídeo obter tal visibilidade; ou seja, em um primeiro momento, ser publicado e viralizar nas redes sociais e, a partir daí, conseguir espaço na mídia de massa. É nesse sentido que esta pesquisa parte da premissa de que diferentes formatos de mídia atuam no desenvolvimento do esporte de base, em

<sup>87</sup> Disponível em <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/ginasta-que-treinou-em-laje-ganha-bolsa-de-estudos-e-promessa-de-melhorias-para-a-pratica-do-esporte-no-morro-do-borel.html>. Acessado em 19/1/2022.

<sup>88</sup> Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/menina-borel-que-treinava-na-190704724.html>. Acessado em 19/1/2022.

suas diferentes formas de organização da informação, desde a reconhecida mídia de massa, passando por websites e redes sociais, até peças de comunicação inerentes ao formato das competições.

#### **4.1. As competições da natação de base: comparativos entre as observações no Rio e na Califórnia**

##### **4.1.1. Sobre os sistemas de competições**

O primeiro capítulo apontou a diferença entre as *aulas* e os *treinos* de natação, que se referem, respectivamente, ao ambiente onde se *aprende a nadar*, e àquele onde se *aprende a competir*, o que ocorre, quase que diariamente, a partir do aprofundamento em técnicas inerentes aos quatro estilos de nado<sup>89</sup>, e de outros fundamentos intrínsecos a um planejamento concebido por cada treinador, levando em conta o calendário anual de competições definido pelas entidades gestoras do esporte, a níveis estadual e nacional, para cada uma das diferentes categorias etárias da natação de base. Também são estas entidades que definem quais serão as competições internacionais das quais os atletas de base terão a oportunidade de participar, quais serão seus critérios de convocação e quais serão os custos arcados para viabilizar a participação dos convocados.

No Rio de Janeiro, os atletas das categorias Mirim (8 a 10 anos) e Petiz (11 e 12 anos) costumam competir durante o mesmo torneio, porém, como já foi mencionado, em horários alternados entre os turnos da manhã e da tarde, e que normalmente têm duração de dois ou três dias, independente de serem eventos locais ou interestaduais. Pelo critério aplicado nacionalmente a atletas destas faixas etárias, não existe índice mínimo para inscrição em cada uma das provas dos torneios, o que faz com que qualquer atleta possa nadar qualquer uma das provas oferecidas, independente do tempo que tenha obtido em torneios anteriores ou, ainda, que nunca tenha nadado uma determinada prova onde o treinador opta por inscrevê-lo. Tal critério, somado ao fato de que são as categorias que representam a *base da base* (e que, portanto, já possuem, por si só, o maior número de atletas),

---

<sup>89</sup> A saber, os quatro estilos de nado são: livre (no Brasil, popularmente conhecido, também, como *crawl*), costas, peito e borboleta. Na tradução para o inglês, respectivamente: *freestyle*, *backstroke* (ou, simplesmente, *back*), *breaststroke* (ou *breast*) e *butterfly*.

faz com que estas competições invariavelmente contem com um grande número inscritos e, conseqüentemente, se estendam por muitas horas; esta é a principal razão pela qual diversas famílias com filhas e filhos nestas duas categorias optam por montar uma logística para que estes se encontrem presentes somente em seu respectivo turno (manhã ou tarde) e, assim, tenham a oportunidade de competir mais descansados. Nos Estados Unidos, muitas das competições de natação voltadas para as categorias etárias similares já requerem índice mínimo para a participação dos atletas, porém, tal critério não necessariamente representa uma medida excludente, como pode parecer à primeira vista, mas sim, ser aplicado no sentido de democratizar e motivar um número maior de atletas, como será explicado mais à frente.

Pelas regras da natação brasileira, os índices mínimos passam a ser exigidos a partir da categoria Infantil (13 e 14 anos) para a participação nos Campeonatos Brasileiros, que costumam ocorrer duas vezes por ano. Com isso, as competições regionais em que se inscrevem estes atletas acabam tendo, como objetivo maior, a conquista dos índices que darão acesso a tais competições de nível nacional. A Figura 4 traz as tabelas de índices aplicados às três categorias de base (Infantil, Juvenil e Júnior) para participação nos Campeonatos Brasileiros de 2022, e visa facilitar seu entendimento.

Figura: 9 - Índices da natação de base brasileira em 2022.

TABELA DE INDICES BRASILEIRO FEMININO PISCINA DE 25 METROS - 2022													
PROVAS	INFANTIL 1		INFANTIL 2		JUVENIL 1		JUVENIL 2		JUNIOR 1		JUNIOR 2		TROFÉU BRASIL
	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	ABSOLUTO
50 L	00:30,75	00:30,27	00:30,08	00:29,81	00:29,63	00:29,38	00:29,25	00:29,07	00:28,95	00:28,77	00:28,66	00:28,49	26"02
100 L	01:07,34	01:06,28	01:05,88	01:05,28	01:04,90	01:04,34	01:04,07	01:03,66	01:03,40	01:03,02	01:02,77	01:02,40	56"15
200 L	02:27,46	02:25,14	02:24,25	02:22,95	02:22,11	02:20,89	02:20,39	02:19,42	02:18,85	02:18,00	02:17,45	02:16,65	2'04"90
400 L	05:08,94	05:04,09	05:02,22	04:59,51	04:57,76	04:55,20	04:54,16	04:52,12	04:50,92	04:49,16	04:48,09	04:46,31	4'23"47
800 L	10:38,96	10:28,69	10:24,75	10:19,03	10:15,32	10:09,92	10:07,29	10:03,43	10:00,90	09:57,19	09:54,77	09:51,20	9'11"81
1500 L	20:13,54	19:54,02	19:46,55	19:35,68	19:28,65	19:18,40	19:13,40	19:06,06	19:01,27	18:54,23	18:49,63	18:42,86	17'56"62
50 C													00:31,13
100 C	01:19,82	01:18,32	01:17,75	01:16,93	01:16,40	01:15,63	01:15,25	01:14,71	01:14,35	01:13,83	01:13,49	01:12,99	01:06,40
200 C	02:51,63	02:48,41	02:47,19	02:45,43	02:44,29	02:42,63	02:41,83	02:40,66	02:39,89	02:38,77	02:38,00	02:36,97	02:22,84
50 P													33"22
100 P	01:28,99	01:27,32	01:26,69	01:25,77	01:25,18	01:24,32	01:23,90	01:23,29	01:22,89	01:22,31	01:21,93	01:21,37	1'12"48
200 P	03:13,16	03:09,54	03:08,17	03:06,18	03:04,90	03:03,03	03:02,28	03:00,81	02:59,95	02:58,68	02:57,86	02:56,65	2'38"89
50 B													28"18
100 B	01:17,32	01:15,88	01:15,33	01:14,53	01:14,02	01:13,24	01:12,98	01:12,39	01:12,04	01:11,54	01:11,21	01:10,73	1'03"45
200 B	02:57,18	02:53,47	02:52,06	02:50,04	02:48,74	02:46,87	02:45,96	02:44,64	02:43,78	02:42,52	02:41,70	02:40,50	2'24"19
100 M													1'06"45
200 M	02:48,62	02:45,76	02:44,67	02:43,09	02:42,07	02:40,58	02:39,85	02:38,79	02:38,09	02:37,07	02:36,41	02:35,43	2'24"31
400 M	06:00,94	05:54,70	05:52,32	05:48,87	05:46,64	05:43,40	05:41,82	05:39,51	05:38,00	05:35,78	05:34,34	05:32,21	05:09,00
													05:12,59
TABELA DE INDICES BRASILEIRO MASCULINO PISCINA DE 25 METROS - 2022													
PROVAS	INFANTIL 1		INFANTIL 2		JUVENIL 1		JUVENIL 2		JUNIOR 1		JUNIOR 2		TROFÉU BRASIL
	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	ABSOLUTO
50 L	00:28,01	00:27,07	00:26,43	00:25,85	00:25,63	00:25,32	00:25,12	00:24,82	00:24,70	00:24,51	00:24,39	00:24,22	22"47
100 L	01:01,96	00:59,97	00:58,63	00:57,01	00:56,56	00:55,90	00:55,48	00:54,87	00:54,61	00:54,23	00:53,98	00:53,61	49"13
200 L	02:18,68	02:13,90	02:09,70	02:05,98	02:04,94	02:03,44	02:02,48	02:01,09	02:00,49	01:59,62	01:59,05	01:58,21	1'49"74
400 L	04:51,88	04:42,54	04:36,24	04:28,64	04:26,52	04:23,44	04:21,47	04:18,62	04:17,39	04:15,58	04:14,41	04:12,68	3'55"38
800 L	10:10,60	09:50,12	09:40,83	09:27,90	09:23,04	09:16,03	09:11,55	09:05,07	09:02,29	08:58,22	08:55,57	08:51,69	8'06"24
1500 L	19:37,04	18:57,58	18:39,68	18:15,28	18:05,41	17:51,91	17:43,27	17:30,80	17:25,44	17:17,59	17:12,49	17:05,01	15'55"98
50 C													26"57
100 C	01:15,75	01:12,58	01:10,52	01:08,09	01:07,42	01:06,47	01:05,86	01:04,98	01:04,61	01:04,06	01:03,71	01:03,19	57"52
200 C	02:43,78	02:36,95	02:32,49	02:27,25	02:25,81	02:23,74	02:22,43	02:20,54	02:19,74	02:18,56	02:17,79	02:16,68	3'07"07
50 P													28"41
100 P	01:22,96	01:19,49	01:17,23	01:14,56	01:13,83	01:12,78	01:12,11	01:11,15	01:10,74	01:10,14	01:09,76	01:09,19	1'02"75
200 P	03:04,39	02:56,70	02:51,67	02:45,76	02:44,14	02:41,81	02:40,33	02:38,21	02:37,30	02:35,97	02:35,11	02:33,85	2'20"51
50 B													24"12
100 B	01:12,46	01:09,45	01:07,48	01:05,16	01:04,52	01:03,61	01:03,03	01:02,20	01:01,84	01:01,32	01:00,98	01:00,49	53"73
200 B	02:48,70	02:42,60	02:37,43	02:31,44	02:29,80	02:27,48	02:26,01	02:23,90	02:23,00	02:21,69	02:20,85	02:19,61	2'06"00
100 M													55"98
200 M	02:37,76	02:32,03	02:28,95	02:24,76	02:23,46	02:21,59	02:20,40	02:18,68	02:17,94	02:16,86	02:16,16	02:15,14	2'05"49
400 M	05:42,56	05:32,85	05:26,94	05:18,80	05:13,79	05:06,82	05:04,19	05:00,41	04:58,79	04:56,42	04:54,89	04:52,63	4'36"67
													4'29"87

TABELA DE INDICES BRASILEIRO FEMININO PISCINA DE 50 METROS - 2022														
PROVAS	INFANTIL 1		INFANTIL 2		JUVENIL 1		JUVENIL 2		JUNIOR 1		JUNIOR 2		TROFÉU BRASIL	FINKEI
	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO		
50 L	00:31,60	00:31,12	00:30,93	00:30,66	00:30,48	00:30,23	00:30,10	00:29,92	00:29,80	00:29,62	00:29,51	00:29,34	00:26,87	27'28
100 L	01:09,04	01:07,98	01:07,58	01:06,98	01:06,60	01:06,04	01:05,77	01:05,36	01:05,10	01:04,72	01:04,47	01:04,10	00:57,85	58'68
200 L	02:30,86	02:28,54	02:27,65	02:26,35	02:25,51	02:24,29	02:23,79	02:22,82	02:22,25	02:21,40	02:20,85	02:20,05	02:08,30	210'22
400 L	05:15,74	05:10,89	05:09,02	05:06,31	05:04,56	05:02,00	05:00,96	04:58,92	04:57,72	04:55,96	04:54,89	04:53,11	04:30,27	434'38
800 L	10:52,56	10:42,29	10:38,35	10:32,63	10:28,92	10:23,52	10:20,89	10:17,03	10:14,50	10:10,79	10:08,37	10:04,80	09:25,41	934'78
1500 L	20:39,04	20:19,52	20:12,05	20:01,18	19:54,15	19:43,90	19:38,90	19:31,56	19:26,77	19:19,73	19:15,13	19:08,36	18:22,12	1841'43
50 C													00:31,98	00:32,35
100 C	01:21,52	01:20,02	01:19,45	01:18,63	01:18,10	01:17,33	01:16,95	01:16,41	01:16,05	01:15,53	01:15,19	01:14,69	01:08,10	01:08,88
200 C	02:55,03	02:51,81	02:50,59	02:48,83	02:47,69	02:46,03	02:45,23	02:44,06	02:43,29	02:42,17	02:41,40	02:40,37	02:26,24	02:27,90
50 P													00:34,22	34'77
100 P	01:30,99	01:29,32	01:28,69	01:27,77	01:27,18	01:26,32	01:25,90	01:25,29	01:24,89	01:24,31	01:23,93	01:23,37	01:14,48	115'70
200 P	03:17,16	03:13,54	03:12,17	03:10,18	03:08,90	03:07,03	03:06,28	03:04,81	03:03,95	03:02,68	03:01,86	03:00,65	02:42,89	245'57
50 B													00:28,88	29'37
100 B	01:18,72	01:17,28	01:16,73	01:15,93	01:15,42	01:14,64	01:14,38	01:13,79	01:13,44	01:12,94	01:12,61	01:12,13	01:04,85	105'92
200 B	02:59,98	02:56,27	02:54,86	02:52,84	02:51,54	02:49,67	02:48,76	02:47,44	02:46,58	02:45,32	02:44,50	02:43,30	02:26,99	229'67
200 M	02:52,62	02:49,76	02:48,67	02:47,09	02:46,07	02:44,58	02:43,85	02:42,79	02:42,09	02:41,07	02:40,41	02:39,43	02:28,31	230'79
400 M	06:07,74	06:01,50	05:59,12	05:55,67	05:53,44	05:50,20	05:48,62	05:46,31	05:44,80	05:42,58	05:41,14	05:39,01	05:15,80	05:19,39
TABELA DE INDICES BRASILEIRO MASCULINO PISCINA DE 50 METROS - 2022														
PROVAS	INFANTIL 1		INFANTIL 2		JUVENIL 1		JUVENIL 2		JUNIOR 1		JUNIOR 2		TROFÉU BRASIL	FINKEI
	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO	INVERNO	VERÃO		
50 L	00:28,86	00:27,92	00:27,28	00:26,70	00:26,48	00:26,17	00:25,97	00:25,67	00:25,55	00:25,36	00:25,24	00:25,07	00:23,32	23'65
100 L	01:03,66	01:01,67	01:00,33	00:58,71	00:58,26	00:57,60	00:57,18	00:56,57	00:56,31	00:55,93	00:55,68	00:55,31	00:50,83	51'49
200 L	02:22,08	02:17,30	02:13,10	02:09,38	02:08,34	02:06,84	02:05,88	02:04,49	02:03,89	02:03,02	02:02,45	02:01,61	01:53,14	154'71
400 L	04:58,68	04:49,34	04:43,04	04:35,44	04:33,32	04:30,24	04:28,27	04:25,42	04:24,19	04:22,38	04:21,21	04:19,48	04:02,18	403'53
800 L	10:24,20	10:03,72	09:54,43	09:41,50	09:36,64	09:29,63	09:25,15	09:18,67	09:15,89	09:11,82	09:09,17	09:05,29	08:19,84	826'79
1500 L	20:02,54	19:23,08	19:05,18	18:40,78	18:30,91	18:17,41	18:08,77	17:56,30	17:50,94	17:43,09	17:37,99	17:30,51	16:21,48	1635'90
50 C													00:27,42	27'87
100 C	01:17,45	01:14,28	01:12,22	01:09,79	01:09,12	01:08,17	01:07,56	01:06,68	01:06,31	01:05,76	01:05,41	01:04,89	00:59,22	100'13
200 C	02:47,18	02:40,35	02:35,89	02:30,65	02:29,21	02:27,14	02:25,83	02:23,94	02:23,14	02:21,96	02:21,19	02:20,08	02:10,47	212'69
50 P													00:29,41	29'88
100 P	01:24,96	01:21,49	01:19,23	01:16,56	01:15,83	01:14,78	01:14,11	01:13,15	01:12,74	01:12,14	01:11,76	01:11,19	01:04,75	105'73
200 P	03:08,39	03:00,70	02:55,67	02:49,76	02:48,14	02:45,81	02:44,33	02:42,21	02:41,30	02:39,97	02:39,11	02:37,85	02:24,51	226'73
50 B													00:24,82	25'17
100 B	01:13,86	01:10,85	01:08,88	01:06,56	01:05,92	01:05,01	01:04,43	01:03,60	01:03,24	01:02,72	01:02,38	01:01,89	00:55,13	55'90
200 B	02:51,50	02:45,40	02:40,23	02:34,24	02:32,60	02:30,28	02:28,81	02:26,70	02:25,80	02:24,49	02:23,65	02:22,41	02:08,80	210'92
200 M	02:41,76	02:36,03	02:32,95	02:28,76	02:27,46	02:25,59	02:24,40	02:22,68	02:21,94	02:20,86	02:20,16	02:19,14	02:09,49	211'46
400 M	05:49,36	05:39,65	05:33,74	05:25,60	05:20,59	05:13,62	05:10,99	05:07,21	05:05,09	05:03,22	05:01,69	04:59,43	04:43,67	448'30

Como exemplo ilustrativo: uma atleta de treze anos (categoria Infantil 1) do sexo feminino precisa, por exemplo, ter nadado os 100 metros peito em um tempo igual ou abaixo dos 1:30.99 em um torneio anterior, competido em piscina de 50 metros, para que esteja apta a se inscrever no Campeonato Brasileiro de 2022 disputado na piscina desta medida<sup>90</sup>. Um outro de mesma idade e categoria, do sexo masculino, por sua vez, precisa nadar a mesma prova em um tempo mais do que seis segundos mais baixo. As diferenciações de tempo entre atletas de ambos os sexos são notadas já nas categorias iniciais – Mirim e Petiz – onde masculino e feminino já competem em separado<sup>91</sup>; não existem tabelas de índices para estas duas categorias, porém, parece naturalizada a premissa de que os primeiros colocados do sexo masculino apresentarão tempos mais baixos do que seus pares do sexo feminino, nas mesmas provas. Nas competições presenciadas, foi observado o equilíbrio entre o quantitativo de atletas de ambos os sexos.

A lógica das competições observada no Sul da Califórnia apresenta diferenças significativas quando comparada à realidade presenciada no Rio de Janeiro. A primeira é que atletas de diferentes categorias etárias costumam competir em um mesmo torneio regional; e isso se torna possível porque, apesar do número de atletas e de clubes ser infinitamente maior do que no Rio<sup>92</sup>, lá também existe uma quantidade muito maior de torneios que ocorrem simultaneamente nas diversas piscinas públicas e privadas espalhadas pela região – e, de fato, notou-se que muitas piscinas públicas são destinadas às competições, sendo a maioria localizada nas escolas de Ensino Médio (*high schools*) ou em parques das cidades. Aqui, vale ressaltar que não se tratam de competições formalmente vinculadas às escolas, mas sim, a clubes de natação privados para os quais as escolas públicas cedem suas estruturas para abrigar este tipo de evento; muitos dos clubes, inclusive, fazem uso de tal estrutura para treinos de suas equipes, nos horários em que tais piscinas não

---

<sup>90</sup> Geralmente, há competições no primeiro semestre disputadas nas piscinas de 25 metros (chamadas de semiolímpicas), sendo que o foco das disputas do segundo semestre costuma estar nas piscinas de 50 metros (medidas olímpicas). Assim, os atletas contam com a oportunidade de alcançar índices nas piscinas com ambas as medidas.

<sup>91</sup> A exceção é a prova de revezamento misto, 4x50 medley, que em Tokio2020 se tornou prova olímpica: nela, são formadas equipes de quatro atletas por clube (no caso das olimpíadas, por país), sendo, sempre, dois do sexo masculino e dois do feminino, que podem se dividir livremente entre os estilos de nado.

<sup>92</sup> Dados apresentados na abertura deste capítulo.



são usadas para atividades escolares<sup>93</sup>. Mais do que a quantidade de torneios de caráter regional, chamou atenção a diversidade de formatos existentes e que, portanto, representam oportunidades diversas para os atletas, em termos de motivações e resultados alcançados. Para citar apenas alguns, existem:

- (a) os *Intrasquads*, que são tomadas de tempo organizadas isoladamente por um clube e das quais participam somente os seus atletas; o objetivo é que cada atleta nade as provas pré-determinadas por seus treinadores e que os tempos cronometrados passem a valer oficialmente, como índices que determinarão a quais competições interclubes terão acesso, a partir de seu desempenho em cada uma destas provas. É onde atletas novatos ganham a oportunidade de obter tempos oficiais pela primeira vez, e os demais, de melhorá-los, e de também serem testados em novas provas.
- (b) Os *Dual Meets*, cujo objetivo é bastante similar ao descrito acima, e são organizados, por exemplo, quando um clube possui equipes menores, e se une a outra, para ambas tomarem os tempos de seus atletas.
- (c) Os *Min-Max*, competições onde participam diferentes clubes e cujo critério de acesso é que seus atletas possuam tempos mínimos (ou seja, índices) como, também, tempos máximos obtidos anteriormente em cada prova competida. Em outras palavras, muitas vezes um atleta já conquistou um tempo mais baixo, em uma determinada prova, do que aquele permitido pela competição, e isso significa que ele/ela não poderá se inscrever para nadar aquela determinada prova. Tal critério permite que a competição englobe um grupo de atletas de nível similar, que já se destacam pela capacidade de alcançar índices, porém, que nem sempre são aqueles que possuem os melhores tempos obtidos em suas faixas etárias – mas que ainda podem chegar até eles, uma vez que todos os treinadores consultados durante esta

---

<sup>93</sup> A notada sinergia entre as escolas e os clubes será aprofundada no capítulo seguinte, que tratará da aqui nomeada “política cultural do esporte”.

pesquisa opinam que, nem sempre, o atleta campeão em uma prova aos dez anos, por exemplo, manterá tal condição até os quinze; nesta pesquisa, entende-se que eventos como esse dão a oportunidade a jovens atletas, que apresentam potencial ainda a ser desenvolvido, de chegarem às finais de uma ou mais provas, conquistarem boas colocações e até mesmo ganharem premiações, fatores capazes de motivá-los e de incentivar a sua permanência no esporte.

- (d) As *Junior Olympics*, que estão entre as mais aguardadas e acontecem entre três e quatro vezes ao longo do ano; possuem alguns dos índices mais difíceis de serem alcançados. Durante a pesquisa, foi presenciado por mais de uma vez que, quando um atleta conquista índice para uma de suas provas, é motivo de ampla comemoração dele próprio, de treinadores e famílias. Quando o índice não é alcançado, certamente a sensação é de decepção, porém, ainda existe a chance de um atleta ser convocado, por seu treinador, para se integrar a pelo menos uma das provas de revezamento entre equipes, e para as quais a competição não estabelece índice – o que esta pesquisa também viu acontecer, e que não deixa de ser um fator motivador para o atleta.

Entre as competições listadas acima, apenas os *Intrasquads* e os *Dual Meets* não exigem índices dos atletas, justamente pelo fato de serem consideradas portas de entrada para o circuito de competições. E o principal ponto que se pretende ressaltar sobre essa realidade é o de que tal exigência não necessariamente se traduz em um critério excludente, como pode parecer à primeira vista; ao contrário, pode ser reconhecido como um motivador, por fornecer aos atletas que não possuem os melhores tempos a chance de competirem exclusivamente com outros que já conquistaram tempos similares e, com isso, também serem reconhecidos com premiações e boas colocações. Sendo, ainda, que não há uma única tabela de

índices<sup>94</sup> estabelecidos para todos os torneios – ao contrário, cada competição possui seu próprio regulamento, disponibilizado via e-mail e por aplicativo às famílias dos participantes inscritos. Com isso, pode ser que o atleta conquiste índices para algumas competições, e não para outras, e mesmo que não estejam entre os melhores tempos de sua categoria etária, alcançar um índice já representa uma vitória pessoal, fato que foi observado por muitas vezes, durante o trabalho de campo. Em suma, um circuito mais amplo e diverso de competições implica em mais possibilidades de reconhecimento e de motivação para a permanência do atleta no esporte. No Rio de Janeiro, como só há um modelo de competições e, no Brasil, uma única tabela de índices, geralmente observa-se o mesmo grupo de vencedores durante uma temporada anual, dando poucas chances para que tantos outros atletas que participam destes eventos obtenham algum tipo de reconhecimento institucional – e o que esta pesquisa denomina como *formas de reconhecimento* será abordado logo a seguir.

Já foi mencionado, portanto, que na realidade norte-americana o alcance de índices para diferentes torneios, e a convocação para uma competição como a *Junior Olympics*, já são elementos de motivação para atletas desde os sete ou oito anos de idade. Um terceiro é a conquista de uma vaga nas finais: ao contrário do modelo brasileiro, onde o formato com eliminatórias pela manhã e finais à tarde só começa a vigorar na categoria Infantil (13-14 anos), lá ele já se aplica a praticamente todas as competições com índice já nas categorias *8&under* ou 7-10 anos, e normalmente, já no modelo de Finais A e B, onde cada uma engloba entre 8 e 10 atletas – portanto, os dezesseis ou vinte melhores de cada prova – sendo que somente os oito integrantes da Final A estão aptos a disputar as primeiras colocações. Como a divisão entre as categorias etárias lá contemplam atletas com onze anos recém completados, com outros que completarão treze em poucos dias, a vaga em uma final representa uma grande conquista, em especial, para o grupo dos mais novos. Aqui, tomo a liberdade de enfatizar, apenas por um momento, o papel de mãe de atleta sobre o de pesquisadora, para ilustrar tal situação: um dos maiores sorrisos que presenciei de meu filho, até hoje, no que diz respeito à natação,

---

<sup>94</sup> O site da *Southern California Swimming*, instituição gestora da natação nesta porção do estado da Califórnia, indica diferentes índices que podem ser utilizados como referência para os regulamentos das variadas competições. Disponível em: <https://www.socalswim.org/time-standards/list?rtn=%2Fathletes>. Acessado em 22/3/2022.

foi quando conquistou uma vaga para a Final B de uma prova de 100 metros borboleta – estilo no qual acreditava “não ser bom”, mas que foi estimulado a treinar e a investir esforços; obteve a décima quinta colocação entre quase oitenta atletas, aos onze anos de idade.

Sobre as competições, portanto, conclui-se que um sistema mais abrangente e diverso, no que consiste a regras, critérios e locais físicos de competição, é capaz de beneficiar um maior número de atletas e, possivelmente, contribuir como motivador para a sua permanência no esporte; e, também, que há diferentes formas de reconhecer as conquistas dos atletas desde as categorias iniciais da base, para além das medalhas destinadas aos seis ou oito primeiros colocados em cada prova, como ocorre no modelo de competições estabelecido no Rio de Janeiro, sendo este um dos principais temas da seção a seguir.

#### **4.1.2. A estrutura e o papel da mídia nas competições de base**

Parte-se, aqui, da premissa de que as competições representam um importante momento de realização para os atletas, onde mostram os resultados dos treinos diários que as têm como uma de suas principais metas; e que, por essa razão, apontam para uma oportunidade de contribuição da mídia com maior visibilidade e, assim, maior legitimação do esporte de base.

Serão utilizadas informações do campo em termos comparativos, entre as estruturas observadas em competições no Rio de Janeiro e no Sul da Califórnia, para explicitar como formatos de mídia e materiais de comunicação inerentes às próprias competições são usados, ou não, como incremento à sua estrutura e, conseqüentemente, à valorização dos atletas que delas participam.

Na manhã do dia 19 de agosto de 2021 tinha início mais um Festival CBDA Sudeste Mirim e Petiz, que se estenderia pelos próximos três dias, dessa vez, realizado na piscina do Clube de Regatas Vasco da Gama, no bairro de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro. Os “Torneios Sudeste”, como são conhecidos no meio da natação competitiva brasileira, representam as maiores e mais importantes competições para as nadadoras e nadadores federados, na faixa etária entre os oito e os doze anos de idade, que defendem os clubes sediados nos

quatro estados da nomeada região do Brasil: em ordem alfabética, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

A competição acontece a cada semestre, geralmente nos meses de maio e outubro, com sedes alternadas entre os estados: em um ano, Minas Gerais e Espírito Santo; no seguinte, Rio de Janeiro e São Paulo. Não foi realizada em 2020, em função do isolamento social imposto mundialmente pela pandemia Covid-19. E que, pelo mesmo motivo, teve esta primeira edição de 2021 postergada para o mês de agosto. Haviam se passado, portanto, quase dois anos sem a realização de uma competição interestadual para tais categorias. Entre os cerca de 370 atletas inscritos – e seriam mais, não fosse pela ausência de alguns clubes, muito ainda no sentido de evitar uma viagem em função dos resquícios da pandemia – havia aqueles que estreavam em um torneio deste porte, e havia os que retornavam àquele ciclo de competições.

Na chegada ao local, não se avistava nenhum tipo de sinalização de que ali aconteceria uma competição de natação. Um estreito portão de entrada dava acesso à piscina de medidas olímpicas (adaptada para medidas semiolímpicas, em função das regras estabelecidas para aquela competição) com arquibancadas compostas por degraus de cimento em suas duas laterais, e que poderiam abrigar um grande número de espectadores. Muitas partes encontravam-se sujas, inclusive, com fezes de pombo. Percorrendo toda a área, não se avistava, por exemplo, uma faixa dando as boas-vindas aos atletas e às suas famílias, ou em recepção aos clubes participantes dos outros três estados da Região Sudeste; ou, ainda, em agradecimento aos atletas que participavam do torneio de forma amistosa, representando clubes de demais estados do Brasil. Uma reclamação recorrente, por parte dos atletas e das famílias, era a de que as medalhas das competições, e esta não fugiu à regra, repetiam sempre o mesmo modelo e não traziam nenhum tipo de indicação relativa ao torneio em que foram conquistadas, ao ano de sua realização, ou alusão à prova em que o atleta havia sido premiado. E em alguns casos, foram entregues medalhas com nomenclatura de outros eventos, dando a impressão de que eram sobras de competições anteriores. Uma família chegou a produzir um vídeo (Figura 10), com esta reivindicação, que também menciona a ausência de estrutura nas competições, e o compartilhou, via WhatsApp, com treinadores e outras famílias.

Figura 10 : cenas do vídeo produzido por familiares de atletas sobre as medalhas das competições.

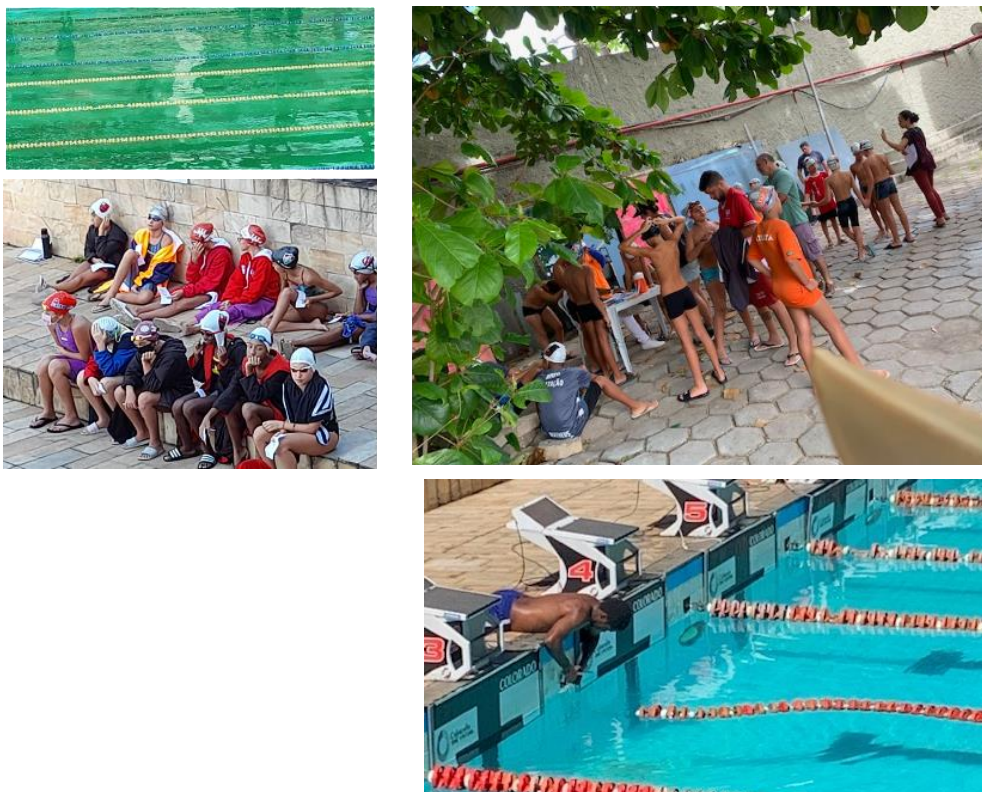


Fonte: acervo pessoal dos produtores do vídeo, cedidos a esta pesquisa.

Tanto as observações em competições presenciadas, como a indicada acima, quanto as narrativas sobre outras fornecidas por atletas de diferentes categorias da natação de base, seus familiares e alguns treinadores, permitem dizer que não era incomum deparar-se com arquibancadas sujas, condições impróprias das piscinas (como, por exemplo, água na tonalidade verde ou lodo em seu fundo) e pouca estrutura nos locais de competição, tais como a ausência de cadeiras e mesas servindo como bancos de controle, por exemplo, onde os atletas se reúnem para nadar quando chega o momento próximo de suas provas, e acabam sentando-se no chão, muitas vezes no sol ou na chuva, enquanto aguardam ser chamados. Em outros casos, os atletas encontravam piscinas em melhores condições, porém, arquibancadas improvisadas – exemplos que a Figura 11 tem a intenção de ilustrar. Também se mostrou recorrente o não funcionamento das placas eletrônicas que marcam os tempos dos atletas – e para a qual estes imediatamente voltam seus olhares atentos, ao fim de cada prova, para identificar suas colocações finais, e se foram capazes de melhorar seus tempos. Era sentida a falta, ainda, de pequenos gestos de acolhimento e reconhecimento, como as já mencionadas medalhas, as faixas de sinalização e também pódios mais produzidos, como, por exemplo, um *backdrop* informando o nome e o ano do torneio, que serviria como pano de fundo para as fotos que os atletas tirassem no pódio, servindo de lembrança do momento. Em especial, as competições que apresentaram condições visivelmente impróprias das piscinas geraram uma série de reclamações de famílias nas redes sociais (Figura

12), sendo que uma delas, com participantes das categorias Infantil a Junior, chegou a ser cancelada, no início de 2022, já com todos os atletas no local, pelo fato de alguns dos treinadores lá presentes entenderem que competir em uma piscina em tais condições representaria um risco à saúde dos mesmos; alguns atletas tinham vindo de outras partes do Estado, e para muitos, de forma geral, aquela seria uma oportunidade para se tentar alcançar índices para disputarem os campeonatos nacionais. No Torneio Sudeste, dedicado especificamente às categorias Mirim e Petiz (8 a 12 anos), atletas e familiares relataram contar, algumas vezes, com edições mais estruturadas em outros Estados<sup>95</sup>. Nesse contexto, é comum ouvir familiares se perguntando por que as competições – principalmente, as de âmbito estadual e nacional – não podem ser realizadas em outras instalações da cidade mais capacitadas. Observou-se citações frequentes aos Parques Aquáticos Maria Lenk e Julio de Lamare, além da piscina Myrtha (marca considerada entre as melhores do mundo) localizada na Ilha do Fundão, que, na visão de muitos, estariam subutilizados.

Figura 11: Imagens de competições da natação de base do Rio de Janeiro em 2021.



Fonte: acervo pessoal da autora.

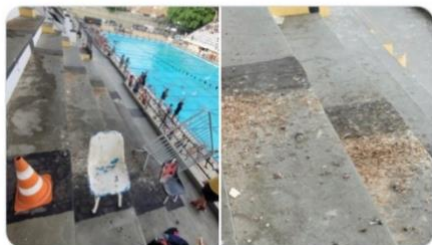
<sup>95</sup> Um exemplo foi a edição seguinte, realizada em novembro de 2021 na cidade de Bauru, no Estado de São Paulo.



Figura 12: Publicações de familiares de atletas, nas redes sociais, sobre a estrutura de uma competição no primeiro semestre de 2022.

Arquibancada insalubre do Vasco  
ontem e hoje cheio de côco de pombo  
onde a FARJ colocou uma competição  
de natação infantil.

[aquatica.org.br](http://aquatica.org.br)



2 dias de calor , desconforto ..... Enfim ,ele estava feliz de estar ali e ignorou as péssimas condições ,com uma reclamação " mãe o dia todo é muito ruim ,tá muito quente e demora muito no balizamento "Mirim e petiz juntos quase 12 h de competição e ainda retornar no dia seguinte as 7h não da !!! 🤔  
Triste ver a natação do Rio abandonada assim !!

Instagram



Vida de atleta já não é fácil. No Rio de Janeiro, então, nem se fala. Falta tudo. Principalmente respeito aos atletas.

Uma competição marcada para o Júlio Delamare foi alterada, na noite anterior, para o Vasco: lugar de estrutura decadente, arquibancadas imundas e água da piscina nojenta (👉 foto 4).

Declinei da aventura desagradável. Mas papai [redacted] sempre pronto a incentivar a garotada, cumpriu com louvor seu papel. Comprei até uma cadeira de praia para ele se sentar decentemente - e se esquivar de cocô de pombo e outras sujeiras (👉 foto 3).

É tudo muito revoltante. Mas, mesmo assim, seguimos acreditando que o esporte é fundamental no desenvolvimento - físico, social e, até mesmo, intelectual - das crianças.

Parabéns meninos e meninas pelas conquistas! Vocês são guerreiros!!!!

Alô @farjoficial Vergonha alheia!



Fonte: perfis de redes sociais de familiares de atletas (com suas identidades preservadas).

Nenhuma das competições presenciadas no Sul da Califórnia, ou sobre as quais se ouviu relatos, apontaram para problemas significativos ou visíveis de estrutura em seus locais de realização. Todas aconteceram em piscinas de escolas públicas do Sul da Califórnia, tendo sido uma delas, ainda, realizada no estado vizinho do Arizona, da qual participaram alguns clubes da região pesquisada. Tais escolas possuíam piscinas longas, com medidas olímpicas (50 metros), que



poderiam facilmente ser convertidas para semiolímpicas (25 jardas<sup>96</sup>), em especial, pelo fato de possuírem blocos de saída em ambas as extensões (algo raro de se encontrar, por exemplo, nas piscinas do Rio de Janeiro).

Nestas competições, o trabalho voluntário das famílias dos atletas é parte integrante da estrutura. Elas são convocadas pelas equipes de seus filhos para exercerem uma série de atividades, tais como montar as tendas, mesas e cadeiras destinadas aos árbitros e ao banco de controle, cronometrar tempos (como *back up*, para o caso de a placa eletrônica não funcionar<sup>97</sup>), realizar o *check in* dos atletas (estes precisam assinar a lista de presença ao chegarem aos locais do evento), fotografar as competições, publicar nas redes sociais dos clubes e, ainda, preparar e coordenar os lanches vendidos, cuja renda é revertida para o clube anfitrião. É um trabalho voluntário, porém, compulsório: o contrato com o clube prevê um determinado número de horas de trabalho que familiares dos atletas precisam dedicar ao clube, podendo escolher, de acordo com a sua disponibilidade de agenda e aptidões pessoais, entre tais opções de voluntariado. A escolha da atividade, e da competição onde será exercida, bem como o número de horas a ela dedicada, é contabilizado via aplicativo específico do clube e, também, da instituição gestora local da atividade.

No Rio de Janeiro, não se observou este tipo de atividade voluntária, por parte das famílias, estabelecida no sistema de competições. Mas isso quer dizer apenas que, no Rio de Janeiro, concluiu-se que a participação das famílias não é institucionalizada; na prática, o que se observou foi seu envolvimento direto em muitos aspectos da logística intrínseca às competições, em especial, no levantamento de recursos financeiros que viabilizam transporte, hospedagem, alimentação, materiais técnicos e pagamento das inscrições nas competições fora do Rio. Nesse sentido, esta pesquisa vivenciou, por exemplo, desde a venda de rifas de camisas autografadas por titulares das equipes de futebol dos mais populares times da cidade, até a iniciativa de pais que se uniram para buscar – com sucesso – patrocínio para a viagem de seus filhos em um torneio nacional, onde competiriam

---

<sup>96</sup> E não 25 metros, de acordo com a particularidade inerente ao sistema de medidas estabelecido na natação norte-americanas: as medidas das nomeadas “piscinas curtas”, ou “semiolímpicas”, não correspondem a 25 metros, como no Brasil, mas sim, a 25 jardas, que se traduz em uma medida um pouco mais curta e onde, conseqüentemente, os atletas conquistam tempos ainda mais baixos.

<sup>97</sup> O que, de fato, não se viu acontecer em nenhuma das competições presenciadas.

representando não os clubes por onde treinavam, mas sim, a equipe do Estado do Rio de Janeiro.

O acompanhamento das competições californianas permitiu observar uma série de formas de reconhecimento institucional do atleta por parte de diferentes materiais nos âmbitos da mídia e da comunicação. É um dos principais focos deste capítulo explicitá-los, como é feito abaixo, para então apontar suas conclusões. Não se pesquisou a fundo esta segunda vertente, se há e qual seria o modelo de negócios para tal, mas pareceu evidente que algumas delas apresentam, também, potencial para contribuir com o financiamento das competições, da manutenção dos locais que as abrigam e, possivelmente, até mesmo para reverter renda para os clubes que delas participam e para as instituições gestoras do esporte a que se encontram vinculados. Exemplos destas soluções comunicacionais e midiáticas são:

**(A) Tendas dos clubes** (Figura 13): os locais de competições disponibilizam áreas para que cada clube participante monte uma tenda própria, que abrigam treinadores e atletas enquanto aguardam o momento de competir. É lá que estes guardam suas mochilas com os materiais requeridos (óculos, toucas, parca, toalhas, roupas secas), recebem as orientações, descansam, se hidratam e se alimentam entre as provas, e também socializam com seus colegas de equipe. Alguns atletas a decoram com mensagens motivacionais. Cada clube se encarrega da montagem da própria tenda (muitas vezes, com a ajuda de pais e mães voluntários) e cada atleta é responsável por levar a própria cadeira para nela se sentar<sup>98</sup>. Notou-se que estas tendas acabam por promover, também, a autonomia dos atletas em relação aos seus familiares, quando comparada à realidade observada no Rio: a presença de um espaço a eles destinado, junto a seus treinadores e demais membros da equipe, faz com que fiquem por menos tempo junto de seus familiares, nas arquibancadas. No Rio, observou-se que as mochilas e os lanches, muitas vezes, ficam sob a responsabilidade dos pais; na Califórnia, ficam bem mais sob a responsabilidade dos atletas, nestes espaços, apenas com supervisão esporádica dos familiares.

---

<sup>98</sup> Lá, encontraram-se modelos de cadeira dobrável vendidos em lojas de departamento, a partir de US\$9,99. Adaptando à realidade carioca, uma cadeira comum, de praia, já cumpriria a mesma função.

Figura 13: Tendas de clubes nas competições.



Fonte: acervo pessoal da autora.

(B) **Painéis de avisos** (Figura 14): onde são oficializadas informações, por exemplo, como os tempos de cada atleta em uma prova, a informação se foram classificados para as finais, e o resultado final de cada uma delas. Uma curiosidade é que tais informações também ficam disponíveis em um aplicativo, porém, as versões impressas, divulgadas nestes painéis, são as consideradas como oficiais. Em caso de qualquer divergência entre ambas, são as que valem. Por esta razão, os painéis são consultados com frequência pelos jovens nadadores. Muitos deles usam seus celulares para fotografar os painéis quando encontram seus próprios nomes, ou de amigos lá escritos.

Figura 14: Painéis de avisos nas competições do Sul da Califórnia

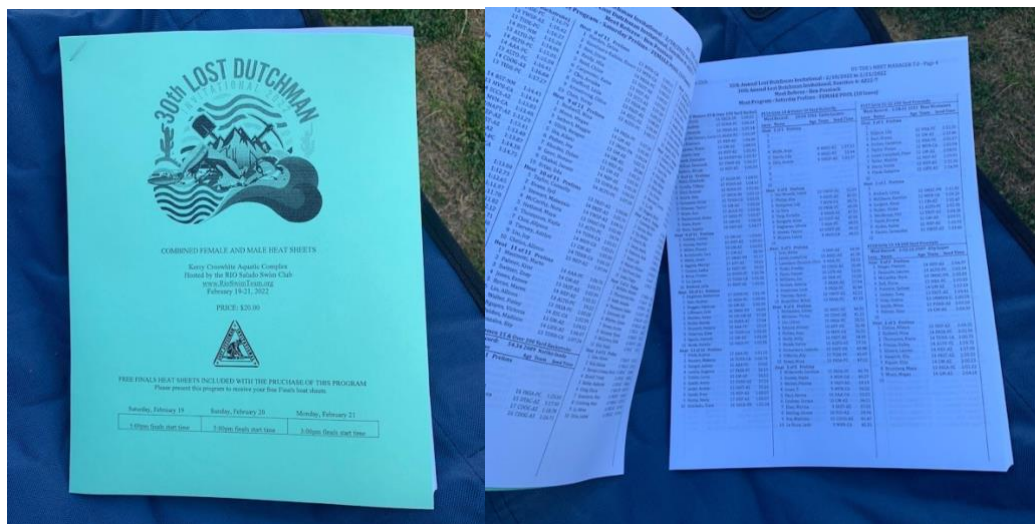


Fonte: acervo pessoal da autora.



(C) **Programas das provas** (Figura 15): o arquivo em formato pdf fica disponível on line, gratuitamente, como também ocorre no Rio de Janeiro, onde é denominado “balizamento”. Porém, lá eram vendidas as versões impressas, em algumas competições. A compra do programa completo das eliminatórias já dava acesso ao programa das finais, que era confeccionado e retirado posteriormente, quando já eram conhecidos os resultados da fase inicial.

Figura 15: Programas de provas – eliminatórias e finais.



Fonte: acervo pessoal da autora.

(D) **Medalhas e flâmulas de premiação** (Figura 16): as medalhas entregues nas competições do Rio de Janeiro obedecem sempre à mesma lógica – recebem medalhas e sobem ao pódio<sup>99</sup> os seis ou oito primeiros colocados em cada prova. Na verdade, notou-se que, muitas vezes, tais medalhas, de fato, não se mostram atrativas para os atletas, pois costumam apresentar o mesmo modelo em diferentes competições, além de, muitas vezes, não trazerem nenhum tipo de registro ou dados sobre o evento onde foram conquistadas; foram identificadas, ainda, situações onde foram entregues medalhas com menção a outros eventos, que não àqueles onde o atleta estava competindo<sup>100</sup>. Assim, nota-se que tais medalhas acabam, de certa forma, banalizadas e não valorizadas pelos atletas. As premiações observadas na

<sup>99</sup> O pódio, na verdade, dá lugar somente aos três primeiros colocados. Os demais, seja do quarto ao sexto, ou ao oitavo colocados, se posicionam ao lado do pódio, para receberem suas medalhas. Nos Estados Unidos, também foi presenciada, em competições a partir dos catorze anos, pódios decrescentes do primeiro ao sexto colocados, o que torna a entrega das medalhas, certamente, mais atrativa para todos os premiados.

<sup>100</sup> Em exemplo recente, as medalhas para os atletas que conquistaram entre quarto e sexto lugares no Campeonato Estadual de Inverno Mirim e Petiz, realizado em julho de 2022, receberam medalhas onde constava no verso a inscrição “Circuito Celebidades”, nomenclatura de uma outra competição.

Califórnia (e na competição presenciada no Arizona) seguem uma lógica diferente: só foram visualizados pódios em algumas das competições e, geralmente, para as categorias etárias a partir dos catorze anos; assim que se encerra uma competição, as medalhas, troféus e demais objetos de premiação costumam ser entregues pela organização dos eventos aos treinadores das equipes (Figura 17) e estes se encarregam da distribuição aos atletas no momento que julgarem oportuno – o que pode acontecer ali mesmo, no local da competição, ou, por exemplo, ao final de um treino, na semana seguinte. Entre estes “demais objetos de premiação” ilustram-se aqui (Figura 16), também, fitas e flâmulas, que por vezes substituem as medalhas; um dado importante é que não importa qual seja o objeto de premiação, nele constam dados como nome e ano do torneio, o nome do atleta, o clube pelo qual compete, a prova e o tempo com o qual conquistou a medalha. Estes dados, às vezes, são registrados assim que uma prova se encerra, em soluções tão simples quanto uma etiqueta produzida por voluntários no próprio evento, e então anexadas aos invólucros, que embalam as medalhas. Muitos atletas guardam não só as medalhas, como também tais invólucros.

Figura 16: Medalhas e flâmulas de premiação.





Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 17: Premiações separadas por clube, a serem entregues aos treinadores

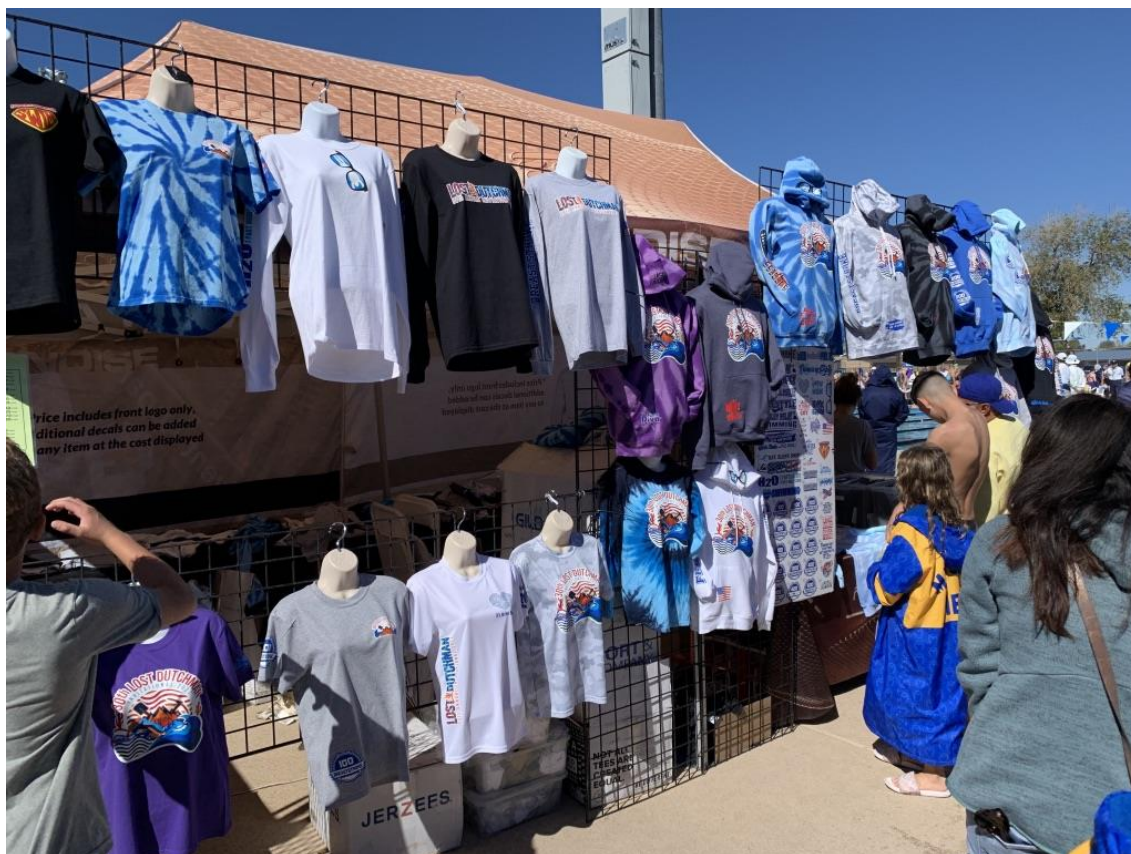


Fonte: acervo pessoal da autora.

(E) **Camisas e moletons dos eventos** (Figura 18): constantemente vendidos nas competições, possibilitavam a escolha de diferentes combinações de modelos, cores e estampas na parte central, nas costas e nas mangas. Um atleta, por exemplo, que nadou uma prova de revezamento, podia estampar o dizeres “Relay 4x100” na manga de um moletom, logo ao lado da logomarca da competição. Havia, ainda, competições onde era possível comprar as camisas com os nomes de todos os atletas, de uma determinada equipe, que dele participaram. As filas para compra pareciam longas e avistava-se, por exemplo, mães e pais usando a camisa em que constavam os nomes de suas filhas ou filhos competidores.







Fonte: acervo pessoal da autora.

(F) **Camisas e toucas de convocação** (Figura 19): alguns clubes produzem camisas para serem usadas em uma competição específica e as distribuem aos seus atletas convocados; ou, ainda, produzem toucas que são dadas apenas aos atletas convocados para compor as equipes que competirão as provas de revezamento. Na Figura 13, ambas as toucas fazem parte do uniforme de um mesmo clube: a amarela é a oficial, comprada e usada por todos os atletas em treinos e competições; a azul, foi dada pelo clube somente àqueles que conquistaram vagas nos revezamentos, para nadar especificamente estas provas.

Figura 19: Camisas e toucas de convocação.



Fonte: acervo pessoal da autora.

As observações do campo levam a crer que todos os objetos – ou “coisas”, para usar outra nomenclatura comumente encontrada nos Estudos de Cultura Material – acima apresentados foram entendidos por jovens atletas, em diferentes medidas, como formas de legitimação e reconhecimento de sua dedicação ao esporte.

Nosso objetivo é demonstrar que os jovens tecem significados, cada vez mais elaborados, que desenham linhas expressivas de pertencimento, por vezes sutis, mas nem por isso frágeis ou inexistentes, como fazem parecer as teorias líquidas da pós-modernidade. Acreditamos ser notórios, portanto, os códigos particulares e coletivos que se expressam através dos usos que os jovens fazem das “coisas”. Noutras palavras, parece-nos que a cultura material é o que torna perene as práticas juvenis que se sustentam em tais códigos culturais distintos, geração após geração, mesmo diante da força global que nos fragmenta, ao mesmo tempo que nos integra.

[...]

Por que os jovens precisam de tantas coisas?

Consideramos, a partir das discussões aqui apresentadas, que os jovens buscam tão genuinamente pertencer – a um grupo, uma

ideologia, uma comunidade, uma nação -, talvez e principalmente, para se perceberem um *uníssonos*, tão somente *um*. Um acordo de várias vozes, compartilhadas, ecoantes de seus mais diferentes e autênticos projetos de vida e identidade. Nesse passeio simbólico do pertencer, os jovens – das subculturas ou do *mainstream*, não imposta – se apoderam de bens, de coisas tantas que os expressem, porta-vozes de seus discursos e ideais, mensageiros de seus anseios tão plurais e ao mesmo tempo tão preenchidos de unidade e expressão, para se colocarem no páreo social, se fazerem ouvir seus dilemas tão pulsantes, complexos de vitalidade e verdade. (Pereira & Beleza, 2018, págs. 15-17)

Em uma alusão ao título deste capítulo, o trabalho de campo realizado entre o Rio e a Califórnia ensinou que há, no primeiro local, oportunidades para desenvolver uma série de ações, nos âmbitos midiático e comunicacional, no sentido de incrementar o ambiente e a estrutura das competições e, assim, valorizar os atletas que delas participam, ao mesmo tempo em que reconhecem institucionalmente diferentes conquistas obtidas a partir de sua dedicação ao esporte – não só as medalhas conquistadas por colocações (que, como foi mostrado, no formato atual das competições do Rio, por vezes, nem é valorizada), como também as convocações, as melhorias de tempo, as vagas em finais, a inclusão em uma prova de revezamento. Certamente, convocações e conquista de vagas em finais já são celebradas, também, por atletas brasileiros, mas a diferença está, principalmente, na forma como os outros a reconhecem; em outras palavras, em ganhar uma touca que materializa o seu pertencimento a uma equipe de revezamento, ou ao grupo convocado para uma competição importante. Ou, ainda, ter a oitava colocação valorizada, aos onze anos, por uma medalha personalizada (como mostra, acima, a Figura 8), que pode motivar o atleta a querer melhorar ainda mais a sua colocação no ano seguinte. Parece um cenário mais apropriado, ao desenvolvimento do esporte de base, do que a entrega de medalhas com alusão a competições anteriores, para atletas que conquistaram a quarta colocação em uma prova em âmbito estadual, no Rio de Janeiro. Coisas, portanto, são usadas, no contexto das competições, para reconhecer feitos e gerar pertencimento, deixando, para a mídia de massa, tarefas como as de ampliar o acesso à prática e buscar melhores condições de estrutura física para as competições – temas que continuarão a ser abordados no capítulo a seguir.



## 5. A “Política Cultural do Esporte”: o cuidado necessário com os anos iniciais da prática

Em uma livre tradução, as aspas que acompanham o título deste capítulo referenciam o projeto *Cultural Politics of Sports* da USC – *University of Southern California - Annenberg School for Communication and Journalism*<sup>101</sup>; seu coordenador, Professor Ben Carrington, foi o anfitrião da temporada de estudos e pesquisas de campo realizada nos Estados Unidos, conforme descrito na Introdução deste trabalho.

A ubiquidade cultural, a proeminência política e o significado econômico do esporte contemporâneo na sociedade capitalista global apresentam terreno fértil para sua crítica análise sociocultural. Quer se trate de megaeventos corporativos e midiáticos, como os Jogos Olímpicos de inverno e verão, programas governamentais de construção da nação e promoção da saúde, ou as políticas culturais de 'raça', gênero, sexualidade, idade e deficiência, o esporte é profundamente marcado por relações de poder que se prestam à crítica e à desconstrução. [...] As questões-chave abordadas a partir dessas perspectivas dizem respeito não apenas a como devemos entender o esporte como um fenômeno social, mas, igualmente importante, como podemos efetuar mudanças sociais que podem desafiar e minar as relações dominantes de poder. (Carrington & McDonald, 2009, p.1)<sup>102</sup>

Ao colocar a questão “Os esportes são políticos?”<sup>103</sup> (*Are sports political?*), Carrington (2020) pontua seu interesse nas formas pelas quais aspectos como raça, classe, gênero e nacionalismo impactam os esportes e como estes, por sua vez, são capazes de remodelar “identidades sociais” (*social identities*); em um dos recortes que muito interessou a esta pesquisa, discorre também sobre questões de acesso relacionadas às práticas esportivas: “Quando falamos sobre esportes, levantamos questões sobre acesso: quem pode jogar, quem financia o esporte, quem está apto a

<sup>101</sup> <https://annenberg.usc.edu>. Acessado em 20/6/2022.

<sup>102</sup> Tradução livre do original: *The cultural ubiquity, political prominence and economic significance of contemporary sport in global capitalist society present fertile terrain for its critical socio-cultural analysis. Whether it's corporate and media dominated mega-events like the winter and summer Olympic Games, state programmes for nation-building and health promotion, or the cultural politics of 'race', gender, sexuality, age and disability, sport is so profoundly marked by relations of power that it lends itself to critique and deconstruction. [...] The key issues addressed from these perspectives concern not simply how we are to make sense of sport as a social phenomenon but, as importantly, how we might effect social changes that could challenge and undermine dominant relations of power.*

<sup>103</sup> O projeto é apresentado em: <https://annenberg.usc.edu/news/research-and-impact/are-sports-political-faculty-focus-ben-carrington>. Acessado em 15/1/2020 3 revisitado em 1/7/2022.

treinar. Então, fundamentalmente, embora gostemos de pensar em esporte e política como atividades distintas, as questões que envolvem acesso são, essencialmente, questões políticas”<sup>104</sup>. Foi o argumento que motivou duas reflexões, no âmbito deste trabalho: (1) a de que tanto decisões de caráter político quanto aspectos relacionados à cultura interferem no desenvolvimento de atividades esportivas desde os anos iniciais da prática, conseqüentemente, na formação dos atletas de base e na definição das oportunidades que a eles serão oferecidas; e (2) ausência de informação pode ocasionar limitação no acesso, portanto, além da motivação, pertencimento e reconhecimento aos atletas, discutidos no capítulo anterior, entende-se que *prover informação* sobre o esporte de base é uma das vertentes pelas quais a mídia tem muito a contribuir com o seu desenvolvimento, o que passa por divulgar modelos e oportunidades existentes, como também discutir possibilidades para a ampliação e aperfeiçoamento de seus programas.

Serão esses os dois principais focos de discussão deste capítulo, ao entrelaçar tais ideias à realidade da natação de base mapeada a partir das informações colhidas no trabalho de campo.

### 5.1. Os “prós” e os “contras” no esporte e a organização da base

À frente da organização de uma ampla publicação sobre as vertentes política e cultural dos esportes, Andrews & Carrington (2013) fazem uso, justamente, de exemplos de veiculações na mídia de massa para defini-los como “terreno contestável, onde a política está em jogo, onde residem influências destrutivas e prejudiciais, mas onde também encontramos momentos de resistência política, de criatividade e de emoções humanas como alegria, esperança e entusiasmo”<sup>105</sup> (Andrews & Carrington, 2013, p.3); citam, primeiro, trechos de ensaios publicados, no ano de 2010, em dois importantes veículos de comunicação dos Estados Unidos

<sup>104</sup> Tradução livre do original: *When we talk about sports, that raises questions about access: who gets to play, who pays for the sports, who gets to coach. So, in quite a fundamental way, even though we like to think about sports and politics being different, questions of access are, essentially, political questions.*

<sup>105</sup> Tradução livre do original: *a contested terrain, a site where politics is at play, where destructive and damaging influences reside, but where we also find moments of political resistance, creativity, and the human emotions of joy, hope and excitement.*

e da Inglaterra<sup>106</sup>, onde o esporte é interpretado como atividade que (a) desvia a atenção da população de questões políticas e sociais tidas como mais importantes; (b) impede o crescimento da consciência social por parte de classes menos favorecidas; (c) é capaz de estimular atos violentos, conotações xenófobas e racistas e, ainda (d) de fazer com que as pessoas ocupem seu tempo discutindo resultados de jogos, em vez de apreciar o que os autores de tais ensaios consideram como formas mais significativas de cultura.

Perdi a conta de quantas vezes peguei o jornal em momentos de crise e encontrei trechos inteiros da primeira página dedicados ou ao resultado já conhecido de algum jogo maçante, ou às depredações morais ou criminosas de algum engolidor de esteroides pago em excesso. Escutem: o jornal tem uma seção inteira dedicada às pessoas que querem degradar o ato de ler olhando com entusiasmo para os resultados dos eventos esportivos ocorridos no dia anterior. Esses consumidores ávidos também contam com toneladas de canais e publicações próprios que são carinhosamente adaptados às suas necessidades especiais. Tudo o que peço é que fiquem longe das partes de adulto do jornal<sup>107</sup>. (Hitchens, 2010 *apud* Andrews & Carrington, 2013, pp.2)

Pode haver surtos de populismo raivoso, à medida que os torcedores se revoltam contra corporações que invadem seus clubes; mas na maioria das vezes o futebol hoje em dia é o ópio do povo, para não falar do crack ou da cocaína. Seu ícone é o impecavelmente conservador e conformista Beckham. Os Vermelhos não são mais os bolcheviques. Ninguém que leve à sério a mudança política pode negar o fato de que o jogo deve ser abolido<sup>108</sup>.

(Eagleton, 2010 *apud* Andrews & Carrington, 2013, p.3)

<sup>106</sup> A saber, a revista norte-americana *Newsweek* e o jornal britânico *The Guardian*, conforme as respectivas referências citadas pelos autores, e acessadas nesta pesquisa: <https://www.thedailybeast.com/content/newsweek/2010/02/04/fool-s-gold.html> e <https://www.theguardian.com/commentisfree/2010/jun/15/football-socialism-crack-cocaine-people>. Acessadas em 20/7/2020.

<sup>107</sup> Tradução livre do original: *I can't count the number of times that I have picked up the newspaper at a time of crisis and found whole swaths of the front page given over either to the already known result of some other dull game or to the moral or criminal depredations of some overpaid steroid swallower. Listen: the paper has a whole separate Part devoted to people who want to degrade the act of reading by staring enthusiastically at the outcomes of sporting events that occurred the previous day. These avid consumers also have tons of dedicated channels and publications that are lovingly contoured to their special needs. All I ask is that they keep out of the grown-up parts of the paper.*

<sup>108</sup> Tradução livre do original: *There can be outbreaks of angry populism, as supporters revolt against the corporate fat cats who muscle in on their clubs; but for the most part football these days is the opium of the people, not to speak of their crack or cocaine. Its icon is the impeccably Tory, slavishly conformist Beckham. The Reds are no longer the Bolsheviks. Nobody serious about political change can shirk the fact that the game has to be abolished.*

Na sequência, são transcritos trechos de um terceiro ensaio publicado na mídia logo após os dois primeiros, e que rebate as críticas neles expostas<sup>109</sup>:

Quando o racismo, o sexismo e a homofobia foram desafiados por meio de protestos nas ruas, repercutiram com manifestações eletrizantes no mundo do atletismo. É por isso que associamos Jackie Robinson com o movimento dos Direitos Civis ou Billie Jean King com as lutas de libertação das mulheres na década de 1970. E, para que não esqueçamos, a mais famosa resistência a um recrutamento militar na história mundial foi a de um boxeador, Muhammad Ali. Em um nível muito mais essencial, os esportes são onde muitas pessoas - especialmente os jovens - encontram confiança, amizade e um senso de identidade. Para muitos, é onde as dinâmicas profundamente segregadas da sociedade são quebradas. [...] Sim, é absolutamente verdade que o esporte pode trazer à tona o que há de pior em atletas, torcedores, pais e treinadores. Mas também pode trazer o melhor.”<sup>110</sup> (Zirin, 2010 *apud* Andrews & Carrington, 2013, p.3).

Traçando um paralelo com o contexto brasileiro, entende-se que se trata de um debate que, em boa parte, já foi superado – senão no contexto de veiculações midiáticas, ao menos, no campo acadêmico das Ciências Sociais, e de seu principal objeto de estudo até o momento, ou seja, o futebol:

Há duas ou três décadas, os cientistas sociais pouco se ocupavam com o futebol que era, isso sim, preocupação de jornalismo esportivo, dos políticos e das pessoas da rua. Mais ainda, a corrente principal das ciências sociais considerava o futebol como uma coisa que distanciava o povo das “preocupações verdadeiras”. O futebol era visto como formando parte do processo de alienação das massas. Os ventos mudaram os rumos da prosa. Hoje, talvez sob o furacão do culturalismo e da importância concedida à identidade, a crítica da alienação foi barrida e as folhas da valorização da cultura e identidade local formam o piso sobre o qual andamos. (Lovisol, 2001, p.9)

<sup>109</sup> Publicado no jornal norte-americano The Nation, conforme referência citada pelos autores: <https://www.thenation.com/article/archive/christopher-hitchens-sporting-fool/>. Acessada em 20/7/2020.

<sup>110</sup> Tradução livre do original: *When racism, sexism, and homophobia have been challenged through struggle in the streets, it has ricocheted with electric results in the world of athletics. This is why we associate Jackie Robinson with the Civil Rights movement or Billie Jean King with the women's liberation struggles of the 1970's. And lest we forget, the most famous draft resister in world history is a boxer, Muhammad Ali. On a far more grass roots level, sports are where many people – particularly young people – find confidence, friendship, and a sense of self. For many it's where the deeply segregated dynamics of our society are broken down. [...] Yes, it is absolutely truth that sports can bring out the worst in athletes, fans, parents, and coaches. But it can also bring out the best.*



A totalidade de treinadores e treinadoras de equipes de natação entrevistados ao longo desta pesquisa apontou para clubes e federações esportivas como os principais agentes responsáveis pela formação de jovens atletas, quando se analisa o modelo vigente no Brasil, e no Rio de Janeiro, em especial. São, portanto, responsáveis por trazer à tona o que há de melhor em atletas, torcedores, pais e treinadores no esporte, numa citação ao ensaio jornalístico referenciado acima. Este dado que se mostra em linha com a visão dos três participantes da *live* organizada pelo *Jornal O Globo* e o *Sesc – RJ*, mencionada no capítulo anterior, que abordou justamente o papel de clubes e federações na formação de jovens atletas. Ao responderem à pergunta da mediadora sobre qual é, na prática, o papel de ambas as instituições na formação de atletas de base, os participantes pontuaram que, em primeiro lugar, é preciso entender por que as federações existem – e a explicação fornecida foi a de que são elas as responsáveis pelo fomento e pelo incentivo à prática de uma modalidade esportiva em uma determinada circunscrição – divisão que, no Brasil, contempla os âmbitos estaduais. O papel das confederações, por sua vez, se traduziria em algo muito similar, porém, com a responsabilidade de fomentar as modalidades esportivas levando em conta a perspectiva nacional.

Os clubes, por sua vez, são filiados, num primeiro plano, às federações, sendo os atletas vinculados, ainda, primeiramente aos clubes; existe, portanto, um caminho com três diferentes instâncias que o atleta precisa percorrer para atingir a condição de federado: a primeira, filiar-se a um clube sócio esportivo que possua uma equipe competitiva na modalidade em que atua, sendo que tal clube precisa ser filiado à federação esportiva local gestora daquele determinado esporte; a segunda, o clube precisa enviar a documentação do atleta (incluindo o pagamento da taxa anual de federação, normalmente financiada pelo próprio atleta); e, terceiro, a federação precisa formalizar a inserção do atleta junto à confederação nacional. No caso da natação, como já foi visto, tal processo ocorre a partir dos oito anos, sendo que a federação de atletas desta faixa etária, no Rio de Janeiro, não parece representar exceções – à primeira vista, caberia a pergunta, de um desconhecedor do tema, sobre se a filiação de atletas tão jovens não se restringiria a um pequeno grupo, talvez, daqueles já identificados como talentos natos, ou algo nessa linha. Entretanto, ocorre justamente o contrário: não foram encontrados dados oficiais sobre o quantitativo de nadadoras e nadadores federados por categoria etária

(Mirim, Petiz, Infantil, Juvenil e Junior) no Rio de Janeiro, porém o acompanhamento presencial dos torneios na cidade, por exemplo, permitiu observar um número de atletas expressivamente maior nas categorias etárias dos mais jovens.

Durante a *live*, os clubes são citados como os verdadeiros “donos” das federações, pois a condição de filiados lhes dá acesso a votos e questionamentos, e assim lhes é (ou deveria ser) garantida a possibilidade de obter voz ativa na criação de processos de fomento ao esporte de base na região geográfica em que atuam. Também foi ressaltado que federações e confederações, por sua vez, precisam trabalhar alinhadas, ao contarem com âmbitos de atuação diferentes, porém, objetivos que lhes são comuns.

Um ponto que a *live* não aborda, mas que foi mencionado por alguns treinadores, e também presenciado no campo, foi o fato de que as famílias dos atletas possuem um papel importante nesse processo, e que talvez não se deem conta desta dimensão. “São as famílias que pagam a conta”, como me disse um treinador, numa expressão que pode ser interpretada por englobar não somente o seu sentido mais literal, no que diz respeito ao financiamento de equipamentos para treinos e competições, mensalidades dos clubes, uniformes, viagens e inscrição em provas e torneios, como também todo o esforço e a logística necessários à manutenção da rotina de um atleta de base, que precisam ficar por conta de suas famílias: os deslocamentos diários para os treinos; a coordenação com as atividades escolares; a dedicação quase exclusiva de agenda em finais de semana de competições<sup>111</sup>, a ajuda na arrumação diária das mochilas de treino (incluindo a preparação de lanches que precisam levar consigo), a disponibilidade para viagens, no mínimo, semestrais.

Em um primeiro momento – em referência aos anos em que fazem parte da base da base, nas categorias Mirim e Petiz – enxergar o atleta feliz e motivado com esta rotina já aparece, em depoimento de muitas mães e pais (como também de alguns avôs e avós), como condição suficiente para encarar a rotina e as despesas acima descritas. Notou-se, porém, que tal perspectiva vai sendo modificada ao longo dos anos de permanência na natação de base, à medida em que os atletas v o crescendo: conversando com familiares de atletas a partir da categoria Infantil (13-14 anos), por exemplos, notou-se o início de questionamentos mais aprofundados,

---

<sup>111</sup> Que ocorrem, em média, uma vez por mês.

por exemplo, sobre se a natação estaria “tomando o lugar” dos estudos, o que, para muitas famílias, deve ser a prioridade da vida de seus filhos. Coincidentemente, é nesta idade que geralmente têm início as nomeadas “dobras” – treinos adicionais que passam a acontecer entre duas e três vezes por semana na parte da manhã, ainda antes do horário escolar; em outras palavras, em dois ou três dias da semana, o atleta acorda em torno das 4:30h, segue para o clube, treina por cerca de 60-90 minutos, alimenta-se, segue para a escola, e à tarde retorna ao clube, para realizar o segundo treino do dia. Em suma, com o passar dos anos, parece que as famílias dos atletas precisam enxergar benefícios cada vez mais concretos que as mantenham motivadas a encarar este dia a dia e, conseqüentemente, incentivar seus filhos e filhas a perpetuarem sua dedicação ao esporte, em uma rotina em que muitas vezes abdicam não somente de horas de estudo como, também, de idas às festas, a concertos musicais e a casas de amigos, ou de, simplesmente, “matar o tempo” de forma espontânea e sem organização prévia, para citar alguns dos marcadores das culturas de lazer das sociedades juvenis (Pais, 2003).

As interações com alguns destes atletas, por sua vez, permitem dizer que o pertencimento ao grupo permanece como fator importante para a continuidade na natação, porém, é notável que se acrescenta um grau de objetividade aos critérios estabelecidos para se definir sobre tal permanência: parecem mais suscetíveis aqueles que vislumbram resultados objetivos práticos, sejam eles a conquista de uma bolsa universitária nos Estados Unidos, a primeira viagem para um Campeonato Brasileiro ou, como disse um atleta de treze anos: “eu não penso muito a longo prazo, não; em faculdade, em Olimpíada; eu gosto é de competir, então eu treino pensando na próxima competição”. Na Introdução deste trabalho, dois exemplos de depoimentos de atletas extraídos da mídia expuseram o fato de que, nem sempre, tal como a própria mídia constantemente parece reafirmar, a representação do sucesso e da realização do atleta passam pela conquista de uma vaga nos Jogos ou de uma medalha olímpica. Dessa forma, vale ressaltar, aqui, que tal afirmação foi constante, também, nos depoimentos colhidos em entrevistas com atletas e ex-atletas:

Assim, eu nunca pensei... porque todo mundo fala de Olimpíada, e tal, mas eu nunca tive esse sonho: ah, vou pras Olimpíadas, ou algo assim. Eu nadava porque eu gostava muito. E, no momento em que você vai ficando boa, tem esse negócio assim, de sonho

olímpico, e, tipo, é isso que você quer da sua vida? E nunca foi isso que eu quis da minha vida. Eu nunca tive esse sonho.  
(Ex-atleta há um ano, à época da entrevista)

Nadar por prazer não parece justificativa suficiente para se manter a condição de nadador competitivo, mesmo aqui, quando ainda se fala em nadadores muito jovens; parece que lhes é cobrado que tenham metas bem definidas, e deles é esperado, muito em parte, em função de construções midiáticas, que tais metas envolvam a conquista de uma vaga olímpica. Melhor ainda, se o plano corresponder à medalha olímpica. “Ué, mas você não quer ir para as Olimpíadas?” A pergunta, inerente ao senso comum, acaba por induzir a transformação do que seria um prazer – competir pela natação – em uma obrigação com altíssima expectativa por resultados.

O contexto observado no Sul da Califórnia pareceu similar no que diz respeito às despesas financeiras que envolvem a prática: até ingressarem na *High School*, que lá equivalem ao nono ano do Ensino Fundamental mais os três anos do Ensino Médio brasileiros, os jovens nadadoras e nadadores, em geral, competem em clubes particulares; a partir do equivalente ao Ensino Médio brasileiro, muitas das escolas públicas passam a contar com piscinas próprias, ou, então, estabelecem parcerias com piscinas de locais próximos que viabilizam a formação de suas equipes de natação e que, por sua vez, competem uma liga própria às escolas. O recorte desta pesquisa não envolveu o acompanhamento de tais competições, mas o trabalho de campo fez perceber que, quando chegam a esta faixa etária, os nadadores e nadadoras norte-americanos pesquisados acabam por ter três opções: 1) continuar nadando exclusivamente nas equipes privadas (*swim teams*); 2) candidatar-se à equipe de sua escola (pública ou privada) e passar a competir em sua equipe, caso seja selecionado; ou 3) acumular treinos e competições de ambas (o que foi mencionado ocorrer, em especial, quando seu treinador no *swim team* acumula tal função com a de treinador na escola). Relatos e palestras assistidas fizeram entender que os atletas identificados como aqueles que se destacam por atingirem os melhores tempos, ou passam a acumular as duas posições, ou se mantêm exclusivamente no *swim team*; a ideia, portanto é a de se trata de um sistema com abrangência suficiente para englobar atletas com diferentes níveis de desempenho: por volta dos catorze anos, o atleta já possui opções com as seguintes (a) prosseguir competindo no sistema de *swim teams* que, por sua vez, é vinculado

à *USA Swimming* (equivalente à CBDA no Brasil), e assim, se mostrar desempenho suficiente, terá oportunidades como a de chegar até uma seletiva olímpica, ou aplicar para bolsas em universidades das divisões mais altas da NCAA (a maior liga universitária esportiva, já mencionada no Capítulo 2); e/ou (b) nadar pela equipe de sua escola, seja ela pública ou privada, competir por meio de um sistema de ligas escolares que continuará possibilitando o ingresso em uma universidade através da prática (mesmo que não sejam as de maior destaque) e/ou, ainda tornar-se treinador em quaisquer ligas, no futuro.

Muitos dos nadadores e nadadoras entrevistados no Rio tinham informação sobre este sistema, e o consideravam positivo, democrático e provador de mais oportunidades para os atletas – em especial, para aqueles que possuem aptidão e se dedicam ao esporte, porém, não são os principais colocados nos rankings nacionais. Uma atleta sintetizou tais colocações em sua fala:

Uma amiga nossa, mesmo, foi [cursar universidade nos Estados Unidos como nadadora]. E aí você vê as pessoas se dando muito bem lá. Fazendo muitas amizades, e tal. E aí você vê a galera indo pra lá, vê que pode dar certo [...] você começa a pesquisar, né, porque lá tem muito isso: os Estados Unidos é a terra das oportunidades. E você escuta falar disso desde a sua infância. Ah! Pô, se você vai para os Estados Unidos, eles têm muita opção de esporte, né, eles incentivam muito o esporte lá, ah, e não é só para quem é bom, é para todo mundo, e isso é uma coisa que eu acho muito legal de lá. E aí eu fiquei com muita vontade de fazer faculdade lá.

[...]

Eu sabia que isso [natação] não era uma opção. E meus pais sempre me mostraram muito bem, ‘ah, você não consegue viver da natação, só. Você ser desestimulado o tempo todo, você vê seus amigos saindo [dos clubes] ou, sei lá, pessoas que não são tão boas, que se esforçam muito... Cara, eu tinha uma amiga que se esforçava muito, e tipo assim ela era zero reconhecida no clube. Então, você vê isso todo dia. Aí você vê até a galera que é muito boa, também, né, não indo para lugar nenhum. Tipo, ficando mais nessa coisa de que é atleta, só atleta, e aí você pensa: e aí, o que vem depois disso? Aí você é muito desestimulado. Nos Estados Unidos, você tem essa coisa de que atleta lá é maneiro. Aqui é uma coisa, tipo, não tem como você ser atleta e, ao mesmo tempo, estudante. Você tem que ser uma coisa, ou outra.

Voltando ao contexto brasileiro, o website da CBDA informa a parceria com uma universidade privada, que conta com sedes presenciais em diferentes localidades do país, no sentido de oferecer bolsas de estudos de graduação a atletas

pré-selecionados nos esportes aquáticos<sup>112</sup>; estes, por sua vez, ponderam que (1) os critérios para nadadoras e nadadores se candidatarem a uma bolsa seria bastante rígido e passa pela exigência de ter chegado a uma final de Campeonato Brasileiro<sup>113</sup>, e (2) não se trata de um sistema universitário integrado de fato ao esportivo, que conte, por exemplo, com um calendário de aulas e avaliações alinhado aos de treinos e competições<sup>114</sup>; como também não é o caso de se treinar na estrutura de um dos campi ou competir pela bandeira universidade. Uma ex-atleta entrevistada, que há cerca de um ano havia optado por deixar a natação mencionou haver conquistado uma bolsa universitária parcial em uma segunda universidade privada, através de contato com seu antigo treinador, sendo que esta não implicava em uma rotina de treinos ou competições pré-estabelecida. A razão para parar de treinar e competir, segundo contou, foi a impossibilidade de conciliação com a rotina de estudos para o Enem e demais vestibulares, aliada à sua decisão pessoal de não tentar uma bolsa universitária nos Estados Unidos por meio da natação. Em suma, as interações em entrevistas e conversas que, a partir de uma faixa etária tão jovem quanto os catorze anos de idade – que normalmente coincide com mudanças como a chegada ao Ensino Médio e a rotina de treinos diários por vezes dobrados – atletas e suas famílias, por vezes, começam a se perguntar qual é, de fato, o objetivo da dedicação à natação de base e aonde ela pode “levar” aqueles jovens.

Na realidade observada nos Estados Unidos, tais questionamentos apontam para respostas mais naturalizadas; primeiro, porque o esporte de base (ou *youth sports*, para retomar as definições mencionadas no segundo capítulo) pareceu, de fato, profundamente enraizado à cultura e aos hábitos locais. Nesse sentido, era muito comum presenciar situações como a de mães e pais em conversas na saída das escolas, contando que a programação do próximo fim de semana giraria em torno dos fatos de que um dos filhos teria uma competição de ginástica na tarde de sábado, e o outro, um jogo de *baseball* logo na manhã de domingo, e que

<sup>112</sup> A saber, natação, polo aquático, maratonas aquáticas, nado sincronizado e saltos ornamentais.

<sup>113</sup> Dado colhido em entrevista com atleta; os critérios de candidatura para conquistar as referidas bolsas não foi localizado no website da CBDA.

<sup>114</sup> As aulas gravadas e avaliações *on line* foram avaliadas como uma alternativa, no sentido de integrar as agendas acadêmica e esportiva.

aproveitariam para organizar um posterior pique nique no parque público onde este último seria realizado.

Em segundo lugar, até onde esta pesquisa foi capaz de mapear, questionamentos sobre os benefícios do esporte de base parecem mais atenuados, também, porque se encontram mais acessíveis as informações sobre os caminhos a serem percorridos pelo atleta nesta trajetória, e as oportunidades que podem se abrir a partir dela. Em especial, websites de clubes esportivos e de instituições gestoras, de escolas, de universidades e veículos especializados em cobertura esportiva costumam valorizar esta pauta; atletas e familiares, então, de fato, enxergam tais caminhos como benefícios, sendo um dos mais citados, a trajetória até a universidade, como explicita o depoimento do pai de uma atleta de base da modalidade de saltos ornamentais<sup>115</sup>.

Minha filha era uma boa saltadora, mas não era uma ótima saltadora. Com isso, ganhou uma bolsa para uma boa universidade, e não para uma ótima universidade. O que está muito bem. Porque ela não precisa ser a melhor, ela precisa é ter a chance de abrir caminhos, de cuidar da autoestima, de optar por uma profissão, que pode ou não ser como uma futura treinadora, não importa, pois o esporte já terá ajudado a abrir as portas para que ela siga a carreira que desejar.

No Brasil, não se observou a existência de um sistema amplo de ligas universitárias ou escolares como o estabelecido nos Estados Unidos, sendo a primeira, aqui, tida como um fator aspiracional no contexto do esporte de base, um norte para o qual o jovem atleta poderá mirar seu futuro, mesmo que este não pareça estar, assim, tão distante. O estudo mais aprofundado das ligas universitárias norte-americanas não fez parte do recorte desta pesquisa: estas são aqui mencionadas pelas recorrentes citações nas entrevistas realizadas com treinadores, atletas e seus familiares, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, como modelo de referência, quando o tema é conciliar a formação acadêmica com o crescimento do atleta no esporte; e, também porque, durante o trabalho de campo, foi notado um interesse específico de nadadoras e nadadores brasileiros de todas as idades da base – contemplando, inclusive, as categorias Mirim e Petiz (8 a 12 anos) - em enxergar

---

<sup>115</sup> O clube onde meus filhos treinavam era dedicado a duas modalidades esportivas: natação e saltos ornamentais e essa foi a razão da interação com alguns praticantes da modalidade e de seus familiares.

a natação como porta de entrada para a conquista de uma bolsa de estudos em uma universidade norte-americana.

O fomento de ligas escolares, por sua vez, poderia representar uma alternativa para o desenvolvimento do esporte de base no Brasil, e no Rio de Janeiro, em particular, para além do já mencionado incremento no sistema de clubes e federações. Esta pesquisa mapeou que já existe um organograma de instituições públicas criado para este fim. No caso da natação, em especial, os achados do campo apontam que é viável desenvolver este esporte, mesmo que escolas públicas e privadas não possuam piscinas em suas estruturas. Serão estes alguns dos assuntos tratados na seção a seguir.

## 5.2. Sobre as instituições gestoras do esporte de base

O primeiro capítulo delimita, como objeto de estudos desta pesquisa, as nadadoras e nadadores de base filiados, respectivamente, a clubes sócio esportivos, à federação estadual e à confederação nacional gestoras do esporte, e explicita as razões mapeadas no campo para a escolha deste recorte. Esta seção não tem o objetivo de ampliar este enfoque, ao contrário, entende-se que as informações aqui apresentadas acabam por reforçá-lo.

Na busca por dados para este estudo, durante pesquisas exploratórias *online* realizadas no primeiro semestre de 2021, chegou-se à informação de que os Jogos Estudantis Brasileiros<sup>116</sup> – denominados como *JEB's* – estavam sendo retomados ainda naquele ano pelo Governo Federal, após um intervalo de dezessete anos sem a sua realização<sup>117</sup>. Foi este o ponto de partida para se entender, também através de dos disponíveis *online*, que o evento se tratava de uma realização da Secretaria Especial do Esporte do Governo Federal, através da CBDE<sup>118</sup> – a Confederação Brasileira do Desporto Escolar, e de suas filiadas estaduais que, no caso do Rio de

<sup>116</sup> <https://jebs.com.br>. Acessado em 30/4/2021 e revisitado em 5/7/2022. Nesta recente revisita, notou-se que o site do referido evento contém informações capazes de fornecer uma fotografia sobre a sua dimensão, embora não traga, na presente data, informações sobre a edição de 2022 que são caras aos atletas, como por exemplo: se a escola onde estuda já é credenciada neste sistema escolar e, caso não seja, qual é o processo para que se inscreva; o calendário com as seletivas estaduais de cada modalidade, datas limite e processos de inscrição dos atletas, via suas escolas.

<sup>117</sup> Um breve histórico sobre os JEBs está disponível em: <https://consude.org/wp-content/uploads/2021/01/Apresentação-JEB's-2021.pdf>. Acessado em 12/9/2021.

<sup>118</sup> Não confundir com a CBDA, que é a já mencionada Confederação Brasileira dos Desportos Aquáticos. [www.cbde.org.br](http://www.cbde.org.br). Acessado em 14/9/2021.



Janeiro, é a FEERJ – a Federação Estadual Estudantil do Rio de Janeiro<sup>119</sup>. Descobriu-se, ainda, que a CBDE faz parte de uma liga internacional de competições escolares<sup>120</sup>, nomeada *International School Sport Federation - ISF*<sup>121</sup>, gestora de uma série de eventos internacionais esportivos voltados para estudantes-atletas praticantes de diferentes modalidades; há aqueles dedicados a uma modalidade esportiva específica, e outros que reúnem uma série delas, em uma única competição. Seria esse o caso do próximo evento agendado, à época do primeiro acesso ao website desta instituição durante a condução desta pesquisa: ainda em função dos iminentes riscos da pandemia Covid-19, a edição dos jogos denominados *Gymnasiades*<sup>122</sup> que aconteceria em 2021 havia sido postergado para maio de 2022 e seria realizado na França, na Região da Normandia.

A pesquisa, então, precisou se debruçar sobre tais achados, no intuito de entender o significado destas instituições, bem como dos eventos sob sua gestão, no contexto da natação de base do Rio de Janeiro: teria o presente estudo deixado de olhar para um outro grupo existente de atletas, para além daqueles vinculados às federações, que exerciam a prática e tinham acesso a competições nacionais e internacionais através das escolas, quando esta pesquisa assumia, justamente, que faltava integração entre os sistemas escolar e esportivo no Brasil?

Diante desta hipótese, dedicou-se um tempo da pesquisa para entender os fatos que a originaram, o que foi feito, pelo viés da natação, através do acompanhamento dos Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's), que se realizariam em novembro daquele mesmo ano (2021), no Rio de Janeiro, contemplando todos os estados do Brasil, e cuja seletiva para definição das atletas e dos atletas da natação de base que formariam a equipe representante do Estado do Rio de Janeiro teriam início do mês anterior.

O site da FEERJ indicava, à época, a existência de nove escolas a ela vinculadas, entre instituições públicas e privadas de todo o estado, número que

<sup>119</sup> <http://www.feerj.com/index-feerj.htm>. Acessado em 2/5/2021 e revisado em 5/7/2022.

<sup>120</sup> À época desta pesquisa exploratória, a informação sobre tal filiação constava não da página de abertura e principais links do website, mas sim, de um boletim oficial, um arquivo pdf datado do dia 9/3/2020. Fonte: [www.cbde.org.br/cbde/competicoes](http://www.cbde.org.br/cbde/competicoes). Acessado em 30/4/2021 e revisado em 25/10/2021.

<sup>121</sup> <https://www.isfsports.org>. Acessado em 2/5/2021 e revisado em 5/7/2022.

<sup>122</sup> Ao avançar com a pesquisa, descobriu-se de que se trata de um evento anual, da qual podem participar estudantes-atletas de qualquer país filiado – entre eles, o Brasil – praticantes de diferentes modalidades esportivas, sendo uma delas, a natação.

pareceu contemplar uma abrangência bastante reduzida de escolas e que, portanto, dificultaria a captação de atletas (aqui, olhava-se especificamente para o universo da natação) que representariam o Rio a nível nacional. Depois de alguns dias de busca, o regulamento da seletiva estadual foi localizado no site da Secretaria Estadual da Juventude, Esporte e Lazer<sup>123</sup>, onde não havia menção específica à necessidade de filiação da escola do atleta à FEERJ, mas sim, apenas que esta precisaria enviar uma série de documentos solicitados sobre a escola e o atleta que a representaria – o que, portanto, viabilizava a participação de atletas que estudassem em qualquer escola, pública ou privada, que se mobilizasse para enviar tal documentação.

Notou-se uma pequena divulgação desta seletiva, em um processo “boca a boca” entre familiares de alguns atletas, na rotina da natação de base que a pesquisa acompanhava quase que diariamente. Tal processo fez com que tais familiares solicitassem suas inscrições através das escolas de suas filhas e filhos, e seus relatos sugerem que algumas o fizeram de pronto; outras, o fizeram a partir da insistência e acompanhamento dos familiares e houve, ainda, aquelas que não concordaram em inscrever o atleta, alegando que a atividade esportiva em questão não era desenvolvida na escola e, dessa forma, não poderiam por ela ser responsáveis em um evento institucional. Estas alegaram, ainda, desconhecimento sobre o evento, segundo famílias consultadas. Foi uma posição que impossibilitou a inscrição de atletas que nelas estudavam. Um fato que pareceu motivar os nadadores, nadadoras e suas famílias a insistir para que as escolas os inscrevessem era a possibilidade de competirem, justamente, no Parque Aquático Maria Lenk, caso fossem selecionados para representar o Rio, que já havia sido anunciado como palco das provas de natação dos JEB’s, por parte do Governo Federal – informação que suscitou ainda mais questionamentos sobre se o espaço não poderia, de fato, contemplar mais competições e atividades motivacionais que contribuíssem para a formação dos atletas de base.

Acompanhei presencialmente a Seletiva Estudantil da Natação que definiria os atletas que representariam o Rio e, posteriormente, ouvi relatos de alguns sobre as disputas da natação durante os JEB’s (para esta última, havia sido anunciado que

---

<sup>123</sup><http://www.riorunners.com.br/jogosestudiantisrj/regulamento-jerj.pdf>. Acessado em 1/10/2021.

somente familiares de atletas poderiam estar presentes, e por essa razão, o acompanhamento presencial não aconteceu).

A referida Seletiva da Natação aconteceu em meio a um feriado do mês de outubro de 2021, no Parque Aquático Julio de Lamare. Ao tomar conhecimento sobre o local do evento, intensificou-se, por parte de muitos atletas de base e de seus familiares, questionamento similar ao relatado acima, sobre a realização dos JEB's no Parque Aquático Maria Lenk: por que o calendário de competições federadas não contemplava, também, a realização de pelo menos alguns torneios disputados, ao longo do ano, nestas mesmas instalações. Lá havia facilidade de acesso, especialmente, via transporte público, com diferentes paradas de ônibus e estações de metrô próximas, e um amplo estacionamento. A piscina tinha medidas olímpicas e havia outra, que poderia ser utilizada para soltura, banheiros e uma ampla arquibancada coberta, em uma de suas laterais.

Na chegada ao local, cada atleta inscrito recebeu um kit com camisa, bolsa e lanche, onde vinha impressa a logomarca da seletiva, e no entorno da piscina havia *coolers* onde podiam se servir à vontade de água mineral. Para o público, por sua vez, não havia nenhum local disponível para a compra de comidas ou bebidas – estas precisaram ser adquiridas fora do Parque Aquático, em especial, com vendedores ambulantes posicionados no seu entorno.

Algumas particularidades da competição giraram em torno do fato de que (a) não havia mais, ali, a emblemática placa eletrônica que, em outra época, mostrava os nomes e cronometrava automaticamente os tempos dos atletas durante as disputas. Tais tempos, então, eram marcados em cronômetros individuais, por árbitros em cada raia, e a informação não era visualizada, nem fornecida para o público, que muitas vezes ficava sem saber qual tinha sido, de fato, o resultado de uma prova, a não ser pelas vezes em que, posteriormente, o locutor narrava os nomes de seus vencedores; (b) havia uma piscina que poderia ser usada para soltura, mas que se encontrava fechada por grades; mediante solicitação de alguns atletas e treinadores, uma das raias da própria piscina central, onde estavam sendo realizadas as disputas, passou a ser usada para esse fim; (c) muitos dos atletas que compareciam ao pódio vestiam uniformes e seguravam bandeiras de suas escolas, proporcionando visibilidade para as instituições, sendo que algumas famílias mencionaram não ter sido esta uma iniciativa das escolas, mas sim, dos próprios

atletas ou de seus familiares; (d) alguns dos treinadores que acompanhavam os atletas eram profissionais de Educação Física cedidos por suas escolas, outros eram técnicos dos próprios clubes que optaram por acompanhar seus atletas, apesar de não se encontrarem diretamente inseridos no processo escolar; (e) no final da competição, o locutor convocou para uma reunião os treinadores ali presentes, não importava se escolares ou de clubes, para que se chegasse a uma definição sobre quais seriam, então, os atletas que formariam a equipe de nadadoras e nadadores representantes do Estado do Rio de Janeiro nos Jogos Estudantis Brasileiros que aconteceriam no mês seguinte. Entendeu-se, assim, que possivelmente o regulamento não estaria totalmente formulado nesse sentido.

A lista de atletas convocados foi divulgada em um grupo de *WhatsApp* formado por treinadores e pais de atletas participantes da Seletiva, ao qual a pesquisa teve acesso, junto à informação de que a totalidade de selecionados fazia parte, também, do grupo que já compete o calendário anual de eventos promovidos pelas instituições gestoras da natação - a federação estadual e confederação nacional.

Os relatos de familiares de atletas sobre as disputas na natação durante os JEB's, por sua vez, narraram um evento bem organizado, que de fato contou com estudantes-atletas de todo o Brasil, chamando atenção as cerimônias de pódio e de distribuição de medalhas imponentes aos primeiros colocados em cada prova. Notou-se, na apuração dos dados (conversas com atletas e familiares que lá estiveram presentes e análise de publicações nas redes sociais por parte deste mesmo público), uma série de reclamações em torno da ausência de logística adequada para recepção dos atletas que chegavam de diferentes localidades do Brasil, em especial, de longas esperas em aeroportos por definições relativas à sua hospedagem e locais de alimentação; além das condições de acesso ao Parque Aquático Maria Lenk que, em um momento inicial, impediu a entrada das famílias no local, apesar de comunicados oficiais do evento informarem o contrário – situação contornada e revertida, ainda antes do início da competição. Alguns destes informantes, entretanto, mencionaram que o fato de ter sido esta a primeira edição dos jogos estudantis em dezessete anos acaba servindo como atenuante na a

percepção de problemas logísticos que, possivelmente, poderiam ser solucionados e aprimorados nas próximas edições do evento<sup>124</sup>.

Esta investigação sobre o desporto escolar foi incluída na pesquisa a partir do acesso à informação de que os Jogos Estudantis Brasileiros estavam sendo retomados no Brasil, no ano de 2021, em sua primeira edição após um intervalo de dezessete anos. Entendeu-se, portanto, que seria importante compreender o seu impacto, e a sua relevância, no meio da natação destinada aos jovens atletas que representam o foco deste estudo. A pesquisa exploratória e, em especial, o acompanhamento da seletiva de natação dos Jogos Estudantis do Rio, levaram a crer que os nadadores e nadadoras selecionados para formar a equipe do Estado já competem, também, através do calendário anual estipulado pela federação estadual, em parceria com a confederação nacional, ambas gestoras oficiais dos nomeados esportes aquáticos. E, assim, conclui-se que a organização de competições e eventos por parte de instituições diversas não se traduz, necessariamente, numa diversidade também no que diz respeito à participação de atletas, e na consequente democratização e ampliação da abrangência de atividades oferecidas no âmbito esportivo. É preciso, portanto, um trabalho integrado, no sentido de alcançar este objetivo.

Como abordaram, ainda, os participantes da referida *live* promovida pelo Jornal O Globo e o Sesc RJ, parece já existir um número suficiente de instituições voltadas para o desenvolvimento do esporte de base, sendo os desafios, então, trabalharem de forma planejada e articulada dentro do objetivo comum de fomentar o esporte, e de comunicar aos jovens atletas e a seus familiares sobre as oportunidades que já se encontram abertas nesse sentido.

Por último, vale ressaltar que a realização do referido evento estudantil, no Parque Aquático Maria Lenk, demonstra a viabilidade de uso do legado olímpico na formação de jovens atletas, ação que poderia ser desdobrada em novas atividades, englobando, principalmente, as principais competições do calendário anual, mas contemplando também um planejamento com treinamentos esporádicos e ações motivacionais organizadas nestes locais.

---

<sup>124</sup> Até a conclusão desta pesquisa, o site oficial dos JEB's não trazia informações sobre uma nova edição a ser realizada, no ano de 2022. Fonte: [www.jebs.com.br](http://www.jebs.com.br). Acessado em 3/8/2022.

### 5.3. O legado olímpico na formação da base

Também faz parte do citado projeto *Cultural Politics of Sports* estudar os impactos sociais de megaeventos esportivos: as formas pelas quais teriam potencial para atender comunidades das cidades que os abrigam, mas como o planejamento das construções físicas que demandam acabam por não contemplar sua utilização a longo prazo, por parte da população local, o que inclui seus atletas de diferentes idades. Tal viés, possivelmente, seja inspirado no fato de que a cidade de Los Angeles, que abriga o campus da *University of Southern California*, instituição anfitriã desta pesquisa durante o período de estudos realizado no país, foi sede dos Jogos Olímpicos em 1984 e o será novamente na edição de 2028. Pode ser uma pesquisa que ajude a cidade a trabalhar no sentido de planejar o posterior uso de seu novo legado olímpico.

O condão dos megaeventos de interferir na realidade tem íntima relação com seu forte impacto na mídia, tornando a vida social repleta de informações de sua realização e interferências no espaço urbano, sem possibilidade de esquivar de experienciá-los, antes, durante e depois, já que mudam o cenário e a rotina das cidades, deixando marcas. [...]As mesmas multidões que peregrinam aos megaeventos, encantadas pelas possibilidades afetivas e de consumo, podem se rebelar com essas mesmas possibilidades. Acreditamos que o papel transformador de realidades destes espetáculos não pode ser controlado. A fogueira que eles acendem espalha-se facilmente, seduzindo ou incendiando a multidão, pulsando no coração das cidades. Favorável ou desfavoravelmente, modificando a realidade social. (Freitas, Lins e Santos, 2014, p.11)

Os jovens foram, desde o início, um dos principais destinatários das políticas de implementação dos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Durante a campanha preparatória prolongada até ao verão desse ano, o Secretário Geral para Cultura, Media e Desporto do Reino Unido, Jeremy Hunt, anunciou as várias iniciativas que seriam levadas a cabo pelo governo Britânico, neste âmbito. Hunt salientou o poder dos jogos como uma oportunidade para exercer influência nas camadas mais jovens da população. Com discurso semelhante, os media também chamaram a atenção para a intervenção governamental e a utilização do poder catalisador e motivador deste evento para influenciar, de forma positiva, os jovens, relativamente às atividades desportivas com práticas saudáveis e relacionadas com o bem estar à escala mundial. A participação cívica em vários projetos aliados aos temas e valores do Olimpismo não foram deixadas de fora dessas propostas de intervenção. Desta forma, através dos meios de comunicação, foi deixado, assim, a mensagem e a promessa do uso deste evento para uma mudança

incentivadora junto das camadas mais jovens, principalmente relativamente ao incremento e dinamização de práticas e de cultura desportiva. (Tavares, 2016, p.2-3).

Os primeiros autores acima citados classificam como megaeventos os acontecimentos que ocorrem fisicamente em uma determinada cidade mas que contam com interesse e alcance globais; tal definição engloba o fato de que os megaeventos também não se restringem ao tempo efetivo de sua duração, começando, de fato, muito antes da data oficial agendada para o seu início, e terminando, muitas vezes, somente bem após seu encerramento, características derivadas de duas causas principais: a primeira são as obras, desvios e adaptações realizadas no espaço urbano que se entendem necessárias à sua viabilidade logística; a segunda, sua visibilidade midiática, que normalmente se estende para além de seus, geralmente, poucos dias de duração. Enquadram-se nesta definição de megaeventos as diferentes edições dos Jogos Olímpicos e das Copas do Mundo; no contexto específico do Rio de Janeiro, nela se encaixam, também, o reveillon da Praia de Copacabana, e a realização do festival de música denominado Rock in Rio.

A segunda autora acima citada, por sua vez, defende a necessidade de que mais pesquisas acadêmicas se debrucem sobre as abordagens midiáticas ocorridas particularmente após a realização dos Jogos Olímpicos em uma cidade, e analisem, em especial, se existe um enfoque, por parte da mídia, em avaliar a utilização de seu legado físico e estrutural no planejamento e na implementação de atividades esportivas voltadas para o público jovem; seu argumento, formulado a partir de observações e dados colhidos sobre os Jogos Olímpicos de Londres, realizados no ano de 2012, é o de que o discurso das autoridades locais de justificativa para os investimentos financeiros destinados, principalmente, à grandes obras realizadas na cidade com foco em tal evento seriam posteriormente convertidos em benefícios para a população local, visando, prioritariamente, a inserção de jovens em diferentes atividades inerentes ao meio esportivo. Faria sentido então, na visão da autora, que a mídia dedicasse um olhar atento a essa questão, verificando e informando a população sobre as formas pelas quais o discurso político que antecedeu os Jogos Olímpicos foi, de fato, colocado em prática após o encerramento de seu ciclo. Carrington (2020), por sua vez, ao analisar dados sobre o contexto mais geral desta mesma edição dos Jogos, demonstra que a criação de amplas e modernas estruturas esportivas demandadas por tais eventos, que geralmente

contam com ampla injeção financeira por parte de verbas públicas, não necessariamente se convertem, de modo imediato, em uma intensificação da prática esportiva por parte de sua população local, seja para fins de saúde e melhoria da qualidade de vida, como alternativa de entretenimento ou, ainda, de formação e treinamento de atletas competitivos. Para que tal conversão aconteça, é necessário, portanto, investir também em planejamento e execução de ações pensadas a partir destes focos, por parte das autoridades públicas e – por que não – da iniciativa privada e da sociedade, como um todo. E é nesse sentido que esta pesquisa entende o papel da mídia como fundamental, atentando para a realidade de utilização do legado olímpico e viabilizar discussões sobre o melhor uso de tal estrutura, por parte de diferentes atores sociais.

Nesse contexto, o presente estudo aponta, quase que como uma sugestão de pauta destinada a veículos de comunicação de massa, para a possível necessidade de abordagens em torno da utilização de dois espaços do Rio de Janeiro, situados em distintas localidades da cidade, no que diz respeito ao seu potencial de formação de nadadores e nadadoras de base: os Parques Aquáticos Maria Lenk e Julio de Lamare.

Até onde esta pesquisa foi capaz de mapear, o Parque Aquático Maria Lenk, legado dos Jogos Pan Americanos de 2007 e dos Jogos Olímpicos de 2016, localizado no Bairro da Barra da Tijuca, foi integralmente cedido pela Prefeitura do Rio de Janeiro ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB)<sup>125</sup>, tendo seu atual uso destinado restritamente aos atletas que alcançam o nível olímpico, segundo parâmetros estabelecidos pela própria instituição, ou que já foram identificados pela mesma, como tendo potencial para alcançá-lo; conforme mencionado no capítulo anterior, notou-se que muitas famílias de atletas de base questionam se o espaço não estaria sendo subutilizado, a partir de tal decisão política e, conseqüentemente, se não poderia ser transformado, ao menos, em sede das competições mais importantes das categorias de base – nesse sentido, levando em conta não somente a possível condição de subutilização, como também a já notada ausência de estrutura que atualmente cerca as competições da base.

---

<sup>125</sup>Informação disponível no website da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smf/exibeconteudo?id=7195604>. Acessado em 28/7/2019.



O Parque Aquático Julio de Lamare, situado no complexo do Maracanã, por sua vez, não representa exatamente um legado olímpico, apesar de ter abrigado provas de pólo aquático dos Jogos Olímpicos realizados no Rio em 2016 – e que, na verdade, conforme noticiado<sup>126</sup>, por pouco não foi demolido para que sua área fosse transformada em um estacionamento, durante as obras públicas conduzidas no sentido de preparar a cidade para abrigar tal evento. Os dados colhidos no campo, ao longo desta pesquisa – principalmente, as conversas e entrevistas formais com treinadores e antigos atletas – evidenciam que se trata de um complexo de piscinas simbólico para a natação de base do Rio de Janeiro: abrigou muitas de suas competições até poucas décadas atrás, em especial, os Campeonatos Estaduais e Interestaduais dedicados aos nadadores e nadadoras pertencentes às categorias a partir dos oito anos de idade, quando, segundo tais relatos, havia desfiles das equipes uniformizadas, premiações formais, torcida e aplausos vindos de arquibancadas lotadas por parentes e moradores do entorno que prestigiavam tais eventos. Foi recorrente, também, a menção à imponente placa eletrônica que lá existia e marcava não só os tempos, como também mostrava os nomes dos atletas que ali disputavam provas em cada uma das raias, e sentiam-se reconhecidos a partir desta visibilidade. A gestão do espaço parece se encontrar a cargo do Governo do Estado do Rio de Janeiro, que havia noticiado a iminente “retomada do espaço enquanto celeiro de equipes federadas e sede de competições”<sup>127</sup>, algo que parece ainda não ter se concretizado, pelo que esta pesquisa pôde apurar.

Na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, a piscina que foi sede das provas de natação dos Jogos Olímpicos de 1984 está situada, justamente, dentro do campus da USC, a universidade que abrigou este estudo durante a pesquisa complementar realizada no país; atualmente, é onde são realizados os treinos diários de suas equipes universitárias de natação, salto ornamental e polo aquático, além de sediar algumas das competições das ligas esportivas por elas integrada; também sediam torneios diversos destinados a atletas mais jovens, clínicas de natação destinadas a aprimorar sua técnica e, ainda, eventos amistosos para arrecadar de fundos destinados a causas sociais ligadas aos esportes aquáticos. A piscina é

---

<sup>126</sup> Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/julio-de-lamare-retoma-rotina-com-atividades-abertas-comunidade-23709302>. Acessado em 28/7/2019.

<sup>127</sup> Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/julio-de-lamare-retoma-rotina-com-atividades-abertas-comunidade-23709302>. Acessado em 28/7/2019.

facilmente acessada por qualquer visitante do campus que tiver interesse, por exemplo, em fotografar os painéis que fazem alusão às Olimpíadas de 1984, em conhecer os recordes estabelecidos em cada uma das provas já disputadas naquela piscina ou, ainda, checar, em um extenso mural na entrada os nomes de atletas olímpicos de diferentes nacionalidades que foram estudantes da instituição<sup>128</sup>.

Tomo a liberdade de citar aqui, na primeira pessoa, uma outra vivência pessoal que fez refletir sobre o aproveitamento do legado olímpico em benefício da população: já com esta pesquisa em mente, aproveitei uma viagem pessoal, em maio de 2019, para conhecer as Piscinas Bernat Picornell<sup>129</sup>, na cidade de Barcelona, Espanha, que foram sede das provas de natação dos Jogos Olímpicos de 1992. Cheguei lá após uma rápida caminhada a partir do Museu Olímpico da cidade, que havia visitado algumas horas antes; chegando ao complexo onde se encontram as referidas piscinas, avistei um estacionamento bastante movimentado, que atravesssei a pé, e onde não visualizei nenhuma guarita de cobrança. Fui até a entrada central, me identifiquei como turista que se interessa por natação e perguntei se poderia conhecer o local. Resposta positiva, conheci as piscinas, a estrutura de alimentação, os banheiros. Passei os olhos no cronograma de atividades semanais disponível no quadro de avisos. Notei que pessoas de diferentes idades adentravam o local passando carteirinhas de identificação em uma catraca, nesta mesma entrada onde pedi autorização para a visita. Em uma das piscinas estava acontecendo, naquele momento, treinos de natação para crianças de diferentes idades; na outra, havia três adultos se exercitando, no que me pareceu ser um nado livre. Fazendo uso de meu espanhol limitado, conversei rapidamente com a recepcionista que, atenciosa, porém visivelmente ocupada, me informou que ali havia muitas atividades nas piscinas, disponíveis para a população. Agradei e fui embora, refletindo sobre se não poderia se adotar um modelo semelhante no legado olímpico do Rio de Janeiro. Ou, ao menos, se não valeria a pena fazer uso da mídia para sensibilizar as instituições gestoras do esporte, e do legado olímpico em si para, junto à sociedade, discutir essa questão.

---

<sup>128</sup> Foi lá que encontrei o nome do nadador brasileiro Rodrigo Castro, eternizado no painel da entrada da piscina, mencionado como estudante da USC que representou o Brasil nas Olimpíadas de 2000, 2004 e 2008.

<sup>129</sup> Mais informações em: [http://www.picornell.cat/v\\_picornell/apartados/apartado.asp?te=48](http://www.picornell.cat/v_picornell/apartados/apartado.asp?te=48). Acessado em 28/7/2019.

A noção alcançada nesta pesquisa é a de que existem questões de acesso relacionadas ao meio da natação competitiva que demandam decisões políticas capazes de já impactar seu desenvolvimento desde os anos iniciais da prática e, conseqüentemente, a formação de seus jovens atletas. E, ainda, que ações por parte da mídia são fundamentais para que tais questões sejam endereçadas e discutidas pela sociedade junto ao poder público, à iniciativa privada, às instituições gestoras do esporte, e a outros atores sociais que possam estar envolvidos nesse processo.

## 6. Considerações Finais

A cada quatro anos, durante os quase trinta dias de realização de uma nova edição dos Jogos Olímpicos de Verão<sup>130</sup>, ressaltamos o espírito olímpico, os valores do esporte, as cenas emocionantes que proporcionam, e a sua capacidade de gerar transformação social. Dedicamos tempo para assistir competições de modalidades esportivas que até então desconhecíamos, vibramos com medalhas conquistadas por jovens atletas, aplaudimos veteranos que persistiram no esporte e participam de mais aquela nova edição dos jogos, sofremos e lamentamos quando outros sofrem uma derrota inesperada, ou, por pouco, não sobem ao pódio.

Também comentamos histórias sobre as quais lemos, assistimos ou ouvimos falar, de atletas brasileiros que treinavam em meio a um canteiro de obras, que corriam descalços por não possuírem calçados adequados, que trabalham como motoristas para conseguir seu sustento e financiar seus próprios treinos, ou que, por sorte, conseguiram uma vaga em um projeto social ou clube esportivo, e assim foram descobertos por algum treinador; com todas as dificuldades a eles impostas, superaram adversidades e “chegaram lá”. Mostra-se recorrente, portanto, a cada edição olímpica, a citação de exemplos de atletas brasileiros que não possuem patrocínio, que treinam diariamente sem estrutura adequada, ou sem treinadores qualificados – nota-se que, muitas vezes, as falas de tais atletas ganham visibilidade, especialmente, em momentos onde não alcançam um objetivo traçado, em especial, a medalha olímpica.

O estudo aqui apresentado entende que este é um discurso proveniente da mídia, que lhe proporciona visibilidade especialmente em períodos próximos à chegada, ou logo ao término de uma edição dos Jogos Olímpicos; assim, reverbera na sociedade como um tema pontual, sem sustentação, o que faz com que o ciclo seja então sempre retomado, após um intervalo de quatro anos, repetindo e repercutindo a pauta desta “falta de apoio” para a qual não parece haver solução.

Quando o período das Olimpíadas se encerra, o que fazemos para contribuir com o desenvolvimento do esporte no Brasil durante os anos seguintes, até chegar

---

<sup>130</sup> A popularidade notadamente reduzida dos Jogos Olímpicos de Inverno no Brasil se deve, possivelmente, à ausência de empatia ou de laços simbólicos entre sua população e as modalidades competidas. Para usar uma das referências teóricas nas quais este estudo se inspira, os esportes de inverno competidos em paisagens de nevascas, roupas protetoras do frio e equipamentos de esqui acabam por representar uma “experiência distante” (Geertz, 1987) para a maior parte dos brasileiros.

o momento de sua nova edição? Passamos a consumir esportes olímpicos? Assistimos e acompanhamos outras competições das modalidades esportivas que, durante aquele período, nos proporcionaram entretenimento e emoções? Valorizamos e priorizamos consumir produtos de empresas que investem no esporte? Sabemos como funciona a rotina da prática esportiva nas escolas, nos clubes e nos espaços públicos de nossas cidades? Sabemos como se formam os campeões olímpicos? Como é a vida de um atleta que almeja chegar a uma Olimpíada? Os custos financeiros e logísticos implicados a ela ou ele, e às suas famílias? De que forma a comunidade em que o atleta reside pode contribuir com a sua formação? Como esportistas brasileiros conciliam suas rotinas escolares ou universitárias com os treinos e a agenda de competições? E qual seria o universo do esporte, no Brasil, para além das Olimpíadas?

Em suma: estamos preocupados, ou preparados, como sociedade, para inserir o esporte como pauta prioritária na formação de crianças e adolescentes que, um dia, não muito distante, serão os atletas olímpicos que representarão o país?

A proposta desta tese é a de que diferentes mídias brasileiras se tornem mais atuantes no que diz respeito à ação proposta pelas próprias, ou seja, fornecer mais “apoio” e mais “incentivo” ao desenvolvimento do esporte no país; e sugere que tal atuação não deixe de contemplar o esporte de base, causa à qual a pesquisa é dedicada, praticamente, em sua totalidade. A natação competitiva de base do Rio de Janeiro é aqui tomada como objeto de estudo, por ter sido o meio originário da ideia da pesquisa, a partir das questões observadas durante as vivências pessoais descritas em muitos momentos do texto.

Certa vez expliquei os objetivos do estudo a um potencial informante, que me voltou com uma pergunta: então, se os seus filhos praticassem basquete, ou atletismo, seu trabalho seria sobre um outro esporte? A minha resposta foi que sim; o objeto de estudo possivelmente seria uma outra modalidade esportiva mas, mesmo assim, talvez a pesquisa chegasse a conclusões similares em alguns aspectos, uma vez que – os dados apontaram - existem questões que permeiam a realidade de diferentes modalidades do esporte de base, entre elas, a demanda por maior visibilidade midiática para a atividade, e para os atletas que a elas dedicam boa parte de sua juventude.

A pergunta do potencial informante me fez refletir, e também comunicá-lo sobre tal reflexão: a de que não se tratava de um estudo, exclusivamente, sobre a natação; ao contrário, a natação foi um meio encontrado para realizar uma pesquisa sobre juventude, socialização, família, sobre a comunicação produzida pela ação humana e as diferentes formas pelas quais a contemporaneidade trata de organizá-la, a partir de um leque cada vez mais amplo de veículos de mídia. Uma série de temáticas, portanto, inerentes a diversas áreas das Ciências Sociais.

A pesquisa trata, também, do cuidado necessário à concepção de programas e ao estabelecimento de políticas voltadas para os jovens (ou adolescentes) que hoje representam um quarto da população mundial<sup>131</sup>. As ideias principais, nesse sentido, são (1) que atividades pensadas para os jovens precisam contemplar a sua própria visão de mundo desde a concepção, para que se tornem atrativas ao público que desejam beneficiar; e (2) que decisões políticas são capazes de interferir na formação de jovens desde o anos iniciais de uma determinada atividade por eles desenvolvida – priorizando; aqui, o olhar sobre o direito ao acesso a práticas esportivas; por isso, devem ser pensadas de modo a contemplar os direitos universais garantidos aos jovens, bem como o dever de toda a sociedade no sentido de contribuir com a sua formação enquanto cidadãos. No Brasil, a prática de esportes é legalmente entendida como inerente ao direito à liberdade, ao respeito e à dignidade concedido às crianças e aos adolescentes, “como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais”<sup>132</sup>. Entende-se, assim, que um estudo sobre a visibilidade – ou, a invisibilidade – de atletas de base pode contribuir com discussões sobre quem são, de fato, os jovens que alcançam a visibilidade midiática no Brasil e, particularmente, no Rio de Janeiro, propondo, possivelmente, novas formas de enxergá-los e de representá-los. Uma vez que esta pesquisa considera representação midiática e representatividade social como temas profundamente entrelaçados, novas representações poderiam, de fato, ocasionar em maior reconhecimento destes jovens por parte da sociedade.

<sup>131</sup> De acordo com dados fornecidos pela coletânea de estudos multidisciplinares sobre a adolescência publicada pela Revista *Nature*, citada, ao longo do texto, e nas referências bibliográficas desta pesquisa.

<sup>132</sup> Fonte: Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Disponível em: [https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto\\_crianca\\_adolescente\\_9ed.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf). Acessado em 10/9/2021.

Uma das principais razões para a escolha dos Estados Unidos como localidade de realização de uma pesquisa complementar foi o fato de que a maior parte dos entrevistados no Brasil, entre atletas, ex-atletas, familiares de ambos, treinadoras e treinadores, encaravam o país como referência no desenvolvimento da natação de base em termos de abrangência (quantitativo de clubes e de atletas praticantes), de estrutura física disponível, e de apoio financeiro e logístico por parte de diferentes atores sociais. O trabalho de campo realizado no país confirmou as colocações dos entrevistados, porém, despertou ainda para achados complementares considerados importantes, no âmbito da comunicação, que ajudariam a (a) melhorar sensivelmente a estrutura das competições, (b) reconhecer os esforços e resultados obtidos pelos atletas, (c) gerar renda que seria revertida ao esporte, estando estas entre as principais reivindicações para a natação de base do Rio de Janeiro ouvidas durante a pesquisa. Por esta razão, o terceiro capítulo se propôs a apresentar boa parte de tais achados, todos, mapeados durante o trabalho de campo realizado no Sul da Califórnia e que são entendidos como de fácil implementação e adaptação à realidade brasileira. Muitas dessas soluções, no âmbito da comunicação e da mídia, poderiam, por exemplo, ser usadas por clubes e federações gestoras. Ainda sobre esse ponto, a conclusão é a de que a estrutura física é um aspecto importantíssimo, que será abordado logo abaixo; mas ela, por si só, não sustenta a prática; é preciso envolver uma série de atores sociais no processo, entre eles, principalmente, os jovens atletas, protagonistas da atividade, e as famílias, suas viabilizadoras de fato. No Sul da Califórnia, tal envolvimento se mostrou mais enraizado às práticas culturais presentes no dia a dia, e eram a todo tempo reforçadas por ações que, não raro, remetem à mídia e à comunicação: uma camiseta especial fornecida gratuitamente a familiares voluntários, uma frase motivacional exposta no cronômetro da piscina, no último treino antes de uma grande competição, um painel com nomes e imagens dos atletas que ingressariam no meio universitário naquele ano, agraciados com bolsas de estudo acadêmico conquistadas, também, por seu mérito na natação.

Aqui, abro um parêntese para narrar uma experiência pessoal originada durante os meses em que eu e meus filhos nos instalamos no Sul da Califórnia, para realizar este trabalho de campo. Não é exatamente conectada ao estudo, mas diz algo sobre o esporte como parte integrante da cultura local e do sistema escolar. Foi

mencionado neste estudo que, até ingressarem no Ensino Médio (*high school*) a opção dos atletas de base da natação é competir por uma equipe privada, não conectada às escolas, a não ser pelas eventuais parcerias que permitem aos clubes usarem suas piscinas como centros de treinamento. Mas essa não é a realidade de todos os esportes, e muitos deles são praticados nas escolas desde cedo, onde são ensinados seus fundamentos. Para fornecer um exemplo prático, meu filho mais velho, estudante do correspondente Ensino Fundamental II (*middle school*) de uma escola pública, tinha aulas de Educação Física diárias em sua grade curricular. Aprendeu noções de basquete, badminton, salto com vara, salto em distância, corridas com obstáculos, entre outras provas de atletismo. Seguindo um racional que eu nunca havia cogitado, a Educação Física era a única disciplina para a qual era exigido o uso de uniforme, pelo fato de também representar a única aula, segundo a lógica local, que exigia, de fato, uma vestimenta apropriada para seu correto aprendizado. Minha filha mais nova, ainda no Ensino Fundamental I (*elementary school*) já tinha aulas de Educação Física três vezes por semana.

Voltando à estrutura física destinada à natação de base, esta pareceu, de fato, grandiosa, para se apropriar do termo usado por alguns entrevistados, e há uma estratégia grandiosa, também, no que diz respeito a oportunidades de participação em distintas competições que se estendem por todas as categorias etárias – ou *age groups*, na denominação local; tais competições, como descreve a pesquisa, parecem ter sido planejadas no sentido de motivar o maior número possível de atletas. Isso, sem mencionar as portas que se abrem nas ligas universitárias (não contempladas no recorte da pesquisa) quando o atleta de base apresenta uma combinação satisfatória de performance esportiva e histórico escolar que lhe garante a posição de nadadora ou nadador em uma das equipes que as integram – muitas vezes, agraciado, ainda, com uma bolsa acadêmica, total ou parcial, oportunidade que parece chamar cada vez mais atenção de atletas de base no Brasil.

A pesquisa não chegou a responder completamente a uma das perguntas colocadas em seu primeiro capítulo: se a comunicação é escassa, quem, de fato, são os jovens que têm acesso à modalidade no Brasil e, particularmente, no Rio de Janeiro? Filhos de ex-atletas, sócios de clubes? Entende-se que não foi possível responder a essa pergunta em sua totalidade, mas se alcançou indícios com as entrevistas e observações do campo: muitos são filhos de ex-atletas ou possuem um



ex-atleta entre os seus familiares, ou no grupo de amigos próximos; outros, ainda, são sócios de clubes esportivos que já são alunos de suas escolinhas de natação; e existem, também, os alunos de escolinhas que não possuem equipes competitivas, mas que são identificados por algum treinador como potenciais talentos, e assim direcionados àquele de uma equipe, por meio, geralmente, de contato interpessoal entre ambos. Dados como esse levam a crer que a criação de escolinhas de natação em diferentes clubes, ou em projetos sociais, são fundamentais ao fomento do esporte competitivo mesmo que não possuam equipes em suas estruturas, desde que existam outras com vagas para absorver os alunos indicados como tendo potencial para se tornarem atletas; um processo, portanto, aberto entre técnicos e instituições, como também orientam os participantes da *live* promovida pelo Jornal *O Globo* e o *SescRJ*, em diversos momentos referenciada neste trabalho.

Em uma cidade com a dimensão do Rio de Janeiro, a distribuição geográfica das escolinhas e das equipes aparece como fator fundamental, no sentido de contemplar sua população, e de também facilitar a conciliação entre a prática esportiva, as atividades escolares e a rotina das famílias; em outras palavras, considerando a realidade carioca, para um jovem atleta identificado em uma escolinha de natação no bairro de Olaria, por exemplo, residente e estudante de uma escola no mesmo bairro, talvez não seja viável se tornar atleta de uma equipe na Zona Sul do Rio de Janeiro; foi observada a movimentação de clubes do Rio no sentido de absorver polos de natação<sup>133</sup> de outros bairros, que não o de sua sede, em suas estruturas. Mas, até onde a pesquisa foi capaz de observar, tratam-se de iniciativas em pequena escala, sendo que o ideal, na verdade, parece ser que estes pequenos polos recebam investimentos em estruturas física e financeira, de modo a manterem suas próprias equipes de forma independente, vinculadas diretamente à federação estadual e à confederação nacional; poderia se ampliar, assim, o número de clubes e de atletas e, conseqüentemente, também a competitividade da natação

---

<sup>133</sup> Existem treinadores que arrendam piscinas pertencentes a clubes ou academias da cidade, começam a treinar jovens atletas de nível competitivo mas, por razões talvez financeiras, ou burocráticas, que esta pesquisa não tratou de investigar, não formam uma equipe própria vinculada à federação estadual; o que fazem é vincular-se a um clube maior, e seus atletas passam a nadar sob a bandeira daquele clube. Para fornecer um exemplo prático, existem clubes da Zona Sul do Rio de Janeiro que absorvem polos da Barra da Tijuca em suas estruturas, cujos treinos diários são realizados em piscinas locais, arrendadas por treinadores, e há encontros esporádicos na sede do clube, para integração de toda a equipe que nada representando a sua bandeira, além de se reunirem, como equipe única, durante as competições.

no Rio de Janeiro, da qual muitos atletas e ex-atletas entrevistados mencionam sentir falta, tendo sido um aspecto com o qual a natação local parece já ter contado, segundo muitos informantes, algumas décadas atrás.

No sentido de contemplar as diferentes regiões da cidade, parece já haver um caminho relativo à estrutura física para se começar o trabalho, através da reativação, ou redistribuição da utilização, de piscinas, públicas e privadas, já existentes em diferentes locais da cidade. Algumas foram citadas ao longo deste estudo, mas há outras, muito comentadas no meio da natação, que estariam visivelmente inutilizadas, ou subutilizadas. Para mapeá-las de forma objetiva, no sentido de trabalhar em um plano estruturado de fomento à natação, seria necessário um levantamento preciso, inspirado no que Wiltse (2007) incluiu em seu estudo sobre o contexto histórico de algumas piscinas públicas norte-americanas.

Dados colhidos no trabalho de campo entre o Rio de Janeiro e o Sul da Califórnia, fazem concluir que diferentes formatos de mídia assumem um papel protagonista no desenvolvimento do esporte de base através de três principais vertentes: (1) prover informação sobre a atividade, (2) incentivar a abrangência e o acesso à prática e (3) criar mecanismos de motivação e reconhecimento dos atletas. Muitas destas soluções não se mostraram complexas ou custosas, no âmbito midiático, mas podem se traduzir em importantes elementos motivadores, quando o tema é a permanência do atleta no esporte de base, e a consequente descoberta de talentos com potencial olímpico, em um futuro próximo. Neste contexto, as competições são tidas como momentos chave para a visibilidade e reconhecimento dos atletas, e o sistema de competições norte-americano abre espaço para que mesmo aqueles que não tenham os melhores resultados em suas categorias sejam contemplados. Podem até não se tornar atletas olímpicos, mas terão a oportunidade de competir, talvez, de conquistarem uma bolsa universitária parcial, de se tornarem técnicos ou profissionais da gestão esportiva, ou, simplesmente, de manterem o esporte como parte inerente a seu estilo de vida (Haenfler, 2014) no longo prazo. Este é o sistema que remete muitos dos entrevistados pela pesquisa à noção de que “nos Estados Unidos, a natação é para todo mundo”. No Rio de Janeiro, há espaço para desenvolver uma realidade similar, mesmo que em menor escala, pois muitos dos recursos demandados já se encontram disponíveis ou requerem implementação pouco complexa, como apontam dados levantados na pesquisa.

Em épocas olímpicas, boa parte do discurso midiático do “apoio” ao esporte gira em torno do argumento de que falta ao Brasil um planejamento adequado para desenvolvê-lo<sup>134</sup>. Esta pesquisa, portanto, quer prestar uma contribuição no sentido de apontar alguns dos passos para a construção desse plano necessário.

---

<sup>134</sup> Um exemplo pode ser encontrado em: [https://www.espn.com.br/blogs/maquinadoesporte/797411\\_falta-de-dinheiro-nao-e-o-problema-do-esporte-olimpico](https://www.espn.com.br/blogs/maquinadoesporte/797411_falta-de-dinheiro-nao-e-o-problema-do-esporte-olimpico). Acessado em: 5/7/2022.

## 7. Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, M. *A Representação da Natação por Atletas Adolescentes Masculinos de Alto Rendimento*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: CFCH, 2008.

ANDRADE, A.; SALGUERO, A.; MÁRQUEZ, S. Motivos para a participação esportiva em nadadores brasileiros. *Fitness & Performance Journal*, v.5, no 6, p. 363-369, 2006.

ANDREWS, D; CARRINGTON, B. (Org). *A Companion to Sport*. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2013.

*Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais/Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales*, v.3, 1-27, 2019.

BARROS, J.C.T.S.; DE ROSE Jr.; D. Situações de stress na natação infanto-juvenil: atitudes de técnicos e pais, ambiente competitivo e momentos que antecedem a competição. *Revista Brasileira Ciência & Movimento*, 2006; 14(4): 79-86.

BECKER, H. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BELEZA, J., MÜLLER, J., & PEREIRA, C. Museus, coisas e pessoas: três estudos de caso para refletir sobre os vínculos entre materialidade e vida social. *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 27, 1-24, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e19>

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

CARRINGTON, B. “What’s the Footballer Doing Here?” Racialized Performativity, Reflexivity, and Identity. *Cultural Studies – Critical Methodologies* (CSCM), 8, 423-452, 2008. <https://doi.org/10.1177/1532708608321574>

\_\_\_\_\_. Vídeo de apresentação do projeto Cultural Politics of Sports. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VXtQ7TDPGwo>>. Acessado em 1/2/2020 e revisitado em 3/11/2020.

CARRINGTON, B; MCDONALD, I. *Marxism, cultural studies and sport*. New York: Routledge, 2009.

ELLIS, C. (1999). Heartful Autoethnography. *Qualitative Health Research*, Vol. 9, n. 5.

FREITAS, R.; LINS, F.; SANTOS, M.H. Megaeventos: a alquimia incontroleável da cidade. In: *Dossiê – Megaeventos e espaço urbano*. Edição 40, n.24, v.1, sem1 - 2014.

- GASTALDO, E. Estudos Sociais do Esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. *Logos*, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 6-15, 2010. <https://doi.org/10.12957/logos.2010.853>.
- GAYA, A; MARQUES, A; TANI, G. *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre, Brazil: Editora da UFRGS, 2004.
- GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOFFMAN, E. The interaction order. In: *American Sociological Review*. Vo.48, 1982.
- GROPPO, L.A. *Introdução à sociologia da Juventude*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GROSSBERG, L. *We gotta get out of this place: popular conservatism and postmodern culture*. New York and London: Routledge, 1992.
- HAENFLER, Ross. *Subcultures: the basics*. New York: Routledge, 2014.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2006
- HATJE, M. Esporte e Sociedade: uma relação pautada pela mídia. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Esportiva, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/136870314056834084266184517729546795046.pdf>
- HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. In: *Comunicação, Mídia e Consumo*. Vo.8, n.21, p11-31, 2011.
- HELAL, R. Futebol, Mídia e Nação: um breve relato do campo acadêmico. In: Helal, R; Mostaro, F. *Narrativas do Esporte na Mídia: reflexões e pesquisas do Leme*. Curitiba: Appris, 2020.
- HELAL, R. *O que é Sociologia do Esporte*. São Paulo: Editora Braziliense, 1990.
- LANG, A. Discipline in crisis? The shifting paradigm of mass communication research. *Communication Theory*, 23 (1), 2013, p.13. International Communication Association.
- LOVISOLO, H. Introdução. In: Helal, R; Soares, A.J; Lovisolo, H. *A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. (org). *Mannheim*, Col. Grandes Cientistas Sociais-25. São Paulo: Ática, 1982.

MESSNER, M.A. *It's All for the Kids: Gender, Families, and Youth Sports*. Berkeley e Los Angeles, CA: University of California Press, 2009.

MILLS, C.W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MORGAN, W.J. *Why Sports Morally Matter*. New York, NY: Routledge, 2006.

MÜLLER, J. The Children of the Revolution, the Nation's Future: Understanding the Multigenerational Audience of the Rock in Rio Music Festival. *International Journal of Communication*, v.14, p.18, jan.2020. Disponível em: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/11638>>. Acessado em: 6/2/2020.

PAIS, J.M. *Culturas Juvenis*. Lisboa: INCM, 2003 [1993].

PEIRANO, M. Etnografia não é método. In: *Horizontes Antropológicos*. Vol42, pp.377-391, 2014.

PEREIRA, C. Autoetnografia, filhos e reflexividade científica: algumas questões metodológicas de uma investigadora que também é mãe.

PEREIRA, C; BELEZA, B. *A cultura material nas (sub)culturas juvenis: Do DIY às trocas digitais*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

ROCHA, E; PEREIRA, C. *Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SAVAGE, J. *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro, Rocco, 2009.

\_\_\_\_\_. *Teenage: The Prehistory of Youth Culture: 1875-1945*. New York: Penguin Group, 2008.

SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TAVARES, S.I.T. *Jovens Media e Cidadania: O papel dos media mediante o legado dos Jogos Olímpicos junto dos jovens*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional em Comunicação e Consumo (COMUNICON), 2013. Disponível em: <<http://www.memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/583/1/TAVARES.jovens.2013.pdf>>. Acessado em 20/7/2022.

TOMAZ, Renata. “Criança pode cantar e dançar funk?” – as repercussões dos vídeos de MC Melody e as disputas no campo da infância. *Estudos Semióticos*. [online]. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse>>. Volume 12, Número 2, p.90-97, 2016.

WACQUANT, L. *Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WILTSE, J. *Contested Waters: A Social History of Swimming Pools in America*.  
The University of North Carolina Press, 2007.

## MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

*Adolescence research must grow up.* In: *Nature*, Collection Adolescence, vol 554, Editorial, fevereiro, 2018. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/d41586-018-02185-w>>. Acessado em 9/7/2019.

LEDFOORD, H. *The shifting Boundaries of Adolescence.* In: *Nature*, Collection Adolescence, vol.554, Fevereiro, 2018.

*Next Generation Leaders:* from a refugee boxer to a prolific youtuber, meet 10 young people forging new paths in politics, music and more. In: *Time*, vol.193, no.20, 2019, p. 32-43.

*O Globo termina 2019 como líder do país.* Jornal O Globo, 23/01/2020. Disponível em: <[https://oglobo.globo.com/economia/o-globo-termina-2019-como-lider-no-pais-1-24205934?utm\\_source=aplicativoOGlobo&utm\\_medium=aplicativo&utm\\_campaign=compartilhar](https://oglobo.globo.com/economia/o-globo-termina-2019-como-lider-no-pais-1-24205934?utm_source=aplicativoOGlobo&utm_medium=aplicativo&utm_campaign=compartilhar)>. Acessado em: 4/2/2020.